

BONS AMIGOS

MANUAL DO
PROFESSOR

ARTE

3

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

Editora responsável:
**Ana Carina
da Cunha Marques**

Organizadora: FTD EDUCAÇÃO
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela FTD Educação.

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0116P230102000060
PNLD 2023 • OBJETO 1
Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

FTD

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

BONS AMIGOS

ARTE

MANUAL DO
PROFESSOR

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

3

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD



Bons Amigos – Arte – 3º ano
(Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © FTD Educação, 2021

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).

Mestre em Dança pela UFBA-BA.

Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.

Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinícius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scriba Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.), Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.), Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira, Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 3º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-731-6 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-732-3 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-741-5 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-742-2 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73388

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Neste **Manual do professor**, você vai encontrar apoio e subsídios para trabalhar com o componente curricular **Arte**. Nele, são apresentados comentários e orientações sobre os conteúdos das unidades, atividades extras, momentos sugeridos de avaliação e sugestões de livros, filmes e *sites* que auxiliarão no ensino e na aprendizagem desse componente. Além disso, há a descrição das estruturas do **Livro do estudante** e deste **Manual do professor** e um quadro anual de conteúdos contendo uma sugestão de itinerário distribuindo os conteúdos do volume ao longo do ano letivo.

Este manual foi produzido tanto para facilitar a preparação das aulas quanto para auxiliar no dia a dia em sala de aula e nos diferentes momentos de avaliação. Vale ressaltar que as sugestões podem ser adequadas de acordo com a realidade da turma e da escola. Esperamos que seja uma ferramenta útil e enriquecedora no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Desejamos a você um ótimo ano letivo!

SUMÁRIO

● O Livro do estudante e o Manual do professor V	● Integração entre os componentes curriculares XI
A estrutura do Livro do estudante V	● Avaliação XI
A estrutura do Manual do professor V	● O ensino de Arte XIII
● A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) VI	Arte e BNCC XIV
As Competências gerais da Educação Básica VII	As linguagens da Arte na coleção XIV
As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental VIII	● Quadro anual de conteúdos • 3º ano XV
As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental IX	Início da reprodução do Livro do estudante 1
● A Política Nacional de Alfabetização (PNA) IX	Apresentação 3
Literacia e Literacia familiar IX	Sumário 4
Os componentes essenciais para a alfabetização X	Viva a Arte! 6
Cognição matemática: numeracia X	Vamos iniciar 8
	Como desenvolver alguns tipos de atividades 11 • MP
	Introdução • Unidade 1 12 • MP

UNIDADE 1	CONTANDO HISTÓRIAS.....	12
	Conclusão • Unidade 1.....	21 • MP
	Introdução • Unidade 2.....	22 • MP
UNIDADE 2	MÁSCARAS E TECIDOS: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRICANAS.....	22
	Conclusão • Unidade 2.....	35 • MP
	Introdução • Unidade 3.....	36 • MP
UNIDADE 3	ARTES INDÍGENAS.....	36
	Conclusão • Unidade 3.....	49 • MP
	Introdução • Unidade 4.....	50 • MP
UNIDADE 4	MITOLOGIA.....	50
	Conclusão • Unidade 4.....	59 • MP
	Introdução • Unidade 5.....	60 • MP
UNIDADE 5	O FOLGUEDO DO BOI.....	60
	Conclusão • Unidade 5.....	73 • MP
	Introdução • Unidade 6.....	74 • MP

UNIDADE 6	A MÚSICA BRASILEIRA.....	74
	Conclusão • Unidade 6.....	85 • MP
	Introdução • Unidade 7.....	86 • MP
UNIDADE 7	MESTRES DA CULTURA POPULAR.....	86
	Conclusão • Unidade 7.....	95 • MP
	Introdução • Unidade 8.....	96 • MP
UNIDADE 8	MESTRES NA DANÇA E NA MÚSICA.....	96
	Conclusão • Unidade 8.....	105 • MP
	Referências complementares para o professor	106 • MP
	Vamos concluir	106
	Saiba mais.....	108
	Referências bibliográficas.....	111
	Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	112 • MP
	Referências bibliográficas comentadas – Manual do professor.....	114 • MP

O Livro do estudante e o Manual do professor

Esta coleção é composta de cinco volumes destinados aos estudantes e professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ela foi desenvolvida com o objetivo de atender aos fundamentos pedagógicos da BNCC e da PNA. Cada volume contém 8 unidades, que contemplam seções para desenvolver as habilidades de literacia, bem como as habilidades relacionadas aos objetos de conhecimento do componente curricular **Arte** propostos pela BNCC. Além disso, a inclusão dos Temas contemporâneos transversais contribui no sentido de promover a cidadania.

A estrutura do Livro do estudante

A seguir, apresentamos as características das seções e de outros elementos que compõem a coleção, além dos ícones que foram explicados no **Livro do estudante**.

Viva a Arte!

Presente no início de cada volume, essa seção busca fazer uma apresentação lúdica, e com uma linguagem próxima do universo infantil, dos conteúdos do componente curricular **Arte** que serão trabalhados em cada ano. Por seu caráter mais livre, pode ser abordada tanto junto à avaliação diagnóstica proposta na seção **Vamos iniciar**, quanto pode ser retomada em demais momentos do ano letivo.

Vamos iniciar

Essa seção, presente no início de cada volume, tem o objetivo de avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos esperados para o ano de ensino (avaliação diagnóstica).

Páginas de abertura

As páginas de abertura têm como objetivos marcar o início de cada unidade, despertar a atenção do estudante para o que será visto e relacionar os conteúdos aos seus conhecimentos prévios e à sua realidade próxima.

Conteúdo

Os conteúdos são apresentados por meio do texto principal e das seções presentes nos temas. Com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, as atividades relacionadas aos conteúdos são apresentadas ao longo da teoria, de modo integrado. As atividades têm estruturas variadas e podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades da BNCC e dos componentes da PNA.

Vocabulário

Elemento que aparece ao longo das unidades sempre que houver a necessidade de explicar o significado de uma palavra importante para a compreensão do texto.

Boxe complementar

Um acréscimo ao conteúdo da unidade, muitas vezes com informações interessantes.

Coletivamente

Essa seção explora os Temas contemporâneos transversais, contribuindo com a formação cidadã dos estudantes por meio de reflexões e propostas de resoluções para problemas, de modo que eles sejam

atuantes na sociedade em que vivem. É subdividida em **Conhecendo o problema**, **Organizando as ideias** e **Buscando soluções**, para que assim os estudantes tenham contato com uma situação-problema, reflitam sobre ela e busquem uma solução prática. O Tema contemporâneo transversal desenvolvido é identificado no **Manual do professor**.

Entre textos

Promove o trabalho com diferentes gêneros textuais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas de linguagem (leitura, escrita e oralidade) e aos quatro processos gerais de compreensão de leitura (localizar e retirar informação explícita de textos; fazer inferências diretas; interpretar e relacionar ideias e informação; analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais). A seção apresenta as subdivisões **Explorando o texto** e **Além do texto**.

Fala artista

O objetivo dessa seção é apresentar a visão de algum artista ou produtor cultural específico. Isso é feito ao apresentar trechos de entrevistas ou declarações desse artista sobre assuntos referentes à sua produção ou a aspectos da Arte em geral.

Venha conhecer

Essa seção pretende apresentar espaços específicos onde estão obras de arte ou onde ocorrem produções artísticas. Nesse sentido, busca-se abarcar museus, galerias, espaços públicos, teatros, conchas acústicas etc.

Em destaque

Nessa seção, busca-se destacar as características específicas de determinado contexto, artista, obra, técnica etc. que se relaciona ao tema abordado pela unidade.

Vamos avaliar o aprendizado

Essa seção tem como objetivo avaliar os estudantes em relação aos conteúdos abordados na unidade (avaliação formativa ou de processo).

Saiba mais

Apresenta sugestões de recursos extras, como livros e filmes. Cada sugestão é acompanhada por uma sinopse.

Vamos concluir

Essa seção, presente no final de cada volume, contém atividades cujo objetivo é avaliar os estudantes em relação aos conhecimentos adquiridos no ano letivo (avaliação de resultado ou somativa).

Referências bibliográficas

Referências de livros, revistas e sites que foram utilizadas na elaboração do **Livro do estudante** são apresentadas e comentadas ao final do livro.

A estrutura do Manual do professor

Este **Manual do professor** é organizado em duas partes. A primeira é a **Seção introdutória**, que explica a estrutura do **Livro do estudante** e deste manual, e apresenta a fundamentação teórica, de maneira prática e concisa, e o quadro anual de conteúdos – uma proposta de itinerário organizado por trimestres, bimestres, semanas e aulas, indicando momentos de avaliação formativa ao longo do volume, também podendo ser utilizado como um índice.

A segunda parte refere-se à reprodução das páginas do **Livro do estudante** na íntegra, em tamanho reduzido, com orientações, comentários e sugestões de condução para as atividades, potencializando a prática docente. Para cada unidade, essa parte do manual apresenta uma página de introdução e uma de conclusão, entre outros elementos que colaboram com a prática docente e o dia a dia do professor em sala de aula. É importante ressaltar que essa segunda parte do **Manual do professor** foi elaborada de modo a explicitar os procedimentos da aula de forma prática e ao mesmo tempo detalhada, sendo orientador para a prática do professor, como um roteiro de aulas estruturadas. Uma síntese desse detalhamento é expressa no rodapé da primeira página das seções **Vamos iniciar** e **Vamos concluir** e na **Introdução** das unidades, por meio da **Proposta de roteiro**, que sugere como estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos do livro.

Conheça a seguir a estrutura da parte que reproduz a totalidade do **Livro do estudante**.

Como desenvolver alguns tipos de atividades

Presente no início da reprodução do **Livro do estudante**, essa seção intercalada às reproduções das páginas do livro traz propostas de atividades que o professor pode desenvolver ao longo do ano letivo, como forma de avaliação diagnóstica.

Vamos iniciar

Dá sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos apresentados.

Proposta de roteiro

Apresenta um roteiro sintético, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos.

Introdução da unidade

Apresenta os objetivos pedagógicos a serem abordados na unidade, trazendo uma introdução aos conteúdos, conceitos e atividades e como estas se relacionam com o objetivo e com os pré-requisitos pedagógicos para sua realização; e uma **Proposta de roteiro**, que sugere como o professor pode estruturar as aulas nas semanas com base nos conteúdos da unidade.

Sugestão de estratégia inicial

Dicas para que o professor possa iniciar a aula, abordar o conteúdo ou realizar uma avaliação diagnóstica de maneira diferente ao longo da unidade.

BNCC e PNA / BNCC / PNA

Apresenta comentários para as relações entre o conteúdo do **Livro do estudante** e os elementos da BNCC e/ou da PNA.

Os comentários e as explicações de caráter prático referentes às atividades do **Livro do estudante** e as considerações pedagógicas a respeito de possíveis dificuldades dos estudantes na resolução das atividades, bem como alternativas para consolidar conhecimentos, são inseridos em tópicos ao longo da unidade.

Orientações complementares

Comentários complementares a algumas respostas de atividades e questões.

Atividade extra

Apresenta sugestões de atividades complementares, jogos, brincadeiras, adaptações, variações e conteúdos relacionados aos que aparecem no **Livro do estudante**.

Sempre que oportuno, são apresentadas citações que fundamentam o conteúdo da unidade, do tema ou da seção.

Objetivos

Lista os objetivos pedagógicos para as seções **Coletivamente** e **Entre textos**.

Avaliando

Propõe avaliações formativas para que o professor verifique a aprendizagem dos estudantes em diferentes momentos.

Vamos avaliar o aprendizado

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares

Dá sugestões de filmes, livros, *sites*, documentários, entre outras, contribuindo para a formação do professor.

Conclusão da unidade

Apresenta possibilidades de avaliação formativa e monitoramento da aprendizagem para cada objetivo pedagógico desenvolvido na unidade, contribuindo para a observação e o registro da trajetória de cada estudante.

Vamos concluir

Apresenta sugestões de condução e de intervenção para a seção do **Livro do estudante**, levando em consideração as características das atividades e dos conteúdos.

Referências complementares para o professor

Indicações de livros, *sites*, filmes, entre outras, com o objetivo de complementar a prática docente.

Referências bibliográficas comentadas – Manual do professor

Referências de livros e artigos utilizados na elaboração do **Manual do professor** são apresentadas e comentadas ao final do manual.

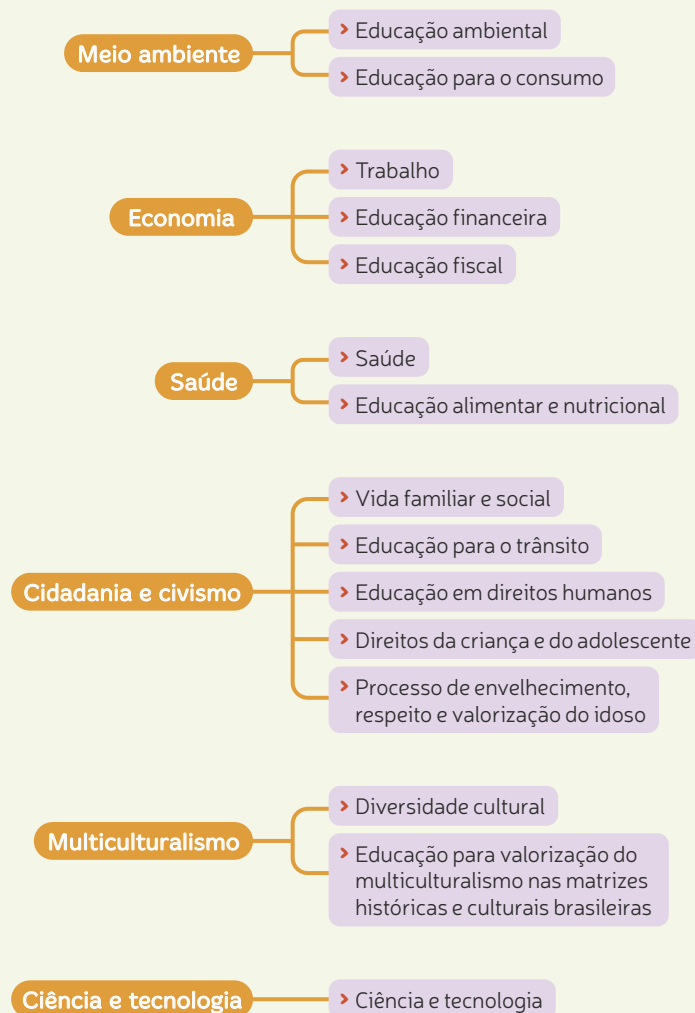
A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Desde a publicação da Constituição Federal, em 1988, há, no artigo 210, uma previsão de uma base comum para a educação. Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, as discussões sobre a criação de um documento para nortear os currículos da Educação Básica em todo o país ganharam destaque novamente. Em 2018, após debates e contribuições da sociedade e de educadores, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De modo geral, a BNCC propõe uma progressão de aprendizagens que contribuam para a formação humana integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. O documento orienta um aprendizado por meio de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas em cada segmento de ensino.

As cinco áreas de conhecimento da BNCC são compostas por componentes curriculares, que, por meio de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, têm como objetivo o desenvolvimento das Competências gerais e específicas (a descrição das

unidades temáticas, dos objetos de conhecimento e das habilidades deste volume estão na página 112 MP deste **Manual do professor**. Para enriquecer esse trabalho, sempre que possível, as propostas pedagógicas dos currículos devem abordar os Temas contemporâneos transversais, que contribuem para a formação cidadã do estudante. De acordo com o documento *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*, publicado em 2019, esses temas têm relevância local, regional e global e são divididos em seis macroáreas com quinze subdivisões. Veja no esquema a seguir.



As Competências gerais da Educação Básica

A BNCC defende que, ao longo da Educação Básica, os estudantes desenvolvam dez Competências gerais, que envolvem mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Veja cada uma no quadro a seguir.

Competências gerais da Educação Básica

- 1 Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- 2 Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3 Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 4 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5 Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6 Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7 Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8 Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9 Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10 Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

Na prática, a BNCC propõe que o conteúdo chegue à sala de aula vinculado a contextos reais, o que exige novas estratégias do professor, como a transposição didática, observando a vivência dos estudantes

e a necessidade de converter esse conteúdo em uma linguagem científica e adaptada ao segmento escolar deles. Para isso, exigem-se do professor o estudo e a reavaliação de sua prática de modo constante. Veja a seguir algumas ações para trabalhar as Competências gerais e que podem ser aplicadas no trabalho com os conteúdos apresentados nesta coleção.

Ação docente

Competência geral 1: Proporcionar ao estudante a valorização e o reconhecimento da importância dos conteúdos já aprendidos e, por meio deles, entender a realidade e dar continuidade a novos conhecimentos, mostrando o motivo de estudar determinados conteúdos.

Competência geral 2: Exercitar a curiosidade intelectual do estudante e levá-lo a recorrer à abordagem da ciência para investigar causas, levantar hipóteses, formar e resolver problemas com base em diferentes conhecimentos por meio de experiências ou observações e analisar os resultados, alcançando novo patamar de conhecimento.

Competência geral 3: Proporcionar ao estudante o conhecimento e os benefícios de diferentes manifestações culturais em âmbito local, regional e global. Junto a isso, propiciar atividades de produções artísticas, como grupos de dança, elaboração de roteiros de teatro, atuação em peças de teatro, festivais musicais e paraus.

Competência geral 4: Dar subsídios ao estudante para se comunicar por meio de diferentes linguagens, selecionando a mais apropriada para diferentes situações.

Competência geral 5: Apresentar diferentes tecnologias e verificar a compreensão que o estudante tem sobre elas. Trabalhar com aplicativos e diversificar a utilização de aparelhos tecnológicos em sala de aula como recursos metodológicos.

Competência geral 6: Criar no estudante a perspectiva de futuro valorizar a liberdade, a autonomia e a consciência crítica na escolha profissional e pessoal com consciência e responsabilidade. Valorizar toda diversidade trazida pelos diferentes saberes e experiências para fazer suas opções, exercitando a cidadania.

Competência geral 7: Ofertar subsídios para que o estudante tenha a capacidade de argumentar com base em fatos, sabendo selecionar fontes e dados confiáveis para negociar pontos de vistas, persuadir e apresentar ideias.

Competência geral 8: Levar o estudante a se compreender e a se valorizar dentro da diversidade com suas especificidades no coletivo.

Competência geral 9: Promover no estudante o exercício da empatia, estabelecendo o diálogo com as pessoas, resolvendo conflitos e coordenando pontos de vistas, respeitando o outro e fazendo-se respeitar dentro de um ambiente democrático que se quer viver.

Competência geral 10: Contribuir para que os estudantes atuem pessoal e coletivamente de modo responsável, guiados por princípios éticos e que regem a cidadania, tendo a consciência de que ações individuais e coletivas estão alinhadas à tomada de decisões inclusivas, sustentáveis e solidárias.

As Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

A BNCC explicita que, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes desenvolvam sete Competências específicas de Linguagens, descritas no quadro a seguir.

Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

- 1 Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- 2 Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- 3 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- 4 Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 5 Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 6 Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 65. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

As Competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental

De acordo com a BNCC, ao longo do Ensino Fundamental, os estudantes devem desenvolver sete Competências específicas de Arte. Veja a descrição de cada uma delas no quadro a seguir.

Competências Específicas de
Arte para o Ensino Fundamental

- 1 Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- 2 Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- 3 Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- 4 Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- 5 Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- 6 Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
- 7 Problematicar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- 8 Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- 9 Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. p. 198. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.



A Política Nacional de Alfabetização (PNA)

Com base na Ciência Cognitiva da Leitura, ou Ciência da Leitura, a Política Nacional de Alfabetização (PNA) entende a promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, por meio do estudo da mente e do funcionamento do cérebro. A PNA foi instituída pelo decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, e é uma política educacional com objetivo geral de implementar programas e ações para a melhoria na qualidade da alfabetização em todo o território nacional.

Considerando o livro didático como um instrumento orientador para essas ações, esta coleção procura oferecer condições para que os estudantes desenvolvam suas habilidades para a aprendizagem e a alfabetização e, do mesmo modo, aproximem o professor do conhecimento científico proposto na PNA de maneira aplicável ao cotidiano da sala de aula. As atividades propostas nos volumes da coleção estão desenvolvidas de forma intencional e progressiva, visando alcançar o desenvolvimento das habilidades de leitura, de escrita e de conhecimentos de numeracia.

Literacia e Literacia familiar

A PNA considera que o processo de leitura e escrita, com base na ciência cognitiva da leitura, deve ser intencional e sistemático na prática de ensino nas escolas. A aprendizagem da leitura e da escrita, nesse contexto, não é natural nem espontânea e precisa ser ensinada sistematicamente, explicitando o sistema alfabético ao estudante. Dessa maneira, é importante que o professor compreenda os diferentes níveis de literacia para conduzir a prática de ensino em sala de aula, contribuir com práticas familiares e contemplar de modo intencional todos os elementos necessários para que o estudante aprenda o sistema alfabético, as regras que conduzem a codificações e decodificações e as representações gráficas das letras e dos sons referentes a cada uma delas.

As pesquisas relacionadas à neurociência e à psicologia cognitiva demonstram como os processos cerebrais podem ser instigados para uma aprendizagem eficaz por meio de hábitos de leitura, escrita e apreciação literária.

[...]

A psicologia cognitiva aborda a questão da leitura como poderia realizá-la um robô. Cada leitor dispõe de um captor: o olho e sua retina. As palavras aí se fixam sob a forma de manchas de sombra e luz, as quais devem ser decodificadas sob a forma de signos linguísticos compreensíveis. A informação visual deve ser extraída, destilada, depois recodificada um formato que restitua a sonoridade e o sentido das palavras. Temos necessidade de um algoritmo de decodificação, semelhante em seus princípios àquele de um *software* de reconhecimento dos caracteres, capaz de passar as manchas de tinta da página às palavras que ela contém. Sem que tenhamos consciência, nosso cérebro realiza uma série de operações sofisticadas cujos princípios começam somente a ser compreendidos.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 26.

A literacia considera habilidades a serem adquiridas pela criança antes da alfabetização formal e antes que se sinta inserida em um ambiente sistematizado para o conhecimento do sistema alfabético para que possa desenvolver e consolidar os níveis avançados de literacia. Nesse sentido, esta coleção é desenvolvida para ampliar as habilidades adquiridas pelos estudantes, avançando a literacia emergente no 1º ano do Ensino Fundamental, em contribuição à literacia familiar e ao desenvolvimento da alfabetização, explorando as habilidades de literacia no cotidiano escolar durante os demais anos do Ensino Fundamental.

Esse processo compreende a família como um agente fundamental para a alfabetização e integrante ao ambiente formal da escola, uma vez que a comunicação pressupõe a interação, que se faz presente desde o nascimento da criança. Entende-se como literacia familiar o conjunto dessas práticas vivenciadas pela criança com seus familiares antes mesmo que ela ingresse no ambiente escolar. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se complementa entre práticas familiares e escolares.

Veja a seguir alguns exemplos que a PNA dá de práticas e experiências de literacia familiar:

- leitura partilhada de histórias;
- conversas com a criança;
- narração de histórias;
- manuseio de lápis e tentativas de escrita;
- contato com livros ilustrados;
- modelagem da linguagem oral;
- desenvolvimento do vocabulário em situações de brincadeiras;
- jogos com letras e palavras;
- vivências em ambientes comunitários que promovam o contato com a linguagem oral e escrita.

O caráter qualitativo dessas práticas interfere no êxito da aprendizagem da leitura e da escrita. De acordo com estudos de literacia, os suportes essenciais para a alfabetização ocorrem naturalmente no cotidiano do estudante, e as oportunidades para que ele manipule, explore e utilize a leitura e a escrita trazem um impacto de considerável importância (MATA, 2012). Com isso, as práticas de literacia familiar continuam sendo incentivadas mesmo que a criança já esteja no ambiente da escola. Sendo assim, esta coleção traz estratégias convidativas para atividades a serem realizadas em casa, no intuito de contribuir com o avanço do estudante nos níveis de literacia.

Os componentes essenciais para a alfabetização

Os componentes essenciais para a alfabetização apresentados na PNA são desenvolvidos nesta coleção de modo gradual e intencional, sugerindo opções práticas para que o professor possa abordar os conhecimentos de leitura e de escrita, instrumentalizando o ensino para o estudante. Veja a seguir algumas estratégias para desenvolver esses componentes.

- A **consciência fonêmica** em sala de aula pode ser explorada pelo professor com a intencionalidade de apresentar aos estudantes o conhecimento das menores unidades da fala (fonemas). Atividades que envolvam brincadeiras cantadas e fórmulas de escolha possibilitam a observação do fonema. Com essas brincadeiras, espera-se que eles exercitem a identificação com o grafema. A brincadeira cantada pode ser escrita na lousa ou até mesmo no chão, e, conforme os estudantes cantam, o professor marca as partes cantadas.
- A **instrução fônica sistemática** permite aos estudantes adquirir o conhecimento do nome, das formas e dos sons das letras (**conhecimento alfabético**), estabelecer a relação das letras e dos sons, ou seja, dos grafemas e fonemas (**consciência fonêmica**) e desenvolver a habilidade de identificar e manipular intencionalmente a linguagem oral, como palavras, sílabas, aliterações e rimas (**consciência fonológica**). Cabe ao professor, então, conduzir o ensino do conhecimento fônico diariamente, apresentando aos estudantes a lógica presente no som de cada letra com as palavras e imagens correspondentes. A construção de alfabetos feitos com a ajuda deles torna-se um instrumento eficaz e exitoso, e as palavras presentes nesses alfabetos podem ser sistematizadas pelo professor em atividades de registro e sequências didáticas.
- A **fluência em leitura oral**, que é a habilidade de ler textos com velocidade, precisão e prosódia, deve ser incentivada pela leitura em voz alta para que os estudantes experimentem e compreendam o que leem. A leitura em voz alta é um exercício cotidiano na prática de ensino, e o professor deve observar o avanço dos estudantes sistematicamente. De maneira prática, é o professor que possibilita a eles que leiam diariamente sílabas, palavras, frases e textos, de acordo com a fase em que se encontram. Também é

possível organizar um momento do dia e utilizar o recurso do gravador de voz dos aparelhos celulares, criando uma expectativa para esse momento e deixando a leitura divertida. Pode haver alternância para ler, com propostas de leitura individual, em duplas ou coletivamente. As palavras, frases ou textos lidos estão no próprio livro didático ou podem partir do contexto de um tema proposto nas unidades ou de interesse da turma. A ordem da leitura também pode seguir a sequência alfabética para permear outros componentes da alfabetização.

- O **desenvolvimento de vocabulário** permeia as práticas desde a literacia em seu nível mais básico até a literacia disciplinar. Para promover o conhecimento de novas palavras, o ambiente escolar, em ação conjunta com a família, deve apresentar o maior número e variação de palavras possíveis para os estudantes. Essa ação deve ser intencional e planejada pelo professor. A coleção explora o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo, introduzindo os estudantes em contexto de novos significados e oportunizando, pelas atividades orais e de registro, a aplicação de novas palavras. O professor e a família não devem poupá-los de palavras consideradas de difícil entendimento, aderindo ao uso somente de palavras básicas, infantilizando a relação oral ou subestimando a possibilidade de compreensão. Cabe lembrar que o desenvolvimento do vocabulário deve ser explorado no cotidiano e nas experiências das práticas sociais, e é o professor que precisa estar atento às mediações sistematizadas para que haja apropriações significativas por parte dos estudantes.
- Segundo a PNA (BRASIL, 2019, p. 34), a **compreensão de textos** “é o propósito da leitura”. As estratégias de compreensão do que se lê de modo autônomo estão diretamente relacionadas ao vocabulário dos estudantes e vão além da capacidade de decodificar as palavras. É preciso que o professor promova ações de leitura de textos que conduzam os estudantes na compreensão do sentido daquela combinação de palavras. As estratégias de compreensão devem ser propostas em atividades de interpretação oral, de leitura em voz alta e de leitura silenciosa para que o cérebro processe o conteúdo exposto nas palavras. Se isso não for oportunizado pela experiência da leitura sistematizada e progressiva, observando a estrutura, o gênero textual, a pontuação aplicada e o exercício para a fluência, a compreensão dos textos será comprometida. Para isso, devem ser propostas situações de leitura adequadas à faixa etária e que desafiem os estudantes a ler em determinado tempo, perguntando ao final o que compreenderam com essa leitura. Diminua o tempo, acrescente palavras ao contexto e repita a proposta para que a habilidade seja estimulada.
- A **produção de escrita** deve ser praticada do 1º ao 5º ano e vai alcançando níveis de progressão mediante as estratégias intencionais do professor. Desde a escrita de letras, palavras ou textos, a atividade de representação gráfica é fundamental ao processamento cerebral e cognitivo para escrever de maneira autônoma, relacionando os grafemas e fonemas e compreendendo o sentido das palavras em contexto, além de observar as estruturas ortográficas e gramaticais em níveis mais avançados da literacia. Essa escrita, de acordo com a PNA, avança desde os primeiros movimentos de escrita, como na caligrafia, até atingir capacidades de organização do discurso, e isso só será alcançado se possibilitado aos estudantes o ensino sistemático das estruturas das formas, da ortografia e da organização de palavras em uma frase com sentido ao desenvolvimento de um enredo. Em sala de aula, o professor deve explorar os níveis da produção escrita. Uma proposta é elaborar um exercício contínuo em uma folha avulsa, caderno ou material específico para observar a escrita de cada estudante. Solicite a eles que no início do ano escrevam apenas uma palavra. Estabeleça uma rotina para retomarem esse material, propondo a continuidade ao que escreveram, empregando

novas letras, atribuindo valor sonoro ou acrescentando palavras que complementem o que já está escrito. Oportunize a escrita fazendo uma relação com o contexto vivido pelos estudantes.

Cognição matemática: numeracia

Com o intuito de buscar uma melhoria no rendimento escolar e no processo de aprendizagem dos alunos, a comunidade científica tem desenvolvido diferentes estudos e, nas últimas décadas, novas tecnologias de imagens cerebrais contribuíram para o surgimento das ciências cognitivas, como a neurociência cognitiva e a psicologia cognitiva.

Com isso, foi possível investigar como o cérebro organiza e se ocupa do processamento numérico, linguístico e cognitivo durante uma aprendizagem e no ensino das habilidades de literacia e de **numeracia**. Mais do que uma simples habilidade de contar numericamente, a intuição matemática fundamenta-se e expande-se por meio das representações cerebrais de espaço, número e tempo e abre caminho para competências mais complexas, que vão sendo fixadas conforme o avanço da instrução formal.

Ao defender a relevância dessa contribuição para a aprendizagem, a PNA recomenda que

[...] os professores, dada a importância que têm no processo de desenvolvimento da numeracia, precisam receber sólida formação em matemática elementar baseada em evidências científicas.

[...]

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC: Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021. p. 25.

Nos seres humanos, a representação interna para quantidades numéricas é desenvolvida desde os primeiros anos da infância. Evidências científicas dão conta de que crianças muito pequenas podem aprender a pensar e a comunicar-se por meio de habilidades matemáticas, inclusive mostrando-se capazes de aplicar raciocínio lógico na resolução de problemas e de compreender padrões e sequências. É essa capacidade de usar habilidades matemáticas de maneira apropriada e significativa na busca de respostas para situações simples ou complexas do dia a dia que conceitua a numeracia.

Pensando em colaborar para esse processo, as atividades desta coleção foram planejadas e elaboradas cuidadosamente, buscando fornecer subsídios significativos para o ensino de medidas, números e noções básicas espaciais e geométricas. Em sua tarefa como alfabetizador, o professor terá a oportunidade de explorar com os estudantes, em vários momentos, o raciocínio lógico por meio de situações lúdicas, além de ter à sua disposição atividades diversificadas, com estruturas que permitem desenvolver o reconhecimento de fatos aritméticos e, sempre que possível, convidam os estudantes a agir de modo crítico e criativo.

Integração entre os componentes curriculares

Desde a década de 1990, é levada em conta no Brasil a importância do trabalho interdisciplinar na escola. Atualmente, esse aspecto é ainda mais relevante, sendo incentivado em todos os níveis de ensino da Educação Básica.

A interdisciplinaridade é a relação entre dois ou mais componentes curriculares, ou seja, a abordagem interdisciplinar equivale aos vínculos estabelecidos entre dois ou mais componentes para obter um conhecimento maior, unificado e diversificado ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade tem o objetivo de integrar as diversas áreas do conhecimento, proporcionando uma compreensão maior da realidade. Com isso, os estudantes não só compreendem as respectivas

conexões como também são capazes de desfragmentar os conhecimentos para torná-los mais significativos do que eram antes de serem integrados entre si.

Para essa prática, é preciso determinar o modo como essa integração se dará. Pensando nisso, nesta coleção foram idealizadas algumas atividades cujo propósito é integrar diferentes componentes curriculares com uma abordagem menos fragmentada. Assim, espera-se contribuir para o aumento da criatividade e para a formação crítica e responsável do estudante na construção de seu conhecimento.

No ambiente escolar, a interdisciplinaridade atinge resultados positivos, uma vez que os estudantes iniciam parcerias contextualizando assuntos e integrando saberes. Essa dinâmica é importante para garantir que a aprendizagem ocorra não só com base na realidade deles, mas também com o ensino dos outros componentes.

Avaliação

A avaliação tem uma função fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é a oportunidade de investigar, diagnosticar, refletir sobre o processo e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e a atuação do professor.

É comum a ideia de impossibilidade de uma avaliação no componente curricular Arte que seja produtora e justa. A constatação de que “cada um tem um jeito de desenhar”, que se estende ao dançar, tocar e interpretar, muitas vezes justifica uma avaliação sem critérios e uma falta de entendimento por parte dos estudantes do seu desenvolvimento. Sim, cada um tem um jeito próprio de desenhar, dançar, interpretar e se expressar musicalmente, mas isso não impede que todo o processo de ensino e aprendizagem dessas linguagens possa ser avaliado. É a natureza subjetiva da Arte e do fazer artístico o seu maior valor, e não um impedimento ao processo avaliativo.

É imprescindível, portanto, levar em conta as especificidades da avaliação em Arte. Obviamente se faz necessário avaliar a produção dos estudantes, porém mais importante é avaliar seus processos de criação, considerando sua dimensão subjetiva.

De modo geral, uma maneira de avaliar os processos envolve a análise da relação que os estudantes estabelecem com as linguagens artísticas. Para isso, pode-se lançar mão de instrumentos como cadernos de desenho, portfólios, apresentações, exposições e atividades que explorem diferentes formas de movimento e poéticas corporais. Esses procedimentos podem ser enriquecidos com registros diversos, inclusive com o uso de novas tecnologias de registro e edição de áudio e imagens. Assim, torna-se possível ajudar os estudantes a se tornarem mais conscientes de seu percurso e de assumirem maior protagonismo em seu processo de aprendizagem. É preciso encontrar um equilíbrio de estratégias que demonstre o progresso do estudante tendo em vista o desenvolvimento de competências e habilidades, mas, principalmente, que esse desenvolvimento não seja relativo ao grupo, mas ao progresso individual de cada um.

Nesta coleção, a ação avaliativa do processo de ensino-aprendizagem propõe três modalidades principais.

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica constitui-se como o momento dedicado a identificar os conhecimentos já alcançados pelos estudantes, bem como suas necessidades e dificuldades.

É importante dar um lugar especial a essa avaliação, visto que por meio dela é possível reajustar as rotas e os objetivos estabelecidos para a construção do conhecimento.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação diagnóstica ocorre na seção **Vamos iniciar**. Nela, são propostas atividades que possibilitam determinar se será necessário retomar conteúdos, estabelecer

objetivos a serem alcançados pela turma e definir as práticas e as estratégias didáticas. A avaliação diagnóstica também pode ocorrer no início de cada unidade, pois as atividades das páginas de abertura servem para diagnosticar os conhecimentos prévios dos estudantes.

Avaliação formativa ou de processo

A avaliação formativa ou de processo acontece ao longo do período letivo. São os processos contínuos, que verificam se os estudantes alcançaram o cumprimento dos objetivos de cada etapa de aprendizagem. Desse modo, tal tipo de avaliação, quando articulado ao processo de ensino-aprendizagem, contribui para a aprendizagem da turma, à medida que possibilita ao professor realizar intervenções, propondo novas estratégias e procedimentos que visam à melhoria e/ou ao aprofundamento dos conhecimentos por parte dos estudantes.

Onde ocorre

Nesta coleção, a avaliação formativa ou de processo é destacada na seção **Vamos avaliar o aprendizado**, apresentada em cada unidade dos cinco volumes do **Livro do estudante**. Essa seção propõe atividades que retomam os principais conceitos e noções trabalhados, com vistas a averiguar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados. Além disso, nas laterais das páginas reduzidas do **Livro do estudante**, o **Manual do professor** apresenta o box **Avaliando**, com propostas de atividades avaliativas que permitem acompanhar a aprendizagem dos estudantes, trazendo objetivos e estratégias de intervenção. A avaliação formativa acontece também nas páginas de **Conclusão**, com a proposta de retomada dos principais objetivos de aprendizagem da unidade. Além disso, destacamos que faz parte do processo de avaliação formativa o hábito de transitar pela sala para observar os estudantes durante o desenvolvimento das atividades propostas. Esse acompanhamento mais ativo pode contribuir para incentivar os estudantes a se entenderem como parte do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo seu senso crítico e sua autonomia e fazendo-os assumir a responsabilidade pelos acertos e erros.

Avaliação de resultado ou somativa

Com base no trabalho desenvolvido com os estudantes ao longo do ano letivo e em consonância com as práticas pedagógicas adotadas pelo professor e pela escola, acontece a avaliação de resultado ou somativa. Por meio das informações obtidas com a avaliação de resultado, é possível saber se os estudantes conseguem relacionar a apreensão de conteúdos, conceitos e noções com resoluções de problemas da vida cotidiana. Além disso, com base nas respostas a essa avaliação, o professor poderá refletir sobre ações a serem tomadas para sanar possíveis dificuldades dos estudantes. É comum que essa avaliação confira o desenvolvimento dos estudantes de maneira classificatória, por meio de testes e atribuição de notas. Nessa perspectiva, surge o equívoco de que avaliar restringe-se à aplicação de testes e à emissão de notas. Nesse sentido, é importante entender que a nota é uma das formas, entre muitas, de mostrar os resultados de uma avaliação. É preciso desvincular o pensamento de que a avaliação de resultado é a mais importante por mensurar em números o aprendizado. Ela é a consequência da avaliação diagnóstica pontual e da avaliação formativa bem vivenciada. Se as duas práticas ou ações avaliativas

mencionadas forem assertivas, o resultado em números oferecido pela avaliação de resultado será satisfatório, porque será o reflexo de um aprendizado que ocorreu de modo efetivo. Ainda assim, resultados diferentes ou abaixo do esperado não podem ser tomados como sentenças, mas como apontamentos para a retomada da avaliação formativa, com seus caminhos e objetivos.

Onde ocorre

Ao final de cada um dos cinco volumes desta coleção, é apresentada aos estudantes a seção **Vamos concluir**, com atividades que permitem ao professor obter os resultados avaliativos dos conhecimentos adquiridos por eles no decorrer do ano letivo. As atividades propostas possibilitam ao professor averiguar a necessidade de estratégias de remediação, retomando os objetivos pedagógicos quando assim se fizer necessário.

Para um sistema de avaliação eficiente, é recomendável a combinação das três modalidades, além de usar diferentes instrumentos que auxiliem a obter informações sobre a evolução da aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, a avaliação pode acontecer por meio da montagem de um portfólio, das observações do professor e do registro em fichas avaliativas. Isso visa contemplar não só o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, mas a maneira como cada um aprende, com atenção especial às habilidades que eles desenvolvem com mais facilidade e as que demandam mais atenção e auxílio para serem desenvolvidas.

Reconstruindo o significado e a importância de cada avaliação dentro do processo de ensino-aprendizagem, é possível promover o desenvolvimento das habilidades e competências esperadas para cada segmento de ensino de modo assertivo e pontual, além de despertar a corresponsabilidade e a autonomia dos estudantes sobre a construção de seu conhecimento. Dessa forma, além de auxiliar a repensar a prática pedagógica, é possível aperfeiçoá-la e reajustá-la, visando alcançar e suprir as necessidades identificadas pelo professor. Cada estudante é atendido em suas especificidades, e assim a turma evolui de maneira proveitosa e positiva.

Veja a seguir uma sugestão de ficha avaliativa e uma autoavaliativa que podem ser utilizadas para o registro de suas observações diárias.

Ficha de avaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
O estudante:	Sim	Às vezes	Não
demonstra interesse nas aulas?			
compreende os conteúdos?			
faz as atividades propostas nas aulas?			
participa das atividades em grupo?			
escuta e respeita as opiniões dos colegas?			
demonstra autonomia quando faz as atividades?			

Ficha de autoavaliação			
Professor:	Período de observação:		
Estudante:	Ano:	Turma:	
Eu...	Sim	Às vezes	Não
tenho interesse nas aulas?			
compreendo os conteúdos?			
pergunto as minhas dúvidas para o professor?			
faço as atividades propostas nas aulas?			
participo das atividades em grupo?			
escuto e respeito as opiniões dos colegas?			
faço as atividades com autonomia?			
sou organizado com meu material escolar?			
ajudo a manter a organização da sala de aula?			
tenho uma boa convivência com meus colegas?			

Com o intuito de auxiliar o monitoramento das aprendizagens, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação de acompanhamento individual das aprendizagens, como o modelo apresentado a seguir. Você pode utilizar fichas desse tipo quando trabalhar com as seções **Conclusão** das unidades deste **Manual do professor**.

Ficha de acompanhamento individual das aprendizagens				
Legenda: S (Sim) N (Não) P (Parcialmente)				
Estudante:				
Ano:	Período letivo do registro:			
Objetivos avaliados	S	N	P	
Preencher com o objetivo.				
Preencher com o objetivo.				
Observações				

O ensino de Arte

De acordo com a antropóloga francesa Michèle Petit, ensinar é apresentar o mundo para as novas gerações. Desse modo, a transmissão cultural, conceito amplo e muito debatido, se constitui na possibilidade que os adultos têm para construir novas perspectivas para o mundo. Para essa estudiosa, a transmissão cultural possibilita:

“[...] construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano; oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida. [...] É preciso transmitir o mundo às crianças, ensiná-las a amá-lo, para que elas um dia tenham vontade de assumir a responsabilidade por ele.”

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 23.

Diante disso, esta coleção se apresenta como um material de apoio para os professores e professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Visando auxiliá-los na construção dessas novas perspectivas, esta coleção busca:

- ser coerente e adequada à idade dos estudantes;
- considerar o desenvolvimento dos estudantes em seus aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores;
- possibilitar a expressão de emoções pessoais;
- valorizar o cuidado com a comunidade;
- permitir a aquisição de competências e habilidades;
- demonstrar amor e respeito pela arte e pela cultura.

A seleção de conteúdos que abrangem as diferentes linguagens da Arte (Dança, Artes visuais, Música e Teatro, além das Artes Integradas) em seus aspectos particulares, suas interseções, e a organização em sequências didáticas adequadas às idades não são suficientes sem os grandes responsáveis por essa relação afetiva para o ensino: os professores e as professoras. Com suas experiências, afetos, saberes e histórias particulares, eles devem ser os autores e protagonistas do seu próprio trabalho, desenvolvendo percursos de ensino e aprendizagem da Arte junto com os estudantes.

Esta é uma coleção feita por professores para professores e estudantes. É feita para auxiliar o trabalho daqueles que ensinam, aprendem, teorizam, pesquisam, administram seus saberes e conhecem o potencial da Arte no sentido de elevar os padrões na educação. Compreendida no campo da cultura, a Arte pode tornar-se mais familiar aos estudantes ao se aproximar do cotidiano deles. É importante que o professor compreenda o contexto cultural dos estudantes, os conhecimentos prévios que eles têm sobre diferentes formas de arte, as experiências e aprendizagens na disciplina, enfim o universo em que eles estão inseridos. Dessa forma, pode fazer adequações e orientações relacionadas à realidade dos estudantes e da escola em que ensina.

Esta coleção procura engajar a comunidade educativa no conceito de educação para a Arte. Os professores realizadores desta coleção acreditam que esse engajamento contribui para o desenvolvimento integral das pessoas; promove a fruição das artes e da cultura; e possibilita a formação de cidadãos sensíveis à realidade que os rodeia. Acreditam, assim, na formação de cidadãos que respeitam e integram a diversidade, com capacidade para estabelecer relações democráticas e participativas.

De um lado, há o desafio de gerar uma reflexão sobre as contribuições do ensino da arte na construção de uma educação de qualidade. De outro, o desejo de fornecer ferramentas metodológicas e conceituais para que essa contribuição se efetive e possa promover proje-

tos que permitam aos estudantes exercer seu direito de igualdade de acesso à cultura e às artes.

A coleção faz um convite ao professor e aos estudantes para que a conheçam, apropriem-se dela no sentido de ampliar efetivamente o universo de experiências artísticas e estéticas. Além disso, o convite é feito para que construam conjuntamente uma experiência educativa que possibilite o entendimento do valor inestimável da Arte em nossa sociedade.

Arte e BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, é um documento, de caráter normativo, que explicita os direitos de aprendizagem da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, e que serve de referência para a construção dos currículos de todas as redes, em âmbito federal, estadual e municipal. As aprendizagens essenciais definidas pela BNCC devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências que garantem a aprendizagem.

Na BNCC, o componente curricular **Arte** é composto por quatro linguagens, nomeadas como unidades temáticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. Além delas, há ainda uma unidade temática denominada Artes Integradas, que explora as integrações entre as quatro linguagens e suas práticas e, também, o uso de novas tecnologias da formação e da comunicação.

A BNCC também propõe que se garanta a abordagem das unidades temáticas e que esse processo se dê por meio das seis dimensões contempladas no documento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão em suas múltiplas linguagens artísticas (Música, Dança, Artes visuais, Teatro e Artes Integradas).

Tendo como eixo organizador a BNCC, esta coleção selecionou conteúdos, materiais, sugestões de práticas e sequências didáticas que possibilitem uma ampla compreensão das linguagens no sentido de promover a articulação de todas as dimensões do conhecimento e garantir a aquisição das habilidades e competências elencadas na Base.

Orientados para a prática, os conteúdos propostos na coleção abordam experimentações e pesquisas apresentadas por meio de estratégias que procuram fomentar a autonomia dos estudantes, considerando-os como o centro do processo de aprendizagem. Além disso, a coleção aborda a Arte como área de conhecimento. Os conteúdos visam desenvolver a sensibilidade, os sentimentos e o pensamento, propondo o ensino de Arte a partir de vivências e experiências, tanto no contexto escolar como no cotidiano de estudantes e professores. A prática docente também é abordada como campo de conhecimento, pesquisa e experimentação no sentido de propiciar autonomia ao professor.

As linguagens da Arte na coleção

Diferentes abordagens metodológicas são discutidas atualmente no campo da Arte. As concepções acerca das funções da Arte na sociedade também se ampliaram. Vivemos em uma sociedade essencialmente imagética, com múltiplos meios de produção midiática que envolvem a sonoridade, a visualidade, a encenação, o movimento corporal. Em função disso, os alunos devem ser preparados para a fruição e também para a crítica a esses meios.

Para os educadores é especialmente relevante conhecer e compreender as metodologias de ensino que são referências para suas práticas pedagógicas. Tais práticas exigem dos educadores interferências, ações e mediações que são fundamentais para a aprendizagem.

Cada uma das quatro linguagens da Arte, mais a unidade temá-

tica Artes Integradas, preconizadas na BNCC, necessita de especificidades pedagógicas, diferentes metodologias, conteúdos e formas de avaliação. As dimensões de conhecimento (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) podem estabelecer relações e ampliar a abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa: ler, contextualizar e fazer arte. Conscientes das concepções de Arte que permeiam suas práticas pedagógicas, os professores podem relacioná-las e ampliá-las por meio da proposta metodológica desta coleção.

Artes visuais

Nesta coleção, a alfabetização visual é conceituada como o desenvolvimento contextualizado da cultura visual. Dessa maneira, os componentes fundamentais das Artes visuais conhecidos como elementos (cor, forma, linha, espaço, textura, luz etc.) e seus princípios (equilíbrio, contraste, harmonia, movimento, proporção, ritmo etc.) se expandem para que sejam percebidos mais amplamente e contextualizados dentro de realidades culturais específicas. Assim, são estabelecidas conexões entre esses elementos e a expressão de ideias que registram a história, os valores e as cosmovisões de diferentes sociedades e culturas. Dessa maneira, a alfabetização visual ocorre de forma contextualizada, de modo a permitir que os estudantes compreendam e apreciem a variedade e os significados da expressão artística em diversos contextos culturais.

Essa perspectiva também se pauta no multiculturalismo, pois a coleção apresenta uma diversidade de culturas, além da ocidental europeia. Nela são abordadas, por exemplo, a arte Gond, feita na Índia, as narrativas mitológicas de diversos povos, a cultura popular brasileira e as matrizes estéticas que a compõem, a inventividade e o uso de tecnologias por artistas de diferentes perfis, os mestres e as mestras da arte brasileira e suas biografias. Além disso, esta coleção aborda a produção cultural globalizada, que propicia desafios de análise e interpretação ao apresentar conceitos como identidades, memória, alteridades e homogeneização cultural.

Dança

A linguagem da Dança, com a qual a maioria das pessoas ainda tem pouca familiaridade, geralmente permanece limitada a contextos e nichos específicos. A partir da delimitação descrita na BNCC, o processo de ensino e aprendizagem da Dança precisa fomentar a compreensão dos elementos desta linguagem de maneira ampla, promovendo a articulação de descobertas e desmistificações sobre o poético que se elabora no movimento dançado.

A coleção abordará a diversidade e a multiplicidade de modos de comunicação inerentes ao movimento dançado por culturas e povos diversos. Com o intuito de envolver os estudantes na pesquisa e na percepção do seu contexto familiar e social, são propostas práticas que envolvem tanto os colegas de turma quanto sociedades distantes. Essas propostas propiciam reflexões sobre as formas de comunicação e de elaboração de poesias e metáforas na própria cultura do estudante, mas também, nas culturas de outras sociedades.

Para tratar dos elementos da linguagem (corpo, espaço e tempo), a partir da proposta da BNCC, tomamos como referências os estudos de Rudolf Laban, seus discípulos e leitores, e também as propostas de Klaus Vianna e seus sistematizadores

Música

Seguindo os parâmetros da BNCC quanto aos conteúdos e abordagens relativos à educação musical, esta coleção trata das metodo-

logias e questões didáticas a partir de processos ativos que valorizam a pesquisa, a experimentação e a vivência da música, bem como seus elementos conceituais e parâmetros sonoros. As práticas propostas são criativas objetivando o desenvolvimento da escuta e o entendimento das sonoridades provenientes do cotidiano e ambiente sonoro de cada comunidade, por meio de jogos de observação, escuta e manipulação dos sons. Tais princípios têm como referências as perspectivas teóricas contemporâneas da educação musical utilizadas por músicos educadores, como Raymond Murray Schafer, Hans-Joachim Koellreutter, Keith Swanwick, John Paynter, François Delalande e Chefa Alonso que, em comum, preconizam o aprimoramento da escuta e do fazer musical criativo.

Teatro

Em relação à área da produção de conhecimento, estudo e prática da linguagem teatral, a coleção tem como referências as pesquisas realizadas no campo do teatro antropológico, originalmente proposto por Eugênio Barba e que, ao longo dos anos, teve diversos desdobramentos decorrentes do trabalho de seus seguidores. Partindo desse referencial, a coleção aborda culturas teatrais de diferentes partes do mundo. O reconhecimento do espaço físico e do ritual da cena, na perspectiva do sensível do corpo, as relações entre os atores e as manifestações interativas diversas, decorrentes da prática teatral, poderão ser percebidos passo a passo ao longo dos volumes. As práticas propostas pela coleção pretendem a expansão de estímulos expressivos pautados nas descobertas e nas potencialidades do corpo, da cor,

da voz e da interação, guiados por uma condução pedagógica lúdica que visa, sobretudo, o brincar para aprender e o aprender para seguir brincando.

Assim, a coleção recorre, em especial, ao universo dos palhaços, das cantigas de roda, das máscaras, da contação de histórias, do coro, do solo, do personagem animado, dos seres fantásticos e dos múltiplos cenários e luzes possíveis na arte da criação cênica. É importante ressaltar, portanto, que a coleção une obras, procedimentos de artistas, educadores e fazedores de arte que exercem significativo papel em nossa cultura.

Quadro anual de conteúdos • 3º ano

O quadro apresentado a seguir mostra a evolução sequencial dos conteúdos deste volume e os momentos de avaliação formativa propostos. Além disso, é possível verificar uma sugestão de organização desses conteúdos em trimestres e bimestres, assim como em semanas e em aulas. Também apresentamos as habilidades da BNCC desenvolvidas e, quando pertinente, as relações com a PNA. Trata-se de uma planilha que pode ser utilizada para ter uma visão geral dos conteúdos das unidades, assim como facilitar a busca por orientações e comentários de práticas pedagógicas sugeridas nas orientações das páginas correspondentes ao **Livro do estudante**.

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
TRIMESTRE 1	BIMESTRE 1	SEMANA 1		
		AULA 1		
		AULA 2		
	SEMANA 2	AULA 1		
		AULA 2		
	SEMANA 3	AULA 1		
		AULA 2		

BIMESTRE 1

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 4	AULA 1	› Unidade 1: Contando histórias › Música – Materialidades (p. 18)		› (EF15AR15) › Compreensão de textos
	AULA 2	› Unidade 1: Contando histórias › Música – Elementos da linguagem (p. 19) › Música – Materialidades (p. 19)	› p. 19	› (EF15AR14), (EF15AR15)
SEMANA 5	AULA 1	› Unidade 1: Contando histórias › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 20)		› (EF15AR24) › Competência Específica de Arte 3 e 8 › Conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita › Literacia familiar
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 21)	› p. 21 › p. 21-MP	› Produção de escrita, fluência em leitura oral
SEMANA 6	AULA 1	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas (abertura) › Artes visuais – Contextos e práticas: máscaras e suas funções (p. 22, 23 e 24) › Artes visuais – Materialidades (p. 22, 23 e 24)		› (EF15AR01), (EF15AR04) › Competências Específicas de Arte 1 e 3 › Desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral, compreensão de textos
	AULA 2	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Contextos e práticas: máscaras e suas funções (p. 25) › Artes visuais – Materialidades (p. 25)		
SEMANA 7	AULA 1	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Contextos e práticas: máscaras africanas (p. 26 e 27) › Artes visuais – Sistemas de linguagem: museu (p. 26 e 27)		› (EF15AR01), (EF15AR07) › Competência Específica de Arte 3
	AULA 2	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Materialidades: máscaras (p. 28)		› (EF15AR04)

TRIMESTRE 1		BIMESTRE 1		
	SEMANA 8	AULA 1	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Contextos e práticas: padrões geométricos na arte africana (p. 29) › Artes visuais – Elementos da linguagem: formas (p. 29)	› (EF15AR01), (EF15AR02) › Competências Específicas de Arte 1 e 3
		AULA 2	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Contextos e práticas: padrões geométricos na arte africana (p. 30 e 31) › Artes visuais – Elementos da linguagem: formas (p. 30 e 31) › Artes visuais – Materialidades (p. 30 e 31)	› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR04) › Competência Específica de Arte 3
	SEMANA 9	AULA 1	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Materialidades: tecelagem (p. 32)	› (EF15AR04) › Trabalho › Literacia familiar
		AULA 2	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Materialidades: tecelagem (p. 33)	› p. 33
	SEMANA 10	AULA 1	› Unidade 2: Máscaras e tecidos: manifestações culturais africanas › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 34)	› (EF15AR01) › Competências Específicas de Arte 1 e 3
		AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p.35)	› p. 35 › p. 35-MP › Compreensão de textos, produção de escrita
	SEMANA 11	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas (abertura) › Artes visuais – Contextos e práticas: grafismo indígena (p. 36, 37 e 38)	› (EF15AR01) › Competências Específicas de Arte 1, 3 e 9
		AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: grafismo indígena (p. 38 e 39) › Artes visuais – Elementos da linguagem: padrão e forma (p. 38 e 39)	› (EF15AR01), (EF15AR02) › Competência Específica de Arte 1

			Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA	
REPRODUÇÃO PROIBIDA	BIMESTRE 2	SEMANA 12	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: grafismo indígena (p. 39) › Artes visuais – Elementos da linguagem: padrão e forma (p. 39)		› (EF15AR01), (EF15AR02) › Competência Especifica de Arte 1
			AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Elementos da linguagem: padrão e forma (p. 40) › Artes visuais – Materialidades: desenho (p. 40)		› (EF15AR02), (EF15AR04)
		SEMANA 13	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: pintura corporal (p. 41) › Artes visuais – Elementos da linguagem: padrão e forma (p. 41) › Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 41) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 41)		› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR03) (EF15AR25) › Competência Especifica de Arte 9 › Literacia familiar
			AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: cestaria indígena (p. 42) › Artes visuais – Elementos da linguagem: padrão e forma (p. 42) › Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 42)		› (EF15AR01), (EF15AR02), (EF15AR03) › Competência Especifica de Arte 1
	SEMANA 14	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Materialidades: cestaria (p. 43)	› p. 43	› (EF15AR04) › Competência Especifica de Arte 3	
		AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: cerâmica indígena (p. 44) › Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 44) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 44)		› (EF15AR01), (EF15AR03), (EF15AR25) › Competências Especificas de Arte 1 e 9	
	SEMANA 15	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Materialidades: modelagem (p. 45)		› (EF15AR04) › Competência Especifica de Arte 3	
		AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas: arte contemporânea e arte indígena (p.46)		› (EF15AR01), (EF15AR07) › Competência Especifica de Arte 3	
	TRIMESTRE 2					

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 2		
SEMANA 16	AULA 1	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Materialidades: desenho (p. 47)		› (EF15AR04) › Competência Específica de Arte 3
	AULA 2	› Unidade 3: Artes indígenas › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 48) › Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 48) › Artes visuais – Materialidades (p. 48)		› (EF15AR01), (EF15AR03), (EF15AR04) › Competências Específicas de Arte 1 e 3 › Compreensão de textos, produção de escrita, desenvolvimento de vocabulário
SEMANA 17	AULA 1	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 49)	› p. 49 › p. 49-MP	› Produção de escrita
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 49)	› p. 49 › p. 49-MP	› Produção de escrita
SEMANA 18	AULA 1	› Unidade 4: Mitologia (abertura) › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 50 e 51)		› Competências Específicas de Arte 1, 3 e 9
	AULA 2	› Unidade 4: Mitologia › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 52 e 53)		› (EF15AR24) › Competências Específicas de Arte 3 e 4 › Fluência em leitura oral, compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário
SEMANA 19	AULA 1	› Unidade 4: Mitologia › Artes visuais – Materialidades (p. 53 e 54) › Artes integradas – Processos de criação (p. 53 e 54)		› (EF15AR04), (EF15AR23) › Competência Específica de Arte 4 › Desenvolvimento de vocabulário, conhecimento alfabético, produção de escrita
	AULA 2	› Unidade 4: Mitologia › Artes visuais – Processos de criação (p. 55)	› p. 55	
SEMANA 20	AULA 1	› Unidade 4: Mitologia › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 56 e 57)	› p. 57	› Competência Específica de Arte 1 › Conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita
	AULA 2	› Unidade 4: Mitologia › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 58)		› Competências Específicas de Arte 1 e 3

BIMESTRE 3

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMANA 21	AULA 1	› Unidade 4: Mitologia › Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 59)	› p. 59 › p. 59-MP	› (EF15AR01), (EF15AR24) › Competência Específica de Arte 4 › Desenvolvimento de vocabulário
	AULA 2	› Unidade 4: Mitologia › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 59) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 59)	› p. 59	› (EF15AR01), (EF15AR24) › Competência Específica de Arte 4 › Desenvolvimento de vocabulário
SEMANA 22	AULA 1	› Unidade 5: O folgado do boi (abertura) › Artes integradas – Processos de criação (p. 60, 61, 62 e 63) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 60, 61, 62 e 63) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 60, 61, 62 e 63)		› (EF15AR23), (EF15AR24), (EF15AR25) › Competências Específicas de Arte 1, 3 e 9 › Consciência fonológica e fonêmica, fluência em leitura oral
	AULA 2	› Unidade 5: O folgado do boi › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 64 e 65)		› (EF15AR25) › Competência Específica de Arte 9 › Fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos, produção de escrita › Literacia familiar
SEMANA 23	AULA 1	› Unidade 5: O folgado do boi › Artes visuais – Processos de criação (p. 65 e 66) › Artes integradas – Processos de criação (p. 65 e 66) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 65 e 66)	› p. 65	› (EF15AR05), (EF15AR23), (EF15AR24), (EF15AR25) › Literacia familiar
	AULA 2	› Unidade 5: O folgado do boi › Artes integradas – Processos de criação (p. 67)		
SEMANA 24	AULA 1	› Unidade 5: O folgado do boi › Artes integradas – Processos de criação (p. 68) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 68) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 68)	› p. 68	› (EF15AR19) (EF15AR23), (EF15AR24), (EF15AR25) › Consciência fonológica e fonêmica, fluência em leitura oral, produção de escrita
	AULA 2	› Unidade 5: O folgado do boi › Artes visuais – Sistemas de linguagem: artista (p. 69) › Artes visuais – Contextos e práticas: gravura (p. 69 e 70)		› (EF15AR01), (EF15AR03), (EF15AR07), (EF15AR25) › Competências Específicas de Arte 1 e 3

TRIMESTRE 2		BIMESTRE 3			
TRIMESTRE 3	SEMANA 25	AULA 1	➤ Unidade 5: O folgado do boi ➤ Artes visuais – Materialidades: gravura (p. 71)		➤ (EF15AR04)
		AULA 2	➤ Unidade 5: O folgado do boi ➤ Artes visuais – Materialidades: gravura (p. 72)	➤ p. 72	
	SEMANA 26	AULA 1	➤ Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 73)	➤ p. 73 ➤ p. 73-MP	➤ (EF15AR23), (EF15AR24), (EF15AR25), (EF15AR26) ➤ Competência Específica de Arte 9
		AULA 2	➤ Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 73)	➤ p. 73 ➤ p. 73-MP	➤ (EF15AR23), (EF15AR24), (EF15AR25), (EF15AR26) ➤ Competência Específica de Arte 9
	SEMANA 27	AULA 1	➤ Unidade 6: A música brasileira (abertura) ➤ Música – Contextos e práticas (p. 74 e 75) ➤ Música – Elementos da linguagem (p. 74 e 75) ➤ Música – Materialidades (p. 74 e 75) ➤ Música – Notação e registro musical (p. 74 e 75)		➤ (EF15AR11), (EF15AR13), (EF15AR14) (EF15AR15), (EF15AR16) ➤ Competência Geral 8 ➤ Competências Específicas de Arte 3 e 9
		AULA 2	➤ Unidade 6: A música brasileira ➤ Música – Contextos e práticas: samba (p. 76 e 77) ➤ Música – Elementos da linguagem (p. 76 e 77) ➤ Música – Materialidades: instrumentos musicais (p. 76 e 77)	➤ p. 77	➤ (EF15AR13), (EF15AR14), (EF15AR15) ➤ Competência Específica de Arte 3 ➤ Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
SEMANA 28	AULA 1	➤ Unidade 6: A música brasileira ➤ Música – Contextos e práticas: baião (p. 78 e 79) ➤ Música – Elementos da linguagem (p. 78 e 79) ➤ Música – Materialidades: instrumentos musicais (p. 78 e 79)	➤ p. 79	➤ (EF15AR13), (EF15AR14), (EF15AR15) ➤ Competência Específica de Arte 3 ➤ Conhecimento alfabético, produção de escrita	
	AULA 2	➤ Unidade 6: A música brasileira ➤ Música – Contextos e práticas (p. 80)		➤ (EF15AR13), (EF15AR26) ➤ Literacia familiar	

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
BIMESTRE 3	SEMANA 29	AULA 1 > Unidade 6: A música brasileira > Música – Elementos da linguagem: notas musicais (p. 81)		> (EF15AR14), (EF15AR26)
		AULA 2 > Unidade 6: A música brasileira > Música – Contextos e práticas (p. 82)		> (EF15AR11) > Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras > Desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
	SEMANA 30	AULA 1 > Unidade 6: A música brasileira > Música – Materialidades: os pés como fonte sonora (p. 83)		
		AULA 2 > Unidade 6: A música brasileira > Música – Contextos e práticas (p. 84)		> (EF15AR13) > Competência Específica de Arte 3 > Conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita
	SEMANA 31	AULA 1 > Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 85)	> p. 85 > p. 85-MP	> Conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
		AULA 2 > Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 85)	> p. 85 > p. 85-MP	> Conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos
BIMESTRE 4	SEMANA 32	AULA 1 > Unidade 7: Mestres da cultura popular (abertura) > Artes visuais – Contextos e práticas (p. 86, 87 e 88) > Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 86, 87 e 88) > Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 86, 87 e 88)		> (EF15AR01), (EF15AR03), (EF15AR25) > Competências Específicas de Arte 1, 3, 8 e 9
		AULA 2 > Unidade 7: Mestres da cultura popular > Artes visuais – Matrizes estéticas culturais (p. 89)		> (EF15AR03) > Produção de escrita, desenvolvimento de vocabulário

TRIMESTRE 3		BIMESTRE 4		
SEMANA 33	AULA 1	› Unidade 7: Mestres da cultura popular › Artes visuais – Materialidades (p. 90) › Artes visuais – Processos de criação (p. 90)		› (EF15AR04), (EF15AR05) › Competência Específica de Arte 9
	AULA 2	› Unidade 7: Mestres da cultura popular › Artes visuais – Materialidades: modelagem (p. 91) › Artes visuais – Processos de criação (p. 91)	› p. 91	
SEMANA 34	AULA 1	› Unidade 7: Mestres da cultura popular › Teatro – Contextos e práticas: teatro de mamulengo (p. 92) › Artes integradas – Processos de criação (p. 92) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 92)		› (EF15AR18), (EF15AR23), (EF15AR25) › Competências Específicas de Arte 2, 3 e 9
	AULA 2	› Unidade 7: Mestres da cultura popular › Artes visuais – Contextos e práticas (p. 93) › Teatro – Processos de criação (p. 93) › Artes integradas – Processos de criação (p. 93) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 93)		› (EF15AR05), (EF15AR20), (EF15AR21), (EF15AR23), (EF15AR24) › Competência Específica de Arte 2
SEMANA 35	AULA 1	› Unidade 7: Mestres da cultura popular › Teatro – Processos de criação (p. 94)		› (EF15AR20) › Competência Específica de Arte 8
	AULA 2	› Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 95)	› p. 95 › p. 95-MP	
SEMANA 36	AULA 1	› Unidade 8: Mestres na dança e na música (abertura) › Dança – Contextos e práticas (p. 96, 97 e 98) › Artes integradas – Matrizes estéticas culturais (p. 96, 97 e 98) › Artes integradas – Patrimônio cultural (p. 96, 97 e 98)		› (EF15AR08), (EF15AR12), (EF15AR24), (EF15AR25) › Competências Específicas de Arte 2, 3 e 9 › Desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral, compreensão de textos
	AULA 2	› Unidade 8: Mestres na dança e na música › Dança – Contextos e práticas (p. 99) › Dança – Processos de criação (p. 99)		› (EF15AR08), (EF15AR12) › Produção de escrita

BIMESTRE 4

		Conteúdos (páginas do Livro do estudante)	Avaliação formativa (páginas do Manual do professor)	BNCC e PNA
SEMESTRE 4	SEMANA 37	AULA 1 > Unidade 8: Mestres na dança e na música > Dança – Elementos da linguagem (p. 100)	> p. 100	> (EF15AR26)
		AULA 2 > Unidade 8: Mestres na dança e na música > Música – Contextos e práticas (p. 101 e 102) > Música – Elementos da linguagem (p. 101 e 102) > Música – Materialidades: percussão corporal (p. 101 e 102)		> (EF15AR13), (EF15AR14), (EF15AR15) > Consciência fonológica e fonêmica
	SEMANA 38	AULA 1 > Unidade 8: Mestres na dança e na música > Música – Elementos da linguagem > Música – Materialidades: percussão corporal (p. 103)		> (EF15AR14), (EF15AR15)
		AULA 2 > Unidade 8: Mestres na dança e na música > Música – Elementos da linguagem (p. 104) > Música – Materialidades: percussão corporal (p. 104) > Música – Processos de criação (p. 104)		> (EF15AR14), (EF15AR15), (EF15AR17)
	SEMANA 39	AULA 1 > Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 105)	> p. 105 > p. 105-MP	> Numeracia
		AULA 2 > Vamos avaliar o aprendizado (avaliação formativa) (p. 105)	> p. 105 > p. 105-MP	> Numeracia
SEMESTRE 4	SEMANA 40	AULA 1 > Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 106)		
		AULA 2 > Vamos concluir (avaliação de resultado) (p. 107)		> Produção de escrita, conhecimento alfabético

BONS AMIGOS

ARTE

Editora responsável:
Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp-SP).

Atuou na formação continuada de
professores de escolas do Ensino Básico.

Atua como professora em escolas
do Ensino Básico.

Editora de materiais didáticos.

Organizadora: **FTD EDUCAÇÃO**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e
produzida pela FTD Educação.

1ª edição
São Paulo, 2021

FTD

3

Ensino Fundamental
Anos Iniciais

Componente: Arte

ELABORADORES DE ORIGINAIS

Ana Carina da Cunha Marques

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atuou na formação continuada de professores de escolas do Ensino Básico.
Atua como professora em escolas do Ensino Básico.
Editora de materiais didáticos.

Ana Rizek Sheldon

Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo com habilitação em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-BA).
Mestre em Dança pela UFBA-BA.
Elaboradora de materiais didáticos.

Rodrigo Assad Lossurdo Toniolli Mogames

Licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-SP).
Atua como professor de música no programa Guri Santa Marcelina.
Elaborador de materiais didáticos.

Direção geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Taccetti

Edição Francisca Edilania de Brito Rodrigues (coord.)

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Arte e produção Vinícius Fernandes (sup.)

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Projeto e produção editorial Scriba Soluções Editoriais

Edição Ana Carina Marques

Assistência editorial Mariana Chinchilla

Colaboração técnico-pedagógica Roberta Forte, Michele Navarro, Camila Bronizeski

Edição de arte e design Marcela Pialarissi

Coordenação de produção de arte Tamires Azevedo

Projeto gráfico Camila Ferreira, Laís Garbelini

Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Iconografia Sílvia de Luca Ferreira de Freitas

Tratamento de imagens Johannes de Paulo

Autorização de recursos Erick Lopes de Almeida (coord.), Eduardo Souza Ponce

Preparação e revisão de textos Moisés Manzano da Silva (coord.), Raísa Rodrigues da Fonseca

Diagramação Luiz Roberto Lúcio Correa (superv.), Daniela de Oliveira, Larissa Costa Leme, Leandro Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bons amigos : arte : 3º ano : ensino fundamental : anos iniciais / editora responsável Ana Carina da Cunha Marques ; organizadora FTD Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela FTD Educação. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2021.

Componente: Arte.

ISBN 978-65-5742-731-6 (aluno - impresso)

ISBN 978-65-5742-732-3 (professor - impresso)

ISBN 978-65-5742-741-5 (aluno - digital em html)

ISBN 978-65-5742-742-2 (professor - digital em html)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Marques, Ana Carina da Cunha.

21-73388

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo-SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relatorio@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

Olá, estudante!

Na vida, a gente aprende e ensina o tempo todo. Provavelmente você já aprendeu muito com sua família, seus professores, amigos e conhecidos.

Neste livro, há momentos tanto para você compartilhar o que já viveu quanto para fazer novas descobertas. Você vai ler e produzir textos, buscar respostas, criar soluções, aprender como ocorrem alguns fenômenos naturais, entender como funcionam certos processos sociais e culturais, entre outros assuntos.

Esperamos que você interaja com seus colegas e participe das atividades. E não se esqueça de que sempre poderá tirar suas dúvidas com o professor.

Aproveite cada momento para tornar esse aprendizado mais rico e divertido.

BOM ESTUDO!

SUMÁRIO

Viva a Arte!..... 6

 Vamos iniciar8

UNIDADE
1

CONTANDO HISTÓRIAS 12

As histórias são passadas de geração para geração 14

As histórias também são tocadas e cantadas 15

 Entre textos..... 16

Instrumentos de percussão de origem africana 18

Brincadeiras antigas 20

 Vamos avaliar o aprendizado21

UNIDADE
2

MÁSCARAS E TECIDOS: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRICANAS 22

As máscaras e suas funções 24

As máscaras africanas 26

 Venha conhecer O museu Afro Brasil27

Padrões geométricos na arte africana..... 29

 Fala artista El Anatsui 34

 Vamos avaliar o aprendizado 35

UNIDADE
3

ARTES INDÍGENAS 36

Seres mitológicos nos grafismos indígenas..... 38

Os animais e os grafismos indígenas 39

Pintura corporal 41

O grafismo na cestaria indígena 42

As cerâmicas indígenas..... 44

Modelagem 45

A cultura indígena viaja pelo mundo 46

Conhecendo melhor as culturas indígenas..... 48

 Vamos avaliar o aprendizado 49

UNIDADE
4

MITOLOGIA 50

Narrativas da vida.....52

Os personagens heroicos..... 53

Histórias que inspiram 58

 Vamos avaliar o aprendizado 59

UNIDADE

5

O FOLGUEDO DO BOI 60

Um Brasil festeiro!..... 62

• **Venha conhecer** O Bumba meu boi do Maranhão 63

Conhecendo os personagens e o enredo 64

A história do boi nos versos do cordel 68

• **Artista em destaque** J. Borges 69

• **Técnica em destaque** Xilogravura 70

Da xilogravura à isoporgravura..... 71

 **Vamos avaliar o aprendizado** 73

UNIDADE

6

A MÚSICA BRASILEIRA 74

O nascimento do samba carioca..... 76

De onde vem o baião..... 78

• **Coletivamente** Preservando a dança e a música de cada lugar..... 82

Os gêneros de música locais 84

 **Vamos avaliar o aprendizado** 85

UNIDADE

7

MESTRES DA CULTURA POPULAR 86

A mestra bonequeira 88

O legado de Dona Izabel 89

Dando forma para a argila..... 90

O mestre e o mamulengo..... 92

O que é o teatro de mamulengos? 92

Criando seu mamulengo 93

Que palco é esse? 94

 **Vamos avaliar o aprendizado** 95

UNIDADE

8

MESTRES NA DANÇA E NA MÚSICA 96

Mestres Pioneiros 98

Um mestre da percussão corporal 101

Os sons do corpo 102

Quantas palmas, quantos sons! 103

 **Vamos avaliar o aprendizado** 105

 **Vamos concluir** 106

 **Saiba mais** 108

Referências

bibliográficas III



Resposta no
caderno.



Resposta oral.



Dica.

Olá, professor!

Bem-vindo à sua nova caminhada junto ao Ensino de Arte.

Para iniciar essa trajetória, leia o texto desta seção para a turma. Dessa forma, instigue a **curiosidade** do grupo, buscando despertar neles o desejo de conhecer e de aprender, graças ao que o universo da Arte lhes oferece.

O cérebro humano é atraído por situações que despertam a curiosidade e preparam o caminho tanto para a aprendizagem quanto para a retenção dos conteúdos, além de tornarem a experiência muito prazerosa!

Aproveite o momento da leitura para fazer-lhes perguntas como as que seguem.

- Quem já ouviu falar ou conhece alguma das manifestações artísticas citadas no texto?
- O que imaginam que sejam essas manifestações?
- Quem já praticou alguma dessas manifestações artísticas? O que pode relatar sobre essa experiência?
- Além das manifestações citadas no texto, há outra que conhecem ou praticam?

Por meio dessas questões, procure perceber os conhecimentos prévios que eles trazem a respeito da Arte. Se preferir, anote na lousa as palavras-chaves de cada pensamento.

Essa leitura e esses questionamentos podem ser realizados tanto para introduzir a avaliação diagnóstica proposta pela seção **Vamos iniciar** da página 8, quanto em outros momentos do ano letivo.

Outra possibilidade é orientar os estudantes a realizarem a leitura em casa com o auxílio dos seus pais e responsáveis, promovendo um processo de **literacia familiar**.

VIVA A ARTE!

Meu amigo, minha amiga
Vamos viver a Arte agora
Sentir esse encantamento
Todo dia, toda hora
Quando vivemos a Arte
A beleza logo aflora

Produzido especialmente
para esta obra.

A beleza logo aflora quando vivemos a Arte. Você verá neste livro que a Arte se manifesta em muitos lugares e nos momentos em que a gente menos espera! Ela está guardada na memória e nas tradições de vários povos, nas histórias que os griôs contam, nas danças dos povos indígenas.

A Arte aflora nas brincadeiras que aprendemos com a família e com a comunidade. Arte também é diversão. Ela está presente no ritmo do samba e do baião, e pode até transformar seu corpo em um instrumento de percussão.



Vamos conhecer a Arte de grandes mestres da cultura popular, que aprenderam a sabedoria dos antepassados e ensinam para todos que desejam aprender. Vamos ver que esses mestres transformam a vida de muitas pessoas e que sua Arte também é uma forma de resistência.

Você verá que a Arte pode mesmo estar em muitos lugares! Mas quando a conhecemos, o lugar em que ela aflora com mais força e beleza é dentro da gente!



**SEJA BEM-VINDO
E BOA VIAGEM!**



Sugerimos também a você que não deixe de fazer anotações pessoais nesse e em outros momentos. Assim, ao final do percurso, você poderá retomar com os estudantes os conhecimentos iniciais da turma, comparando-os com os novos conceitos adquiridos no decorrer de cada unidade.

Experienciar a Arte como objeto de conhecimento constrói sentidos e vai aguçar a sensibilidade dos estudantes. Buscamos, desse modo, ampliar a capacidade de percepção, expressão e comunicação das crianças, permitindo-lhes também o desenvolvimento de múltiplas habilidades, de modo que possam considerar a si e aos outros, em diversos contextos.

**VAMOS INICIAR**

As atividades desta seção podem ser utilizadas como estratégia de avaliação e de verificação dos conhecimentos prévios, contribuindo para o monitoramento da aprendizagem dos estudantes. Veja a seguir algumas orientações que podem auxiliar nesse processo.

1. Objetivo

Avaliar se os estudantes identificam ações referentes às linguagens artísticas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro.

Sugestão de intervenção

Garanta que os estudantes compreendam como devem realizar a atividade, contornando as ações referentes a cada uma das linguagens. Observe se perceberam no exercício a diferenciação das linguagens e das ações por meio da cor. Incentive-os a realizar a atividade individualmente, a fim de que você possa analisar possíveis dificuldades e registrá-las para futuras intervenções. Conforme a realidade da sua turma, reproduza a atividade na lousa e solicite a estudantes voluntários que realizem a leitura das ações em voz alta. Aproveite a oportunidade para observar também de que modo eles estão se apropriando da leitura. Observe, ainda, se necessitam de seu auxílio para concluir a tarefa. É importante retomar o estudo das linguagens da Arte ao longo do ano letivo, a fim de que a aprendizagem desse conteúdo seja consolidada em progressão.

2. Objetivo

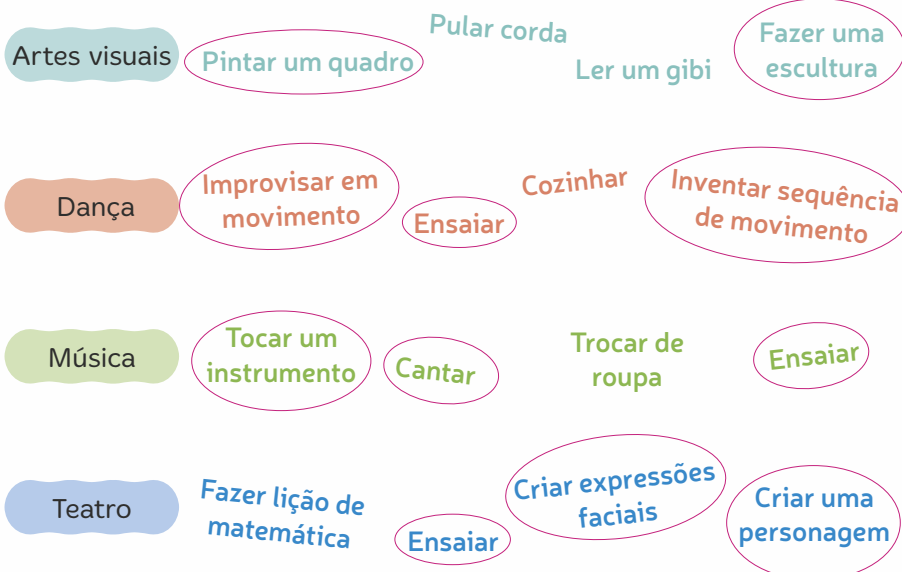
Avaliar o conhecimento dos estudantes a respeito dos elementos ponto, linha e cor nas artes visuais.

Sugestão de intervenção

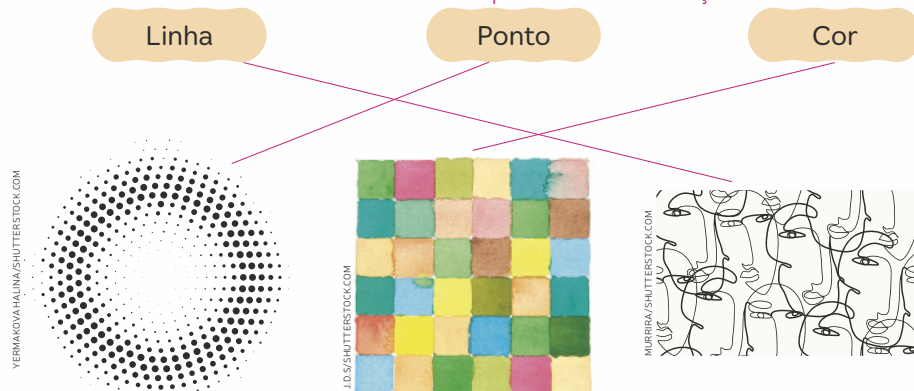
Observe se os estudantes identificam os elementos ponto, linha e cor nas imagens apresentadas na atividade. Na imagem com linhas, verifique se reconhecem facilmente o elemento ou se ficam inseguros por não ser uma linha isolada, e sim um conjunto de linhas formando uma composição, um desenho.

**VAMOS INICIAR**

1. Entre as opções a seguir, contorne as atividades que geralmente estão presentes em Artes visuais, Dança, Música e Teatro.



2. Pontos, linhas e cores são elementos da linguagem visual. Com eles, podemos formar inúmeras imagens. Ligue os elementos a seguir às imagens correspondentes. *As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.*

**8****PROPOSTA DE ROTEIRO****SEMANA 1****Vamos iniciar**

Realização das atividades de avaliação diagnóstica das páginas 8 e 9.

Aula 1**Vamos iniciar**

Realização das atividades de avaliação diagnóstica das páginas 10 e 11.

Aula 2

3. Muitos artistas contam histórias e compartilham pensamentos por meio das telas, paredes e até mesmo de registros em seus cadernos. Confira alguns exemplos nas imagens a seguir.

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.



COLEÇÃO PARTICULAR



MEHANO/SHUTTERSTOCK.COM

- Grafite, estilo de arte dos grandes centros urbanos.



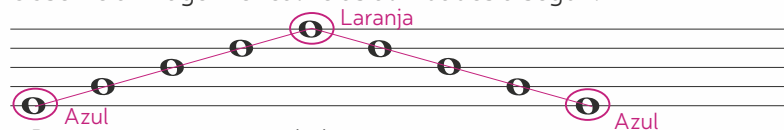
JACOB LUND/SHUTTERSTOCK.COM

- Fotografia de caderno de artista.

- **Retrato de jovem mulher**, de Edouard Charlemont. Óleo sobre tela. Século 19.

- a) Escolha uma história que aconteceu com você e em uma folha avulsa registre-a por meio de um desenho.

4. Cada bolinha da imagem abaixo representa uma nota musical. Observe a imagem e realize as atividades a seguir.



HELOISA PINTARELLI

- Pentagrama com notas musicais.

- a) Ligue as notas musicais com uma linha vermelha.
- b) Sabendo-se que os sons graves são grafados nas linhas inferiores e os mais agudos, nas linhas superiores, contorne com lápis de cor azul as notas que você considera as mais graves.
- c) Com lápis de cor laranja, contorne o som que você considera mais agudo.
- d) Escreva uma palavra que represente o que é um som grave para você.

Resposta pessoal.

- e) Agora, escreva uma palavra que represente um som agudo para você.

Resposta pessoal.

3. Objetivo

Avaliar a qualidade gráfica no desenho e a narrativa do estudante.

Sugestão de intervenção

No decorrer da atividade, observe a qualidade gráfica (como as linhas e os traços, a força que expressa ao produzir, a apropriação da cor) e a narrativa de cada um dos estudantes da turma. Como ele constrói a narrativa? É uma narrativa detalhada? Ele representa os detalhes graficamente ou apenas os compartilha oralmente?

Verifique como o estudante ocupa o espaço do papel e como faz a representação da narrativa: representa cenas, cenários, elementos diversos ou apenas ele mesmo e/ou outras pessoas? Faz uma sequência com momentos da história ou registra somente um acontecimento específico? Uma pauta de observação, baseada nos objetivos de desenvolvimento e aprendizagens propostos para o 3º ano, pode contribuir para o acompanhamento dos estudantes ao longo do ano.

4. Objetivo

Avaliar se os estudantes reconhecem a simbologia das alturas na escrita musical convencional.

Sugestão de intervenção

Na escrita musical, as notas são representadas no pentagrama (conjunto de cinco linhas e quatro espaços) e podem ser escritas tanto nas linhas como nos espaços. No item **a**, observe se os estudantes percebem que as alturas das notas formam um desenho que pode subir e descer no pentagrama – que é chamado de linha melódica. As respostas nos itens **b** e **c** podem demonstrar se os estudantes reconhecem a simbologia das alturas na escrita musical convencional. Nos itens **d** e **e**, observe o entendimento dos estudantes em relação aos conceitos, de acordo com a justificativa deles sobre as palavras que escreveram como resposta.

5. Objetivo

Avaliar se o estudante consegue criar e repetir uma sequência de movimento em diferentes velocidades.

Sugestão de intervenção

Fique atento às possíveis barreiras físicas, emocionais ou relacionais que possam impedir a participação de algum estudante nesta atividade. Motive-os a criar os movimentos e analise se os estudantes mais tímidos se sentiriam mais à vontade realizando essa tarefa em dupla ou em pequenos grupos. Na etapa de dançar, ou seja, o momento de realizar a sequência segundo o pulso proposto, é possível verificar se o estudante prestou atenção ao que fez, bem como se consegue repetir os movimentos fazendo as devidas adequações durante as transferências de peso conforme as palmas aceleram ou desaceleram.

Sabemos que, quando se trata de pulso musical, estamos falando de andamento, porém o foco nesse momento é o movimento dançado. Por esse motivo, vamos continuar usando a ideia de velocidade da pessoa em movimento, evitando-se, assim, a sobreposição de conteúdos. Caso você tenha conhecimentos de Música mais aprofundados, poderá ampliar esta atividade utilizando o metrônomo e criando um exercício de percepção rítmica mais complexo, sem perder de vista o objetivo desta atividade.

6. Objetivo

Avaliar o conhecimento dos estudantes referentes ao conceito e à prática do pulso em relação à marcação do ritmo e ao encaixe da fala.

Sugestão de intervenção

Leia o enunciado da atividade com os estudantes e explique-lhes que as parlendas são formas literárias tradicionais do folclore de um país. Além de divertir, as parlendas podem ajudar a memorizar a quantidade de dias nos meses do ano, os dias da semana, além de definir quem inicia um jogo ou uma brincadeira etc. Elas se apresentam sob a forma de versos rimados, geralmente fáceis de serem memorizados. Feitas essas considerações, reproduza o texto na lousa e realize a leitura expressiva da parlenda. Convide os estudantes a repetir várias vezes o texto.

5. Invente uma dança que tenha de oito a dezesseis movimentos, em que apareçam as seguintes ações corporais: dobrar, torcer, saltar, deslocar, girar, parar. *Resposta pessoal. As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.*



Dobrar



Torcer



Saltar



Deslocar



Girar



Parar

- a) Agora, prepare-se para fazer os movimentos seguindo as palmas do professor. Preste atenção ao pulso que ele vai criar, para acelerar ou desacelerar a velocidade dos seus movimentos!

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.

6. As parlendas são textos rimados, geralmente usados em brincadeiras. Leia a parlenda abaixo, marcando o ritmo com palmas ou batidas dos pés.

Trinta dias tem novembro

Abril, junho e setembro

Vinte e oito só tem um

Os demais têm trinta e um

Origem popular.

- a) Contorne as sílabas das palavras que coincidem com a marcação das palmas ou batidas dos pés.

7. É possível se comunicar com uma plateia sem a utilização da fala ou da escrita. No teatro, existem atores e atrizes que se preparam muito para contar uma história sem precisar do apoio das palavras faladas ou cantadas. Você consegue identificar essa linguagem teatral entre as opções a seguir? Contorne-a.



A legenda da imagem não foi inserida para não comprometer a realização da atividade.

Teatro de mamulengos

Mímica

Contação de histórias

Telenovela

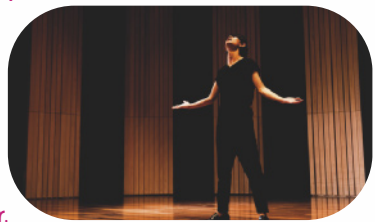
Canto coral

Cinema

8. Vamos experimentar nos comunicar sem o uso de palavras? Junte-se a um colega e decidam quem vai se expressar primeiro e quem vai observar. Cada um na sua vez tenta dizer algo usando gestos. Não vale escrever, pronunciar sons ou palavras nem utilizar objetos.

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.

9. O ensaio faz parte de diversas práticas artísticas e é fundamental no desenvolvimento de trabalhos teatrais. Leia as palavras a seguir e escolha duas para completar corretamente a frase. Veja orientações no Manual do professor.



Ator ensaiando no palco.

Cena

Dança

Teatral

Musical

Para ensaiar uma _____ cena _____, atores e atrizes estudam o texto _____ teatral _____, também conhecido como dramaturgia.

11

PNA

Ao completar as lacunas na atividade 9 com vocabulários relacionados ao Teatro, é explorado o componente essencial para a alfabetização **desenvolvimento do vocabulário**.

7. Objetivo

Avaliar se os estudantes identificam características da linguagem teatral referente à mímica.

Sugestão de intervenção

Leia o enunciado com os estudantes e motive-os a expressar o que sabem a respeito da comunicação com uma plateia sem a utilização da fala ou da escrita. Observe se eles identificam características específicas do mímico na imagem apresentada na atividade e se a usam como pista para responder à pergunta. Aproveite a oportunidade para questioná-los sobre suas experiências vinculadas ao Teatro.

8. Objetivo

Avaliar a exploração e a investigação de gestos, movimentos e expressões dos estudantes em situação de comunicação sem uso de palavras.

Sugestão de intervenção

Observe se os estudantes buscam soluções na expressão corporal, sem precisar apontar objetos concretos ou dublar. Ainda que, em alguns casos, os estudantes possam vir a ser incompreendidos pelos colegas, verifique a exploração e a investigação de gestos, movimentos e expressões. Não se trata de avaliar os acertos da tarefa, e sim de investigar a evolução da linguagem corporal, bem como identificar as matrizes estéticas referentes aos procedimentos de mimese e mímica.

9. Objetivo

Avaliar o repertório dos estudantes sobre o fazer teatral.

Sugestão de intervenção

Incite os estudantes a falar ou apontar em imagens, o que eles conhecem sobre o fazer teatral, no intuito de evidenciar os elementos fundantes da prática: "Quais são as ferramentas necessárias para uma composição e apresentação teatral?"

É provável que os estudantes apresentem um repertório televisivo. Acolha as respostas dadas por eles, fazendo as devidas adequações e aproximações ao universo do Teatro. Para tanto, enfatize elementos como a relação entre palco e plateia, bem como a experiência presencial e efêmera.

COMO DESENVOLVER ALGUNS TIPOS DE ATIVIDADES

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam que a avaliação é um processo educacional contínuo e cumulativo. Além disso, o mapeamento das dificuldades dos estudantes deve ter o objetivo de investir no desenvolvimento de habilidades não consolidadas por eles e, nesse sentido, a avaliação diagnóstica não precisa estar atrelada somente ao início do ano letivo. Pelo contrário, é uma ferramenta essencial para indicar pontos de atenção e averiguar a necessidade de reformular as estratégias de condução e de remediação, não devendo ficar limitada a instrumentos tradicionais.

Pensando nisso, além da seção **Vamos iniciar**, apresentamos a seguir algumas propostas que podem ser planejadas como alternativas de avaliação diagnóstica no início do ano letivo ou em momentos oportunos, previamente definidos, de introdução e desenvolvimento de conteúdos novos.

● ATIVIDADES EM GRUPO

Em sala de aula, a interação em grupos permite a comunicação e a troca de ideias, além de possibilitar a observação sobre a habilidade de argumentação e de organização das informações. Em uma dinâmica diagnóstica, o professor pode verificar qual integrante domina melhor o assunto e quais deles são mais cooperativos. Para isso, durante as atividades em grupo, o professor tem as funções de acompanhar, atender, avaliar o empenho e a cooperação dos estudantes e intermediar, se for o caso.

Dicas importantes: procure, sempre que possível, formar equipes heterogêneas, nas quais haja estudantes com diferentes habilidades e níveis de aprendizagem, proporcionando o convívio entre estudantes que naturalmente não se relacionariam por falta de afinidade ou oportunidade. Planeje o momento do trabalho em grupo com eles, definindo as metas, a divisão das tarefas, os registros de execução e a autoavaliação individual e coletiva. É importante que respondam a perguntas, como: “Conseguimos atingir os nossos objetivos?”; “O que foi mais difícil de fazer?”; “Todos cooperaram com o grupo durante as atividades?”; “Algo poderia ter ocorrido de outra maneira?”; “O que podemos fazer para que a próxima atividade seja melhor?”. As respostas a essas e outras questões podem nortear a continuidade da aprendizagem.

● PESQUISA

A pesquisa pode ser a base para diversas outras atividades, como a produção escrita de uma reportagem ou notícia sobre determinado tema, a produção de um anúncio publicitário ou a apresentação de um seminário. De modo geral, a pesquisa está cotidianamente presente, uma vez que exerce função inerente ao desenvolvimento da ciência, aos avanços tecnológicos e ao progresso intelectual de um indivíduo. Pode ser solicitada como marco diagnóstico ou somativo.

De modo geral, uma pesquisa obedece à seguinte ordem de etapas: definição do tema, planejamento, execução, análise dos dados, elaboração do texto, finalização do trabalho e apresentação.

Dicas importantes: oriente os estudantes delimitando os objetivos esperados, os prazos, a definição das tarefas individuais ou coletivas, a seleção das informações mais adequadas e o uso consciente das fontes de pesquisa. Acompanhe todo o processo e crie neles o hábito de gerar uma primeira versão do texto para ser validada, seguindo determinada ordem lógica com introdução, desenvolvimento e conclusão. Em uma pesquisa mais elaborada, para a versão final escrita pode ser solicitada uma estrutura com capa, sumário, imagens (se houver), referências bibliográficas e anexos. A apresentação pode ocorrer de diversas maneiras, como em seminário ou feira escolar.

● FEIRA ESCOLAR

O propósito de uma feira escolar é mostrar ao público o que foi abordado e pesquisado sobre determinado tema. Nela, promovem-se o diálogo entre os componentes curriculares e a interação entre estudantes, professores e comunidade.

Os tipos de feira podem variar. Há feiras de Ciências, de diversidade cultural, de profissões, de esportes olímpicos, literária, gastronômica, musical etc. Geralmente, trata-se de um projeto cujo planejamento pode ser semestral ou anual, pois demanda tempo para pesquisar e produzir o material que será exposto, entre outros elementos que podem complementar a feira. Porém, o professor pode optar por temas menos elaborados, dando conta de levantar elementos diagnósticos a respeito de assuntos trabalhados no ano anterior ou de conteúdos que exponham os conhecimentos prévios dos estudantes para o próximo tópico.

Dicas importantes: nesse tipo de atividade, o interesse da turma é aspecto imprescindível para o trabalho. Por esse motivo, é interessante que o tema seja escolhido de comum acordo com os estudantes, de modo que seja prazeroso e curioso para eles. Com a ajuda de todos, devem ser listados os materiais necessários para uso no dia do evento e as estratégias de divulgação, além de planejar e ensaiar com antecedência as apresentações e testar os possíveis experimentos que serão apresentados.

Objetivos da unidade

- Ampliar o repertório cultural dos estudantes e instigar a valorização da cultura africana, em especial a dos griôs africanos;
- Desenvolver recursos para ouvir e reproduzir histórias, musicalidades e brincadeiras de tradição oral, bem como interpretar, narrar e compartilhar histórias pertencentes à própria ancestralidade;
- Reconhecer instrumentos característicos da cultura africana e suas sonoridades;
- Explorar e reconhecer os instrumentos da família da percussão.

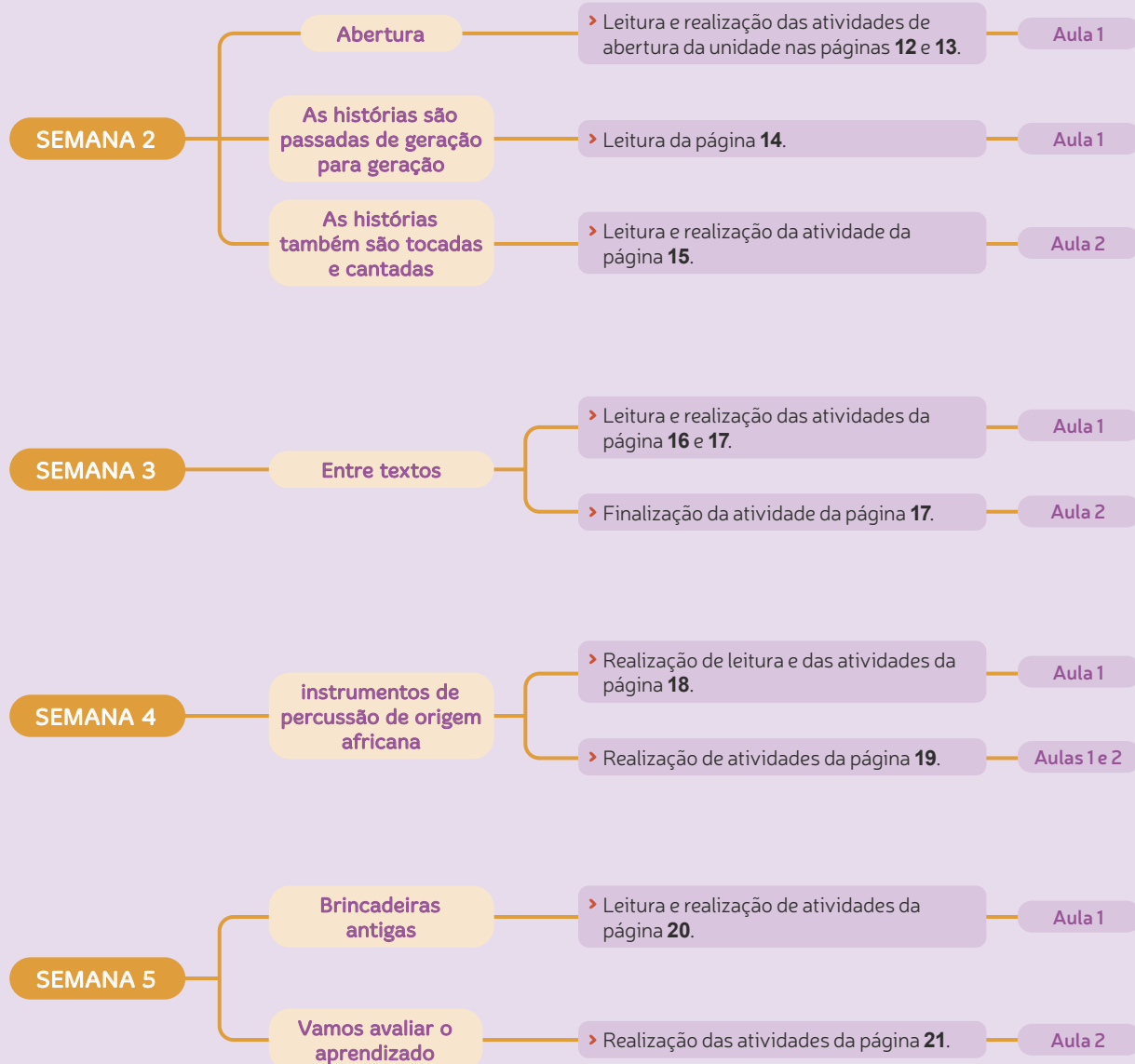
Esta unidade trata da cultura dos griôs africanos, focalizando as suas histórias e a importância delas para a preservação da memória coletiva de tais comunidades.

Por meio da escuta de histórias contadas e de histórias cantadas; da apreciação de instrumentos musicais africanos e de percussão; do cantar e da leitura de histórias; da pesquisa, da experimentação de modos de narrar suas próprias histórias e do compartilhamento de saberes aprendidos com os mais idosos e com os colegas, os estudantes ampliarão saberes e competências artísticos. Os estudantes serão convidados a explorar brincadeiras e histórias da tradição oral, investigando recursos cênicos e musicais para as produções com base na experimen-

tação de diferentes materialidades e do uso da criatividade.

Propõe-se que conheçam instrumentos de origem africana, que também estão presentes em manifestações musicais da cultura brasileira, e que desenvolvam a percepção sonora para identificar instrumentos percussivos dos grupos dos membranofones e idiofones. Isso será possível graças à escuta atenta de áudios compartilhados com eles, motivando-os a reconhecer nessas apreciações musicais a presença de tais instrumentos percussivos. Ao final, eles produzirão, em grupo, uma história contada e sonorizada, bem como divulgarão brincadeiras antigas no mural da escola!

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Você pode abrir essa unidade com a expressão “*Kwesukesukela...*”, que na língua de alguns povos da África do Sul significa “era uma vez, há muito tempo...”. Brinque com a sonoridade do termo, dramatizando-o com movimentos e gestos. Instigue a **curiosidade** dos estudantes, a fim de que levantem hipóteses sobre o significado do vocábulo. É possível que digam que se trata de outro idioma. Permita que **observem** a imagem do livro. Pergunte se o lugar em que moram se parece com o lugar que a imagem representa: “Por que chegaram a essas conclusões?”; “Quais pontos observaram?”. Combine com os estudantes de responderem “*cosi, cosi...*”, que significa “estamos prontos para ouvir”, todas as vezes que forem escutar uma história. Em seguida, conte uma história de tradição oral, de preferência uma que faça parte do acervo de suas memórias pessoais. A ideia consiste em iniciar os trabalhos contando uma história (ou uma história cantada), transmitida por meio das gerações. Por exemplo: “Minha avó contava uma história que a avó dela contava para ela que era assim...”. Em seguida, contextualize a temática, dizendo que vamos fazer estudos sobre oralidade e tradição nas artes, sobretudo na tradição africana.

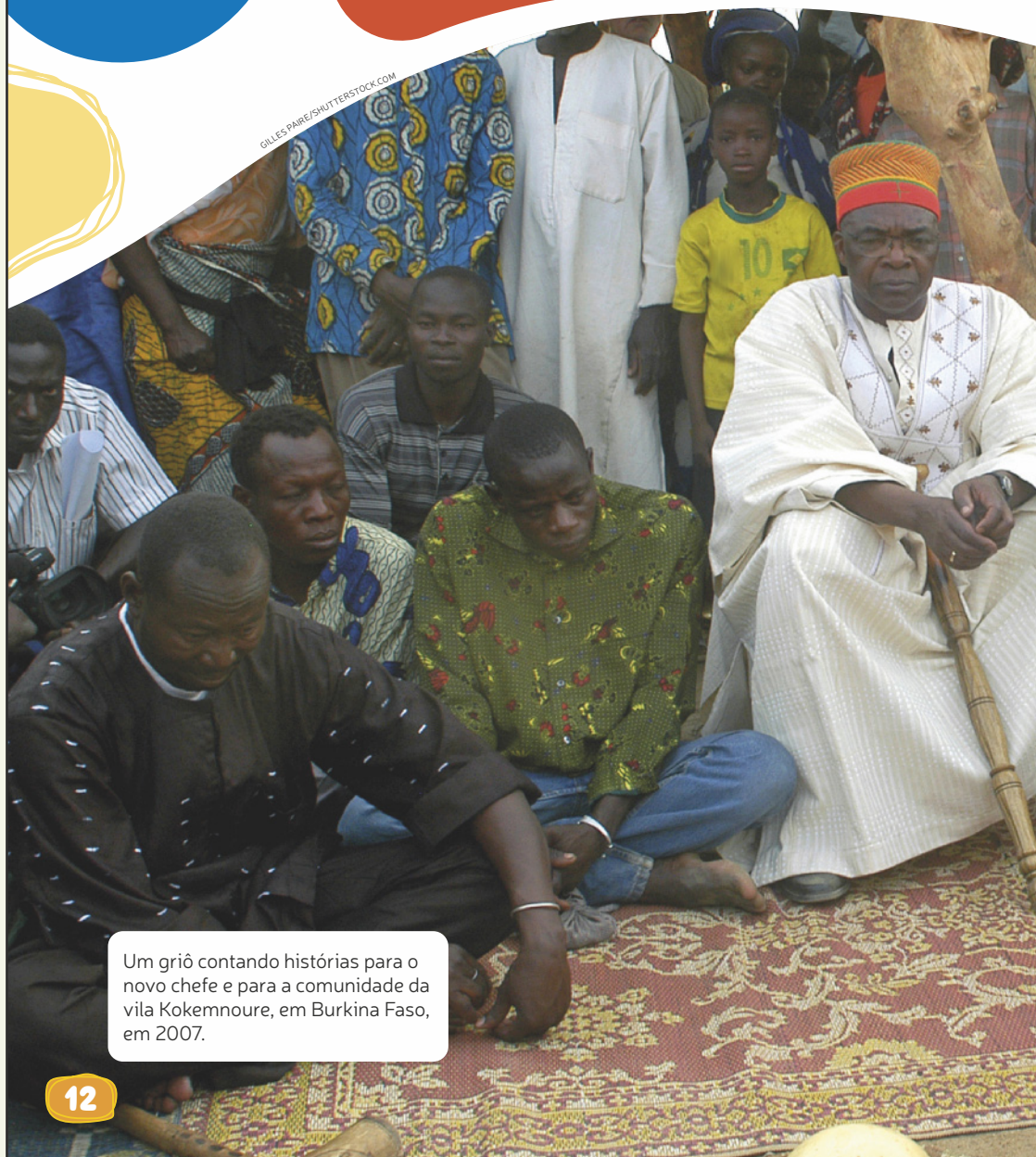
Use as questões da abertura para fazer uma avaliação diagnóstica sobre o tema logo ao início da unidade. Isso é importante, pois orienta o processo pedagógico para a promoção de avanços na aprendizagem. Mapeie o conhecimento dos estudantes acerca do tema, observando seus interesses. Registre e documente essas observações, para ajudá-lo a acompanhar o desenvolvimento de cada estudante.

Proponha uma roda de conversa para discutirem as questões do **Livro do estudante**. Elaborem um caderno de contos da turma.

UNIDADE

1

CONTANDO HISTÓRIAS



Um griô contando histórias para o novo chefe e para a comunidade da vila Kokemnoure, em Burkina Faso, em 2007.

12

BNCC

Esta unidade tem como objetivo focalizar a tradição oral por meio da cultura dos griôs, tecendo relações, de forma geral, entre a música, o teatro e a cultura dos povos africanos. Os estudos acerca da tradição oral manifestada na Arte, na cultura africana e na importância dos griôs para a preservação dessa cultura promovem o desenvolvimento da **Competência específica de Arte 3** e da habilidade **EF15AR25**. Ao apreciarem as histórias contadas e cantadas, além de experienciarem modos próprios de narrar as próprias histórias, os estudantes desenvolverão a **Competência específica de Arte 8**.

Referências complementares

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau literária**: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2013.

Nesse artigo, você poderá conferir várias informações sobre os griôs e como eles foram representados pela literatura infantil no Brasil. Você encontrará também mais informações sobre a dinâmica que se estabelece entre o contador que inicia sua história com “*Kwesukesukela*” e seu público que responde com “*cosi, cosi*”.

A: A imagem retrata um griô contando uma história para a comunidade.

Mitos, contos, provérbios, rezas, canções e práticas cotidianas são alguns dos conhecimentos que as pessoas mais velhas transmitem às outras em muitas comunidades africanas. Conhecidas como griôs, essas pessoas são consideradas grandes mestras do saber e da cultura, sendo responsáveis por preservar a memória coletiva de sua comunidade.

B, C: Respostas pessoais.
Veja orientações complementares no Manual do professor.



A

O que esta imagem está retratando?



B

Você já ouviu histórias contadas por alguma pessoa próxima de você?



C

O que podemos aprender ouvindo histórias de pessoas que viveram muito mais tempo do que nós?

Orientações complementares

- a) Oriente os estudantes a reparar nos aspectos culturais da imagem: “O que é parecido ou não com o contexto de cada um deles”. Incentive-os a compartilhar suas experiências com relação à contação de histórias. Acolha todas as respostas, verificando os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto.
- b) Observe se eles reconhecem aspectos da tradição oral no próprio cotidiano. Caso conheçam alguma história passada de geração em geração, você pode **tirar melhor proveito da atividade**, pedindo que a contem para os colegas. Isso pode ser feito por meio da dinâmica proposta na seção **Sugestão de estratégia inicial** da página 12 deste manual.
- c) Durante o compartilhamento das respostas, amplie o conhecimento dos estudantes, comentando aspectos culturais desses aprendizados, tais como comportamento, práticas corporais, musicalidades, receitas, entre outros.

► Mostre aos estudantes um mapa da África. Por meio dele, saliente que o continente africano é grande, com enorme e diversificada riqueza cultural. Destaque a região oeste, sobretudo do Mali, onde a cultura dos griôs é mais difundida, além da Nigéria, Guiné, Níger, Senegal, Gâmbia e Burkina Faso, Gâmbia, Guiné- Bissau, Senegal, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim e parte do norte de Gana, regiões onde a tradição griô é perpetuada.

- O contador de histórias tradicional africano, o griô, é um narrador que reconstrói o passado graças à contação de histórias, assim preservando a tradição familiar e cultural de um povo. Os contos africanos não eram escritos, pois sua essência consiste na oralidade, na teatralidade e na musicalidade do contador.
- Aproveite as sugestões listadas a seguir para conhecer um pouco mais sobre os griôs.

Referências complementares

- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taíza Mara Rauhen. **Contação de histórias:** tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: SESC, 2016.

O livro traz contextualizações e reflexões acerca das práticas dos narradores por meio de perspectivas étnicas, regionais e populares, além de estabelecer relações com outras linguagens artísticas e diversas áreas do conhecimento.

- GNEKA, Georges Louis; LIMA, Heloisa Pires; LEMOS, Mario. **A semmente que veio da África.** São Paulo: Salamandra, 2019.

Essa obra está em destaque na sessão **Entre textos** e pode servir de apoio pedagógico no aprofundamento da narrativa acerca do embondeiro, já indicada no **Livro do estudante**. O livro integra um projeto interdisciplinar em torno de um tema: a árvore de nome científico *Adansonia digitata* (o baobá ou embondeiro), apresentando várias formas de conhecê-la, tais como lendas, mitos, relatos, informações científicas, ilustrações etc.

- DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou.** Trad. Charles Cosac. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Esse livro pode servir de apoio pedagógico (literário e lúdico) para os estudantes, na medida em que promove a valorização da estética negra por meio das situações vivenciadas pela pequena Bintou, que almeja possuir tranças nos cabelos iguais às de sua irmã mais velha. O desejo de tirar seus “birotos” vai revelando a compreensão que Bintou tinha de si mesma e reconstruindo seu olhar. Procure ler em voz alta para os estudantes.

- **Sotigui Kouyaté:** um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Brasil, 2014 (57 min).

AS HISTÓRIAS SÃO PASSADAS DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO

Sabe aquela história que a sua avó contou para a sua mãe, que contou para você? É mais ou menos assim que as canções, rezas, contos, provérbios, receitas e outros saberes são preservados em diversos países da África!

Cabe aos griôs ensinar aos mais jovens os conhecimentos tradicionais da comunidade onde vivem. Essas pessoas, que geralmente já viveram muitos anos, fazem isso por meio da poesia, da contação de histórias, da música, da dança e de outras habilidades.



● Um griô contando histórias em sua comunidade, em Mali, na década de 1970.

14

Esse documentário pode servir de suporte para você se aprofundar na temática da unidade. O material audiovisual nos mostra o ator, diretor e griô africano, que trabalhou com o diretor britânico Peter Brook, falando a respeito da missão de passar adiante seus conhecimentos, bem como da memória do continente e da importância da escuta para a Arte, a comunicação e a vida.

BNCC

As reflexões desta página partem da relação entre várias linguagens que a prática dos griôs promove, principalmente as da Música e do Teatro. Esses estudos promovem a habilidade **EF15AR25**, por enfatizar a importância e a valorização das práticas culturais na preservação da memória de um povo e na construção da identidade social.

AS HISTÓRIAS TAMBÉM SÃO TOCADAS E CANTADAS

Você sabia que a música está presente em diversas atividades nas comunidades africanas? A música está presente na dança, nos rituais, nas festas. E em todas essas situações, o uso de instrumentos musicais é muito importante!

Leia o conto a seguir e repare como o autor escreveu sobre a importância da música na África, transmitida de geração para geração.

Informe aos estudantes que mbira é o nome de um instrumento musical africano importante para os griôs.



Fotografia de uma mbira, instrumento musical feito de madeira e teclas de metal. Suas teclas são tocadas com as unhas dos polegares e indicadores. A mbira é um instrumento típico do povo Shona, que forma a maioria da população do Zimbábue, na África.

Os vadzimu

Chaka aprendeu a tocar mbira com seu PAI

Que aprendeu a tocar com o AVÔ

(pai do pai)

Que aprendeu a tocar com o BISAVÔ

(pai do pai do pai)

Que aprendeu a tocar com o TRISAVÔ

(pai do pai do pai do pai)

Que aprendeu a tocar com o TATARAVÔ

(pai do pai do pai do pai do pai).

Gioielli, Décio. A mbira da beira do rio Zambeze / Décio Gioielli; organização de Heloisa Pires Lima; ilustrações de Suppa; fotografias Marie Ange Bordas. São Paulo: Moderna, 2007. p. 17.



1

Que bacana! Tocar mbira é um conhecimento que pode atravessar gerações em uma mesma família! E você? Tem algo que aprendeu com as pessoas mais velhas de seu convívio?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

15

- Nesta página, é apresentada aos estudantes uma tradição milenar, passada de geração a geração: a do ensino-aprendizado por meio da música tocada na mbira, instrumento africano feito com lâminas. A escolha desse instrumento foi baseada na pesquisa do músico percussionista Décio Gioielli, autor do texto citado no **Livro do estudante**.
- Instigue os estudantes a refletir sobre o próprio contexto musical: “A música exerce um papel importante nele ou não?”; “Será que conhecem alguém que estudou música porque o pai ou a mãe eram músicos?”.

Referências complementares

- GIOIELLI, Décio. **A mbira da beira do rio Zambeze**. São Paulo: Moderna, 2007.

Iniciando pela kalimba (instrumento da família das mbiras), Décio Gioielli realizou uma pesquisa das origens e formas de ensino/aprendizagem do instrumento *in loco*, na África, onde se deparou com a cultura griô, na qual o instrumento assume um papel de grande importância. Essa pesquisa resultou nesse livro infantil, que, por meio de contos, fala das origens e dos significados desse instrumento na cultura africana.

- Para conhecer a sonoridade e a história da mbira, digite em um site de busca de sua preferência as palavras “Mbira: o instrumento dos ancestrais zimbabuanos”.

BNCC E PNA

Ao conhecer o contexto musical de povos africanos e a importância da mbira para os povos da África Ocidental, valorizamos o patrimônio imaterial de matriz africana, trabalhando com a habilidade **EF15AR25**. A atividade promove ainda o desenvolvimento da habilidade **EF15AR15**, ao trabalhar as características e a história da mbira com os estudantes. Ao propor a leitura do texto de Décio Gioielli com velocidade e expressão adequadas, favorece-se o desenvolvimento dos componentes **consciência fonológica e fonêmica, fluência em leitura oral e compreensão de textos**.

Orientações complementares

1. Para **tirar melhor proveito da atividade**, promova uma roda de conversa para discutir a questão. Cada estudante poderá ensinar, aos seus colegas, algo que aprendeu com pessoas mais velhas de seu convívio. Observe a assimilação, por parte dos estudantes, do conceito de tradição oral com base nas proposições que farão.

OBJETIVOS

- ▶ Valorizar a tradição oral e o valor dessa prática para a preservação da memória de um povo, comunidade ou até mesmo de uma família.
- ▶ **Relacionar ideias e informações**, por meio da leitura de um conto, **fazendo inferências diretas** para ampliar seu vocabulário.
- ▶ Conhecer histórias de origem africana, valoriza uma das importantes matrizes culturais do Brasil, e contribui também para promover o **valor cívico de respeito** à cultura africana, à cultura brasileira e a todos cidadãos do país.
- ▶ Os primeiros registros de contos, mitos e fábulas dos povos africanos foram feitos, a princípio, por estadunidenses e europeus, tais como missionários e mercadores. Atualmente, esses registros são feitos, em geral, por pesquisadores ligados sobretudo à Literatura e à Antropologia. Sugerimos que você procure conhecer o trabalho do antropólogo Leo Frobenius, um dos primeiros a registrar a tradição oral sudanesa nos impérios africanos.
- ▶ Os livros, em especial os de literatura infantil, muitas vezes tentam traduzir em imagens e palavras impressas as diferentes nuances expressivas da oralidade. Por isso, muitos livros infantis são ricos nos detalhes das cores e das imagens, sugerindo histórias que pedem para ser declamadas, cantadas e encenadas com os seus ouvintes. O livro infantil costuma ser um suporte para que os pais leiam aos filhos não alfabetizados, incitando a prática da leitura compartilhada, quando estes passam pelo processo de alfabetização. Os homens e as mulheres griôs inspiram também muitos escritores, ampliando a rede da percepção em compreender o mundo pela tradição oral.

ENTRE TEXTOS

Em Moçambique, é muito fácil encontrar o embondeiro. Essa árvore imensa, também chamada baobá, é considerada a “Árvore da palavra”.

A seguir, vamos ler um trecho de um **conto** em que fica claro o valor que os moçambicanos dão ao embondeiro. Sabe como esse conto chegou até nós? Isso mesmo: ele foi sendo contado oralmente de geração para geração!

– A certa altura do ano, os embondeiros crescem, crescem, crescem e crescem. Crescem tanto que até conseguem tapar a lua. Os embondeiros estão, então, a eclipsar. E é numa dessas noites que nascem flores muito brancas por todo o embondeiro. Elas vivem por pouco tempo, mas, em vez de caírem na terra, elas se transformam em estrelinhas. Voam pelo ar, vão alto, bem alto, e depois se espalham pelo céu. Primeiro enfeitam a árvore com a sua luz, por uma noite. E, nas outras, ajudam a lua a clarear tudo por aqui.

Heloisa Pires Lima. **A semente que veio da África**.
São Paulo: Salamandra, 2005. p. 28.



16

BNCC E PNA

A valorização da cultura oral e da cultura dos povos africanos, princípios norteadores dos conteúdos e atividades aqui propostos, promove a habilidade **EF15AR25**. Os estudantes serão motivados a experimentar a interpretação e a narração das próprias produções, além de utilizar a expressividade corporal e musical na narração das histórias pertencentes à própria ancestralidade que compartilharão com a turma. Será desenvolvida, assim, a habilidade **EF15AR21**.

As atividades da seção **Explorando o texto** contemplam os componentes **desenvolvimento do vocabulário** e **compreensão de textos**. No item **a**, os estudantes devem consultar no dicionário o significado da palavra **eclipsar** e discutir com os colegas a aplicação dela no contexto proposto. No item **b**, devem **retirar informação explícita do texto** para relacionar a flor de baobá a estrelas, de acordo com informações do texto.

EXPLORANDO O TEXTO

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

- a) Você sabe o que significa a palavra **eclipsar** que aparece no texto? Pesquise em um dicionário o seu significado e depois debata **com seus colegas** por que os embondeiros estão a “eclipsar”.
- b) Segundo o texto, a flor do baobá se transforma em uma coisa muito especial. Ligue a flor de baobá no que ela vai se transformar.



Flor de baobá.

Nuvem.



Pipoca.



Estrelas.



ALÉM DO TEXTO

Veja as orientações no **Manual do professor**.

- a) Você já pensou em quantas histórias as pessoas que estão à sua volta têm para contar? Sua tarefa, agora, é conhecer uma história contada por alguém da sua família ou da localidade onde você vive. Ouça a história com atenção, pois depois você vai contá-la para **seus colegas** em uma gostosa roda de histórias! Anote a seguir o nome da história e quem a contou para você.

Resposta pessoal de acordo com a vivência do estudante.

EXPLORANDO O TEXTO

Orientações complementares

- a) Para **tirar melhor proveito da atividade**, você pode propor que os estudantes realizem a pesquisa das perguntas **a** e **b** em pequenos grupos e que apresentem os resultados para a turma. Anote na lousa todas as palavras levantadas. Espera-se que todos reparem no descomunal crescimento do embondeiro, crescendo tanto a ponto de tirar a visibilidade da Lua. Outra possibilidade de abordar esta atividade é incentivar os estudantes a realizar a pesquisa junto aos familiares, em um processo de **literacia familiar**. Esse pode ser um momento de aprendizagem e diversão. O registro da pesquisa favorece, ainda, o desenvolvimento da escrita.
- b) Verifique se os estudantes indicam que a florzinha se transforma em estrelinha, **localizando essa informação explícita** no texto. Aproveite as imagens da página para explicitar essa imagem poética apresentada pelo conto, chamando a atenção dos estudantes para as características visuais dos exemplos apresentados nesta página.

ALÉM DO TEXTO

Orientações complementares

- a) Nesta atividade, sugira aos estudantes que apresentem a pesquisa na roda de histórias, retomando o jogo proposto na seção **Sugestão de estratégia inicial** da página 12 deste manual. O contador diz: “Kwesukela...”, ao que a turma responde: “cosi, cosi”. Diga aos estudantes que a atividade será gravada. Por isso, saliente que eles devem ficar atentos à teatralidade! Se possível, registre essas histórias em um banco digital.

Referências complementares

- Um Pé de Quê? Baobá. **Um Pé de Quê?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YKNrjdtmjo>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Para saber mais sobre a árvore do embondeiro, ou baobá, sugerimos que você assista a esse episódio do programa “Um pé de quê?”, apresentado pela atriz Regina Casé e com duração de 23 min.

- A atividade **a** da seção **Além do Texto** incentiva os estudantes a **reconhecer e valorizar as contribuições dos membros de sua família ou comunidade**, fortalecendo os vínculos importantes para o sucesso escolar dos estudantes.

► Peça aos estudantes que observem as imagens dos instrumentos. Pergunte se conhecem ou já tocaram algum deles: “Já viram alguém tocando?”. Leve áudios para que escutem os sons característicos de cada um. Seria muito interessante se os estudantes pudessem explorar sonoramente esses instrumentos. Se possível, peça-lhes que levem para a escola instrumentos de origem africana. Vocês podem organizar uma exposição. Aproveite e sonorize com os estudantes um conto retirado do livro **A mbira da beira do rio Zambeze**, referido na página 15 deste manual. Outra possibilidade é conferir a referência a seguir.

Referências complementares

► GIOIELLI, Décio; PERES, Sandra; TATIT, Paulo. **Meu neném**. São Paulo: Palavra Cantada, 2003.

Você também pode sugerir aos estudantes a apreciação das músicas desse álbum, que trazem, entre outros instrumentos africanos, a kalimba africana, pertencente à família da mbira.

Como músico, Décio Gioielli se dedicou a pesquisar o instrumento musical africano mbira. Ele viajou para a África para descobrir suas origens e conversar com os músicos tocadores de mbira, os quais, como diz o conto, aprenderam a tocar com seus ancestrais. Trata-se, portanto, de uma tradição passada de geração a geração.

INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO DE ORIGEM AFRICANA

Você já ouviu falar em zabumba e reco-reco? Esses são instrumentos musicais de origem africana que fazem parte de uma mesma família: a família dos instrumentos de **percussão**. Apesar de parecidos, cada um deles produz som de uma maneira diferente. Vamos descobrir por quê!

A zabumba pertence ao grupo dos **membranofones**. Em instrumentos desse tipo, o som é produzido por uma membrana esticada, que vibra quando é batida.

Já o reco-reco faz parte dos **idiofones**. Nesse grupo, é o próprio corpo do instrumento que vibra para produzir os sons.

1 Desafio à vista! Observe os instrumentos a seguir e classifique-os de acordo com a legenda.



● Zabumba.



● Reco-reco.

M – membranofone

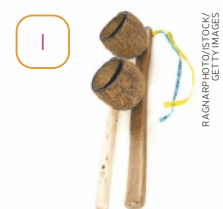
I – idiofone



● Zabumba.



● Afoxé.



● Agogô de castanha.



● Tambor falante.



● Djembe.

18

Orientações complementares

1. A ideia do desafio é fomentar nos estudantes o entendimento das diferenças materiais e sonoras dos membranofones e dos idiofones. Após as respostas, para conhecer mais sobre essa classificação dos instrumentos, você pode lhes propor uma **visita virtual** ao seguinte museu.

► **Museu Virtual de Instrumentos Musicais.** Disponível em: <https://www.mvim.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BNCC E PNA

Nesta página, buscaremos conhecer instrumentos de origem africana que também estão presentes em manifestações musicais da cultura brasileira. Além disso, buscaremos identificar instrumentos percussivos dos grupos dos membranofones e idiofones (instrumentos de membranas percussivas e corpo vibratório), bem como suas características sonoras e materiais, trabalhando, assim, a habilidade **EF15AR15**.

O componente **compreensão de textos** é desenvolvido na atividade 1, pois os estudantes devem classificar os instrumentos musicais de acordo com a legenda, com base na compreensão do texto lido anteriormente.

- 2** Agora você vai construir o próprio instrumento da família dos membranofones: o beliscofone! *Resposta pessoal. Solicite com antecedência os materiais para realizar a atividade desta página. Veja orientações no Manual do professor.*

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- lata
- tesoura
- bexiga
- fita-crepe

MODO DE FAZER:



- 1** Corte a parte estreita da bexiga.



- 3** Com a fita-crepe, fixe a borda da bexiga na lata.



- 2** Estique a bexiga com cuidado sobre a parte aberta da lata.



- 4** Agora, é só tocar!

- a) O beliscofone pode ser tocado beliscando a bexiga, batendo nela com as mãos ou com uma baqueta. Experimente!
- b) O som produzido pelos beliscofones da sua turma é o mesmo? Siga as orientações do professor e fique atento para perceber os sons graves. *Respostas pessoais. Veja as orientações no Manual do professor.*

19

BNCC

Esta atividade promove a habilidade **EF15AR15**, por possibilitar que os estudantes **experimentem** diversos materiais na construção de um instrumento membranofônico. A bexiga é um material rico para desenvolver a percepção sonora das alturas, da densidade e do ritmo, o que favorece o desenvolvimento da habilidade **EF15AR14**.

AVALIANDO

Objetivo

- ▶ Verificar a percepção dos estudantes com relação a sons graves e agudos.

Sugestão de intervenção

Esta atividade permite uma avaliação a respeito da classificação das alturas sonoras pelos estudantes, elemento importante a ser desenvolvido para que a aprendizagem musical evolua. Observe se cada estudante diferencia os sons graves dos agudos e se percebe a classificação por alturas.

- ▶ O objetivo da atividade **2** consiste em explorar diversos materiais na construção de um instrumento membranofônico e realizar uma investigação sonora do instrumento construído.
- ▶ Busque providenciar, com antecedência, os materiais necessários para a construção do instrumento. Prepare a sala para que os estudantes possam se sentar em roda no chão. A roda torna o ambiente mais alegre e possibilita as trocas e o compartilhamento de aprendizagens.
- ▶ Após a construção do instrumento, permita que os estudantes explorem as sonoridades e que comparem os sons entre os instrumentos, seguindo as orientações dos itens **a** e **b**. Registre em áudios ou vídeos os sons dos instrumentos construídos.
- ▶ A atividade a seguir propõe a sensibilização da escuta fina, importante etapa que precede a escuta das notas musicais e a consciência da afinação.

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- ▶ Os beliscofones desenvolvidos na atividade **2**.

Passo a passo

- a) Com a turma sentada em roda, peça a um estudante que toque três vezes o beliscofone, puxando a bexiga. Em seguida, o colega ao lado deverá fazer a mesma coisa.
- b) Você deverá perguntar qual dos sons é mais grave; o do primeiro colega que tocou ou o do segundo. Se o colega da direita for mais grave que o da esquerda, eles devem trocar de lugar.
- c) O procedimento continua com o colega ao lado, sempre remanejando os lugares e, se necessário, refazendo a qualificação cada vez que os estudantes mudarem seus lugares.
- d) A ideia é que, ao final da classificação sonora, os sons mais graves se iniciem da esquerda para a direita, favorecendo a percepção de que, nos instrumentos convencionais (como o piano), os sons mais graves se encontram à esquerda e os mais agudos, à direita. Assim, à medida que a classificação for feita, procure remanejar os estudantes e seus instrumentos de lugar, posicionando os sons mais graves da esquerda para a direita de quem olha.

- Em uma roda de conversa, instigue os estudantes a conversar sobre o que a imagem representa. Pergunte se conhecessem alguma dessas brincadeiras, se ainda brincam e como a conheceram.
- A Semana Mundial do Brincar é comemorada entre os dias 22 e 30 de maio. A data foi estabelecida em 1999 pela UNESCO, que disponibiliza uma publicação, em formato de cartilha, sobre o tema, podendo servir de apoio pedagógico complementar para você. O conteúdo refere-se a brincadeiras da primeira infância, mas elas podem ser ressignificadas ou abordadas como memória para os estudantes do ciclo I. Em um site de busca de sua preferência, digite “Cartilha Criança Feliz” e terá acesso ao documento.
- A atividade 1 favorece a **aproximação dos familiares e da comunidade**, de modo a fortalecer a trajetória e o sucesso escolar dos estudantes.

Orientações complementares

1. Você pode sugerir que os estudantes realizem esta atividade como tarefa de casa. Também pode sugerir que aproveitem a pesquisa e perguntem para os entrevistados quais são as principais diferenças entre as brincadeiras da época deles e as de hoje. Desse modo, ao anotar as respostas, estarão desenvolvendo um processo de **literacia familiar**.

2.a) Conforme compartilham as respostas, comente com os estudantes sobre cada uma das ações que terão de observar nas brincadeiras: imitar, memorizar, repetir.

b) Conforme compartilham suas respostas, verifique quais foram as brincadeiras que se repetiram. Promova uma reflexão acerca das diferenças entre as brincadeiras antigas e as de hoje.

- Essa proposta permite que você avalie a maneira como os estudantes se envolvem na atividade, verificando se resgatam com facilidade o repertório pessoal de histórias e brincadeiras adquiridas com base na oralidade de sua cultura, bem como se reconhecem elementos constitutivos das brincadeiras tradicionais e se a ressignificam em sua criação individual e coletiva.

BRINCADEIRAS ANTIGAS

Amarelinha, pega-pega, esconde-esconde... Você se lembra de como conheceu essas brincadeiras?

Por meio da tradição oral também aprendemos diversas brincadeiras que fizeram parte da infância de muitas gerações!

Os avós e pais de hoje já foram crianças um dia e, assim como você, também gostavam de brincar. De que será que eles brincavam?

Família brincando de **Cabra-cega**. ●



FIZES/ISTOCK/GETTY IMAGES

- 1 Pergunte para as pessoas adultas da sua família e da sua comunidade quais eram as brincadeiras preferidas delas quando eram crianças. Depois, registre as respostas no quadro a seguir.

Resposta pessoal. Veja as orientações no **Manual do professor**.

Nomes das brincadeiras	

- 2 Agora, responda às questões a seguir.

- a) Em quais brincadeiras é necessário imitar os gestos de alguém, memorizar cantigas, repetir palavras ou frases? Contorne o nome dessas brincadeiras. **Resposta pessoal. Veja as orientações no Manual do professor.**
- b) Entre todas essas brincadeiras, qual é a sua preferida? Pinte o nome dela com lápis de cor. **Resposta pessoal. Veja as orientações no Manual do professor.**

20

As atividades propostas nesta página promovem a **Competência específica de Arte 3** por exercitar os aspectos relativos à memória e ao compartilhamento de saberes ancestrais relacionados ao brincar. Com a realização da pesquisa proposta, com autonomia por parte dos estudantes e desenvolvimento de seu senso crítico, a **Competência específica de Arte 8** também é contemplada.

Trabalham, ainda, com a habilidade **EF15AR24**, uma vez que exploram as brincadeiras e as histórias de tradição oral.

Ao fazer a pesquisa proposta pela atividade 1 e completar o quadro proposto no livro, nomeando as brincadeiras que encontraram, os estudantes exploram os componentes **conhecimento alfabético, desenvolvimento do vocabulário e produção de escrita**.



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

Respostas pessoais. Para as atividades desta página, solicite com antecedência os beliscofones construídos pelos estudantes. Veja orientações no **Manual do professor**.

1. Que tal participar de uma roda de história coletiva? Cada um de nós vai ajudar a contar uma parte da história. Para a contação ficar ainda mais especial, vamos usar os beliscofones!
 2. Relembre as suas descobertas ao longo desta unidade!
- A** Para completar a tabela a seguir, pense nas brincadeiras, nas histórias ou em algo mais que você aprendeu com as pessoas do seu convívio.

Eu, Respostas pessoais.

aprendi a _____

com _____

Que aprendeu a _____

com _____

Que aprendeu a _____

com _____

- B** Vamos compartilhar a sua experiência e a de **seus colegas** em um ritual de aprendizado que combine encenação e música! Cada estudante, na sua vez, vai contar em voz alta o que escreveu em sua tabela. A pessoa que estiver falando deverá ficar em pé e com algum material em destaque, como um chapéu, tecido ou outro objeto em mãos. Quem estiver ouvindo será responsável pelo fundo musical. Divirtam-se!

21



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivos

Avaliar os conhecimentos dos estudantes sobre tradição oral. Verificar o desenvolvimento da criatividade e da expressividade corporal e musical, pelos estudantes, na elaboração e compartilhamento das produções.

Sugestão de intervenção

Organize a turma em pequenos grupos, para que levantem possibilidades de inserção dos beliscofones durante as leituras individuais. Permita que ensaiem as histórias de cada integrante do grupo. Em seguida, oriente-os a compartilhar as decisões sonoras e musicais que tomaram: “Quais foram parecidas”; “Quais delas poderiam ser imitadas por outros grupos”. Anote na lousa as decisões. Cada estudante deve ter o direito de apresentar sua história! Observe como os estudantes lidam com a oralidade e com a qualidade das suas interações nas proposições coletivas. Caso algum apresente dificuldades ou se negue a apresentar de forma individual, respeite essa posição e sugira que um colega possa fazer com ele a leitura da história. A relação da oralidade com a escrita também deve ser avaliada. Para alguns, a expressão escrita é mais evidente que a oral; para outros, o inverso; e para outros, ainda, a expressão não aparece nem de uma forma nem de outra. Nesse último caso, esse estudante necessita de maior atenção à expressão corporal subjetiva, bem como de auxílio e orientação nas atividades.

Por fim, abra uma roda de conversa e peça-lhes que comentem a experiência. Indique, por meio de exemplos, razões para aprendermos com as habilidades de uns para com os outros, somando conhecimentos e alimentando a cultura da aprendizagem em grupo.

2. Objetivo

- Praticar a oralidade e o trabalho com as intensidades do som.

Sugestão de intervenção

Ao iniciar o item **A**, solicite-lhes que leiam atentamente o texto proposto e registrem os itens da tabela. Caso não consigam discernir algo, ajude-os, retomando os conteúdos da unidade.

Ao passar para o item **B**, organize o trabalho em roda, observando a intenção empregada na voz ao ler aquilo que escreveram na tabela. Comente com os estudantes que os sons produzidos nos beliscofones não podem se sobrepor à voz de quem conta a história. Assim, essa é uma boa oportunidade de trabalhar a intensidade.

PNA

Ao completar a tabela com as informações solicitadas na atividade **A**, é contemplado o componente **produção de escrita**. No item **B**, ao ler para os colegas aquilo que produziram, os estudantes fortalecem o componente **fluência em leitura oral**.

Nesta unidade, os estudantes vivenciaram experiências de ampliação cultural e de práticas artísticas, abrangendo a Música e o Teatro. Foram também convidados a adentrar o universo mágico da tradição oral, por meio do estudo da cultura dos povos africanos. A importância dos griôs para a preservação da memória e o reconhecimento do povo africano foi destacada, bem como a dos embondeiros, da música e da mbira. Conheceram, ainda, instrumentos de origem africana, igualmente presentes em manifestações musicais da cultura brasileira, e desenvolveram a percepção sonora, a fim de identificar instrumentos percussivos dos grupos dos membranofones e idiofones. Além disso, experimentaram a interpretação e narração das próprias produções, bem como utilizaram a expressividade corporal e musical na narração das histórias pertencentes à própria ancestralidade que compartilharam com a turma. Por fim, usaram a criatividade na investigação dos movimentos corporais e vocais, para garantir uma narração interessante, e experienciaram as brincadeiras e as histórias de tradição oral. É chegado, portanto, o momento de avaliar os resultados alcançados com a proposta, para que seja acompanhado o desenvolvimento de cada estudante.

Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Para concluir a unidade, você pode realizar uma avaliação coletiva, retomando, por meio de uma roda de conversa, os principais pontos abordados. Com base nos registros que realizaram no decorrer da unidade, os estudantes podem comentar os saberes aprendidos e os compartilhados, bem como os pontos positivos e os que foram desafiadores ou intransponíveis. Acompanhe essas conversas, registrando e comparando com os seus registros anteriores. Convide os estudantes que tiveram maior dificuldade de apresentar individualmente sua produção e pesquisa para uma conversa em particular. Procure compreender as motivações, pois essa avaliação pode ajudar na organização das próximas propostas pedagógicas. Os registros que você tiver produzido ao longo da unidade, assim como as gravações de vídeos, áudios e fotografias, também amparam esse momento de avaliação da compreensão dos conteúdos e da experiência do processo artístico. Tendo em conta os objetivos da unidade, as seguintes perguntas poderão orientá-lo no processo avaliativo final.

Objetivo: Ampliar o repertório cultural dos estudantes e instigar a valorização da cultura africana, em especial a dos griôs africanos.

- › Os estudantes reconheceram os mestres africanos griôs como contadores de histórias e propagadores de sabedorias ancestrais?
- › Perceberam a tradição oral, além das histórias contadas, cantadas e lidas, como elementos constitutivos da identidade cultural de um povo?

Objetivo: Interpretar, narrar e compartilhar histórias pertencentes à própria ancestralidade.

- › Conseguiram estabelecer relações dos saberes ancestrais com as próprias histórias, dentro de seus contextos culturais?
- › Tiveram desenvoltura oral para ensinar brincadeiras ou contar uma passagem da própria vida?

Objetivo: Desenvolver recursos para ouvir e reproduzir histórias, musicalidades e brincadeiras de tradição oral.

- › Identificaram os aprendizados adquiridos nas brincadeiras tradicionais?
- › Experimentaram possibilidades criativas de movimento e de voz?
- › Disponibilizaram uma escuta atenta às histórias dos colegas?
- › Como se deram as interações coletivas em relação à escuta, à criação e ao respeito pelas oralidades compartilhadas?

Objetivo: Reconhecer instrumentos característicos da cultura africana e suas sonoridades.

- › Perceberam as diferentes materialidades e formas de produção de som?

Objetivo: Explorar e reconhecer os instrumentos da família da percussão.

- › Reconheceram e diferenciaram os instrumentos membranofônicos e os idiofônicos?

Nesta unidade, os estudantes adentraram o universo da cultura africana, ampliaram seu repertório cultural e compreenderam e vivenciaram conteúdos da Música e do Teatro. Vale ressaltar, porém, que esses saberes foram tomados como ganchos tanto para o aprofundamento de conteúdos como para a aprendizagem de novos conhecimentos. Por esse motivo, devem ter sido significativos e bem compreendidos sob a ótica dos estudantes. Os processos de avaliação diagnóstica, somativa e formativa, com base em instrumentos característicos do contexto das artes, tais como as rodas de conversa, possibilitam avaliar qualitativamente e em processo o desenvolvimento dos estudantes.

Objetivos da unidade

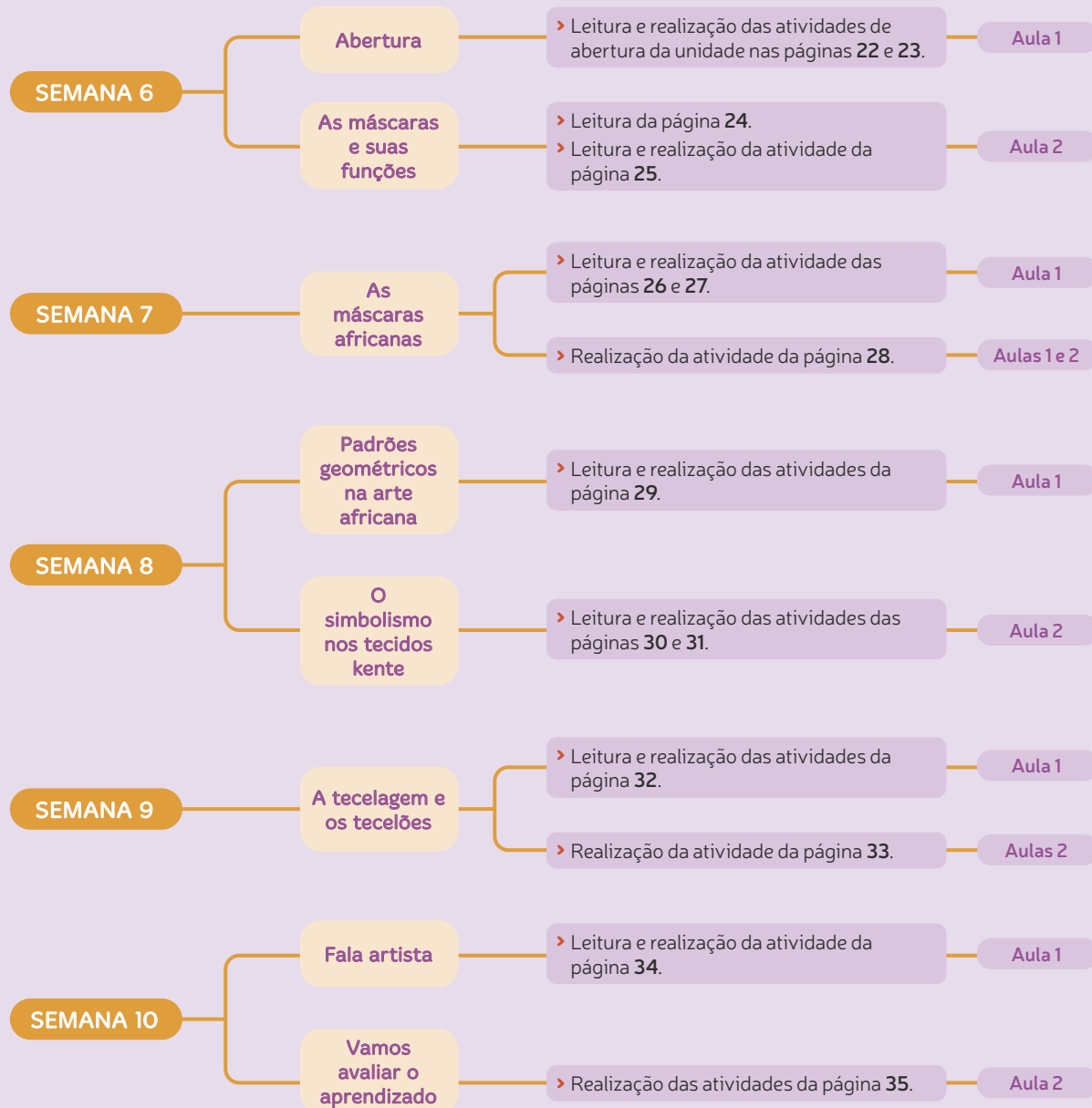
- Conhecer manifestações da cultura africana por meio das máscaras e da tecelagem;
- Analisar os diferentes contextos e funções das máscaras;
- Criar máscaras com base na sua elaboração simbólica e matériaca;
- Identificar padrões geométricos nas manifestações culturais africanas;
- Criar padrões geométricos estabelecendo relações entre símbolos e narrativas;
- Experimentar a técnica da tecelagem por meio da construção de um tear.

O tema desta unidade são as manifestações culturais dos povos africanos, com especial atenção às máscaras e à tecelagem. Por meio da apreciação de imagens, dos conteúdos apresentados e das atividades que serão desenvolvidas, os estudantes entrarão em contato com a diversidade de formas, materiais, conceitos e funções das máscaras africanas, compreendendo essa produção como expressão dos diferentes costumes, crenças e tradições desses povos, reconhecendo-as e valorizando-as como importante forma de expressão. Nesse percurso, experimentarão a criação de máscaras, explorando diferentes materiais e as relações entre forma e representação, atribuindo significados por meio de cores, formatos, símbolos etc. Por meio

da observação de diferentes manifestações culturais africanas, identificarão padrões geométricos, compreendendo, dessa forma, esse conceito e aplicando-o em sua produção, construindo diálogos entre símbolos e narrativas. Ao final, construirão um tear de papelão e experimentarão técnicas de tecelagem.

Na seção **Fala o artista** será apresentado o trabalho desenvolvido pelo artista contemporâneo africano El Anatsui – grandes esculturas feitas com materiais descartados –, levando os estudantes a refletir sobre questões como a exploração de matéria-prima no planeta e a importância da reciclagem de lixo e de evitar desperdícios, criando, dessa forma, comentários sobre a relação entre arte e meio ambiente.

PROPOSTA DE ROTEIRO



SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Inicie a unidade chamando a atenção dos estudantes para as diferentes matrizes étnicas e culturais que formam o povo brasileiro: os indígenas que aqui viviam, os europeus que colonizaram o Brasil e os africanos que foram trazidos à força e escravizados durante muitos séculos. Comente que a diversidade cultural do Brasil se deve justamente ao encontro (nem sempre pacífico) de vários povos. Por isso, valorizar a arte e a cultura africanas é uma forma de reconhecer as origens do povo brasileiro. Ao promover o **respeito** por essas matrizes culturais, promovem-se também outros valores cívicos, como **patriotismo** e **cidadania**.

Diga-lhes que, além da arte, podemos reconhecer a influência das culturas africanas em diversos contextos, como na música, na dança, na culinária e até na própria língua portuguesa. Organize os estudantes em grupos e solicite-lhes que façam uma pesquisa na internet e descubram palavras da língua portuguesa que têm origem africana. Agende uma data para que levem para a sala de aula os resultados das pesquisas. Nessa data, solicite aos grupos que escrevam na lousa as palavras pesquisadas. Exemplos de palavras de origem africana: dengo, cafunê, maculã, moleque, quitanda, fubá, dendê, axé, candomblé, muvuca, cachimbo. Em seguida, peça-lhes que expliquem o significado das palavras. Ajude-os, se necessário.

UNIDADE

2

MÁSCARAS E TECIDOS:
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
AFRICANAS

Máscara do povo Fang, que habita a Guiné Equatorial, produzida no final do século 19.

22

PETER HOBREE/ALAMY/FOTARENA

- Explore os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o continente africano. Pergunte o que conhecem e como tiveram acesso a essas informações (filmes, desenhos animados, revistas, conversas em casa, conteúdos vistos na escola etc.). Se julgar pertinente, leve para a sala de aula um mapa do continente e apresente aos estudantes.
- Explore os conhecimentos prévios dos estudantes sobre máscaras, perguntando em que lugares ou eventos são usadas, quem as usa, por que as usa etc. Agende uma data e solicite que levem as máscaras que possuem em casa (ou de algum parente ou amigo) para vestir na sala de aula e mostrar aos colegas.

BNCC E PNA

Esta unidade tem como objetivo apresentar aos estudantes a diversidade de manifestações culturais e artísticas tradicionais e contemporâneas dos povos africanos, especificamente as máscaras e a tecelagem. Ao explorar, conhecer, fruir e analisar essas práticas e produções, reconhecendo-as como fenômeno sensível aos seus contextos, os estudantes desenvolverão a **Competência específica de Arte 1**. Ao pesquisar em arte e as culturas africanas, sua tradição e manifestações contemporâneas, entendendo esses povos como parte da identidade brasileira, os estudantes desenvolverão a **Competência específica de Arte 3**.

Os debates propostos na abertura da unidade possibilitam o trabalho com o componente **desenvolvimento de vocabulário**.

O que você conhece sobre a África? Talvez já tenha visto documentários mostrando leões, girafas e elefantes, não é mesmo? Talvez conheça algo sobre a civilização egípcia e suas pirâmides misteriosas. Mas saiba que esse continente tem tudo isso e muito mais! Formado por 54 países, a África é habitada por centenas de povos diferentes, cada um com a própria cultura! Apesar dessa diversidade, certos povos africanos possuem manifestações culturais comuns, como as máscaras e a tecelagem. Vamos conhecer algumas delas!

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

- A** Quais tipos de máscara você conhece? Elas têm semelhanças com as máscaras mostradas nestas páginas?
- B** Quais as diferenças entre as máscaras que você conhece e as máscaras destas fotografias?
- C** Escolha três palavras para descrever as máscaras apresentadas nestas páginas. Quais detalhes fizeram com que você pensasse nessas palavras?



Máscara do povo Tabwa, que habita a República Democrática do Congo, feita no início do século 20.

23

Para aprofundar alguns conhecimentos sobre a África, sugerimos assistir com os estudantes ao curta-metragem brasileiro em *stop motion* **Ôrun Aiyê: a criação do mundo** (direção de Jamile Coelho e Cintia Maria, 2015), que explica a criação do mundo com base nos mitos africanos. O filme objetiva desconstruir preconceitos sobre o candomblé e destacar os valores da cultura africana. A produção também apresenta o **griô**, guardião das histórias e das memórias da África.

Orientações complementares

1. Durante o debate, é possível que os estudantes falem sobre máscaras de carnaval, máscaras para proteção de doenças, máscaras de super-heróis etc. Pergunte se, na opinião deles, as máscaras apresentadas na abertura da unidade possuem as mesmas funções daquelas citadas por eles. Peça-lhes que justifiquem suas respostas.
2. É possível que respondam que as diferenças se encontram na materialidade, no formato, nos desenhos, nas cores etc. Esses são elementos da linguagem das Artes visuais que você pode retomar para aprofundar o debate proporcionado pela questão.
3. Após apresentarem suas respostas, solicite aos estudantes que justifiquem suas escolhas, explicando, apoiados pelas imagens, as relações existentes entre as palavras escolhidas e as máscaras. Explore a relação entre os elementos visuais e seus significados, investigando o que acreditam simbolizar os elementos das máscaras (cor, forma, desenhos, detalhes etc.). Acolha as respostas e complemente-as, se necessário.

► Faça a leitura compartilhada da página com os estudantes. Destaque os diferentes tipos de máscaras, reforçando que elas apresentam funções distintas e que estão ligadas às crenças e necessidades dos povos que as produziram, ao contexto histórico e a situações específicas.

► No decorrer da história da humanidade, máscaras foram utilizadas com diferentes fins, de acordo com a cultura e a religiosidade de cada povo, permitindo o acesso a universos regidos pela imaginação e por entidades espirituais invisíveis, sendo a máscara, muitas vezes, uma forma de materializar e dar forma a essas entidades.

► Aprofunde a leitura de cada máscara fazendo comentários específicos. Sugestões:

• **Máscara e saúde:** máscaras se tornaram parte do dia a dia das pessoas de todo o mundo desde a pandemia da Covid-19, pois evitam a transmissão do vírus. Converse com os estudantes sobre a importância da máscara nesse contexto bastante específico, fazendo uma relação com a máscara utilizada pelos médicos no século XIV.

• **Máscara e religião:** em contextos religiosos, as máscaras podem trazer vários significados relativos à cultura que as produziu. Por exemplo, na máscara Punu as cores têm grande importância: sua cor branca pode simbolizar a paz, os espíritos daqueles que se foram e também a vida após a morte.

• **Máscaras e amuletos:** no antigo Egito, o faraó e as pessoas da nobreza passavam pelo processo de mumificação e tinham máscaras mortuárias, muitas vezes feitas de ouro.

► Entre os indígenas brasileiros também é comum o uso de máscaras para fins ritualísticos, cerimoniais, religiosos e simbólicos, representando seres sobrenaturais.

AS MÁSCARAS E SUAS FUNÇÕES

Uma máscara pode ter diferentes formas e funções. Dizem até que algumas delas possuem poderes mágicos! Há máscaras, por exemplo, que transformam crianças em super-heróis, não é verdade? Além dessas, há aquelas que fazem uma pessoa se parecer com outra ou mesmo com um animal!

Vamos conhecer um pouco mais sobre a história das máscaras?

MÁSCARA E SAÚDE

Às vezes, a máscara tem a importante função de proteger a saúde das pessoas, evitando a transmissão de doenças pelo ar.

Nesta imagem, vemos uma máscara que os médicos usavam para se proteger da peste bubônica, doença muito grave e contagiosa que se espalhou pela Europa a partir do século 14.



● Máscara usada na época da peste bubônica, no século 14.

MÁSCARA E RELIGIÃO

Muitas máscaras são utilizadas em cerimônias religiosas, representando os espíritos de ancestrais.

Um exemplo disso são as máscaras usadas pelo povo Punu, no Gabão, que representam rostos de mulheres e eram comuns em rituais que homenageavam os seus antepassados.



● Máscara tradicional do povo Punu, no Gabão, feita no final do século 19.

24

Referências complementares

► GOMBRICH, E. H. Arte para a eternidade. In: GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 16. ed. São Paulo: LTC, 2000. Nesse capítulo, o autor discorre sobre o caráter ritualístico e espiritual da arte egípcia, apresentando e comentando diversas formas de manifestação artística, bem como seus símbolos e significados.

BNCC E PNA

Nas páginas 24 e 25, os estudantes terão contato com diversos tipos de máscaras, reconhecendo e analisando suas diferentes formas, funções e contextos. Também vivenciarão a criação de máscaras em sua elaboração simbólica, utilizando a **imaginação** e a **criatividade**. Ao apreciarem máscaras confeccionadas em diferentes tempos e contextos e ao materializarem suas ideias por meio da linguagem do desenho, os estudantes estarão trabalhando as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR04** e desenvolvendo a **Competência específica de Arte 1**. Além disso, aproveite a oportunidade para explorar os componentes **fluência em leitura oral** e **compreensão de textos**. Proponha a leitura compartilhada do texto referente às máscaras e suas funções. Incentive os estudantes a expressar suas impressões a respeito do que foi lido.

MÁSCARA E AMULETOS

As máscaras mortuárias do Antigo Egito eram usadas para cobrir o rosto de múmias. Os antigos egípcios acreditavam na vida após a morte. Por isso, para garantir a vida no outro mundo, mumificavam os corpos para preservá-los e colocavam neles máscaras como as dessa imagem.

Máscara mortuária do Faraó Tutankamon, líder do Egito Antigo há cerca de 3300 anos.



MÁSCARA E ENTRETENIMENTO

As máscaras também estão presentes na arte e no entretenimento. Como exemplos desse tipo de uso podemos citar as máscaras de super-heróis, de Carnaval e de bailes a fantasia.

● Máscara do super-herói conhecido como Batman, o Homem Morcego.

1

Os super-heróis fazem parte de nossa imaginação. Você já sonhou em ser um deles, para poder lutar contra as injustiças e proteger as pessoas? Se pudesse ser um super-herói, como a sua máscara seria?

Em uma folha avulsa, você criará essa máscara! Imagine que, quando ela for colocada no seu rosto, você ganhará muitos poderes. Quais poderes seriam esses? Pense no formato, nas cores e nos símbolos que você utilizará para fazer a sua máscara. Depois de pronta, mostre-a para os colegas, explicando para eles os símbolos que essa máscara carrega. Não deixe de mencionar também os poderes que ela traz! **Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.**

25

- Na atividade 1, oriente os estudantes a criar um herói com diferentes características, que podem ser físicas ou subjetivas, fazendo anotações e desenhos em seus cadernos. Faça perguntas que os ajudem nessa elaboração, como: “Quais os superpoderes desse herói?”; “De que forma ele luta contra o mal?”; “Ele é sério ou mais divertido?”; “Alto ou baixo?”; “Como a máscara pode refletir seus superpoderes?”. Essas perguntas objetivam incentivar a **imaginação** dos estudantes durante o processo de criação da máscara.
- Após essa conversa inicial e primeira elaboração, os estudantes devem desenhar uma máscara que reflita, de uma forma ou de outra, as características do herói imaginado. Uma sugestão é levar para a sala de aula imagens de máscaras de super-heróis conhecidos pelos estudantes e apresentá-las, perguntando que heróis são esses, quais são seus poderes e de que modo as máscaras indicam esses poderes ou características pessoais (símbolos). Por exemplo: “A máscara do Homem-Aranha é toda fechada porque sua identidade é secreta e apresenta desenhos de teias porque um dos poderes desse herói é lançar teias de aranha”.
- Com relação às materialidades, para que possam trabalhar com liberdade de escolha, disponibilize lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas ou outros riscadores. Se achar pertinente, ofereça também papéis coloridos, tecidos diversos, adesivos, fitas coloridas etc. Caso os estudantes queiram vestir a máscara de papel, providencie elástico fino, palito de churrasco e fita-crepe. Recorte os olhos da máscara para que possam enxergar ao usá-la.
- É esperado que os estudantes façam um desenho e o recortem (máscara de papel). Ao avaliar essa produção, considere que o estudante cria e inventa suas formas de representação, atribuindo outros sentidos à sua produção, que envolvem o conhecimento lógico, afetivo e sensorial.

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- bexiga
- tiras de jornal
- farinha
- água
- pincel
- lápis grafite
- guache
- canetas hidrográficas

Passo a passo

- Convide os estudantes a reproduzir as máscaras que criaram, utilizando a técnica do papel machê.
- Solicite que encham a bexiga de acordo com o tamanho de suas cabeças. Crie uma pasta com duas partes de farinha e uma de água e distribua aos estudantes. Peça-lhes que mergulhem as tiras de jornal nessa mistura, tirem o excesso e cole sobre o balão no sentido vertical, formando uma primeira camada. Depois, devem fazer mais duas camadas,

intercalando os sentidos vertical e horizontal, e deixá-las secar.

- Ajude-os a estourar a bexiga e a retirá-la. Com uma tesoura, corte a bola de jornal ao meio, formando duas partes, para duas máscaras. Peça aos estudantes que meçam a altura dos olhos, do nariz e da boca e marquem com o lápis grafite. Com a tesoura, corte buracos para eles.
- Com auxílio de tinta guache e canetas hidrográficas, oriente os estudantes a decorar suas máscaras.

➤ O conteúdo das páginas 26 e 27 permite que os estudantes conheçam os elementos da cultura africana, possibilitando a valorização dessa importante matriz cultural para o Brasil. Desse modo, também se promove o **respeito** à diversidade presente na própria **cultura brasileira** e a **todo cidadão brasileiro**.

➤ Chame a atenção dos estudantes para as máscaras apresentadas nas páginas 26 e 27. Peça-lhes que expressem suas impressões e percepções sobre essa produção. Acolha os comentários e complemente-os, se necessário. Comente que a arte de muitos povos africanos possui função social, religiosa ou política e elaboração formal extremamente rica e original. Os artistas de algumas culturas africanas criam obras ligadas às tradições e à religiosidade desses povos. Algumas máscaras, por exemplo, têm aparência assustadora, objetivando expressar poderes temíveis e, assim, provocar reações em quem as observa.

➤ Conduza a análise formal das imagens salientando os seguintes pontos: a simetria das máscaras (eixo horizontal), os padrões apresentados, principalmente na máscara de Elefante do povo Bamileque, a abstração e estilização das formas, os materiais utilizados em cada produção, e a relação entre as proporções do rosto humano e as proporções da máscara. Explore também suas percepções sobre as técnicas empregadas por meio das seguintes questões: "Essas máscaras foram esculpidas? Modeladas? Trançadas? Tecidas? Fundidas?". Se julgar necessário, diferencie essas técnicas antes de questionar os estudantes. Incentive-os a **formular hipóteses** e complemente as respostas.

AS MÁSCARAS AFRICANAS

As máscaras fazem parte da cultura de diversos povos africanos. Elas estão presentes em muitas de suas cerimônias e rituais, retratando deuses, animais sagrados e fenômenos da natureza.

A algumas dessas máscaras eram atribuídas funções mágicas. Assim, seu uso representava poderes e a proteção das deusas e deuses, animais ou elementos da natureza!

Que tal conhecermos algumas máscaras tradicionais africanas?

AS MÁSCARAS FANG

Essas máscaras são feitas por povos Fang, que habitam regiões do Gabão e de Camarões. Em geral, são compostas de madeira, têm os olhos pequenos e a boca quase não aparece. Além disso, o nariz é longo e não há separação entre as sobrancelhas. Essas máscaras são comuns em cerimônias de iniciação, quando um adolescente passa para a vida adulta.



● Máscara cerimonial do povo Fang, que habita a Guiné Equatorial, feita no final do século 19.

MÁSCARA DE DUAS FACES DO POVO EKOI

Esse tipo de máscara é produzido pelo povo Ekoï, que vive em regiões da Nigéria e de Camarões. Elas apresentam dois rostos, que representam forças opostas do universo, como o masculino e o feminino; o plano terreno e o plano espiritual; ou o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.



● Máscara do povo Ekoï, que vive no leste da Nigéria, feita no século 18.

26

BNCC

Nas páginas 26 e 27, os estudantes vão explorar as máscaras africanas e adquirir conhecimentos sobre suas características simbólicas, formais, conceituais e os lugares onde estão expostas, trabalhando as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR07** e desenvolvendo as **Competências específicas de Arte 1 e 3**.

Referências complementares

- WILLETT, Frank. **Arte africana**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: Imprensa Oficial, 2017. Esse livro propicia o conhecimento necessário para a apreciação das mais importantes produções artísticas africanas, apresentando diversas imagens de pinturas, esculturas e arquiteturas, que refletem a diversidade africana, formada por povos e culturas distintos entre si.
- BERNADAC, Marie-Laure; BOUCHET, Paule Du. A revolução cubista. In: BERNADAC, Marie-Laure; BOUCHET, Paule Du. **Picasso, o sábio e o louco**. São Paulo: Objetiva, 1986. No início do século XX, Picasso visitou algumas exposições e teve contato com a arte africana e oceânica, inclusive com máscaras, que o deixaram intrigado e admirado com suas formas simples e geométricas. Em decorrência desse contato e de suas investigações pictóricas, nasceu a obra **As donzelas d'Avignon** (1907), com claras referências às máscaras africanas. Nesse capítulo, as autoras discorrem sobre a relação entre Picasso, a arte africana e o Cubismo.

MÁSCARA DE ELEFANTE DO POVO BAMILEQUE

Essas máscaras fazem parte das tradições do povo Bamileque, que vive em Camarões. Ela é bordada com miçangas e só pode ser vestida por pessoas pertencentes à realeza. Essa máscara simboliza o poder, representado pelo elefante.

- 1 O que mais chamou sua atenção em cada uma dessas máscaras? Por quê?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.



VENHA CONHECER

O MUSEU AFRO BRASIL

Você já ouviu falar do Museu Afro Brasil? Esse museu fica localizado no Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, e possui um grande acervo de máscaras, peças históricas, obras de arte, fotografias e documentos que nos permitem conhecer melhor o universo cultural africano e afro-brasileiro.



- O Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo, em 2017.

- Na região onde você mora, existe algum lugar que preserva objetos que nos ajudam a conhecer diferentes histórias e culturas? Comente.

CARLOS PUPO/FOTARENA



MUSEU DE ARTE DE SAINT LOUIS, MISSOURI, EUA/GIFT OF MARTIN D. MAY BY EXCHANGE/BRIDGEMAN IMAGES/ASAPX

- Máscara de Elefante, do povo Bamileque, que habita o leste de Camarões, feita no início do século 20.

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.

27

- Explique aos estudantes que o artista elabora, cria e produz obras em ateliês, oficinas ou estúdios. Para que o público possa ter acesso a elas, é necessário que sejam expostas ou comercializadas em espaços específicos, entre eles o museu. O museu é uma instituição que adquire, preserva, investiga, interpreta e expõe objetos de valor artístico, histórico, científico ou de qualquer outra natureza cultural.
- Os museus possuem acervos. Chamamos de acervo a coleção pública ou privada de obras, objetos, móveis, fotografias, espécies, documentos, cartas, depoimentos (exemplo: Museu da Pessoa) etc.

Orientações complementares

1. Resposta pessoal. Instigue os estudantes a justificar suas respostas, mostrando nas imagens os elementos que acharam mais interessantes e discorrendo sobre eles. Se considerar pertinente, projete as imagens na parede da sala de aula para aprofundar a **apreciação** e a troca coletivas.
- Para **tirar melhor proveito da atividade**, antes de trabalhar os conteúdos da seção **Venha conhecer**, faça uma pesquisa de museus e outras instituições culturais localizados na região da escola. Se julgar adequado, prepare algumas imagens desses locais para mostrar aos estudantes. Solicite a eles que respondam à pergunta, comentando suas respostas. Em seguida, complemente suas respostas apresentando as informações e imagens pesquisadas. Prepare e leve para a sala de aula imagens, informações ou vídeos sobre o Museu Afro Brasil e apresente esse conteúdo aos estudantes.

Referências complementares

- MUSEU. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>. Acesso em: 2 jul. 2021.

O site apresenta mais informações sobre o Museu, com publicações, imagens e acesso ao acervo digital. O Museu Afro Brasil possui um acervo de mais de seis mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas produzidos entre o século XVIII e a atualidade, abarcando diversos aspectos do universo cultural africano e afro-brasileiro por meio de temas ligados à religião, ao trabalho, à arte, à escravidão etc.

- **Conhecendo Museus – Museu Afro Brasil.**

Em um site de busca de vídeos de sua preferência, digite “Conhecendo museus ep 04 museu afro brasil”. Esse vídeo apresenta uma espécie de documentário realizado sobre o Museu, com imagens do acervo e informações. Selecione o trecho que achar mais interessante e reproduza-o aos estudantes com o objetivo de ampliar as informações trazidas na seção **Venha conhecer**.

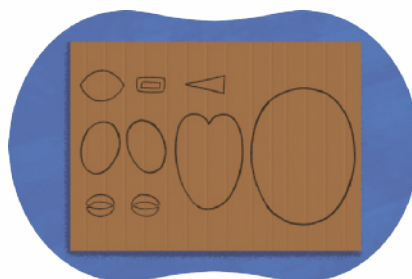
- Antes de iniciar a atividade 1, discuta as questões trazidas no início da página. Deixe os estudantes compartilharem os conhecimentos adquiridos. Se julgar necessário, retome os conteúdos trabalhados nas páginas 26 e 27 ou simplesmente seus comentários e impressões.
- Converse com eles sobre a função da máscara que vão criar. Peça-lhes que definam isso antes de começar a produzi-la. A máscara apresentada no passo a passo é apenas um exemplo. Os estudantes podem criar sua máscara livremente. Na etapa a, chame a atenção para o diálogo entre o formato do rosto e da máscara. As cores e a forma estão intimamente ligadas ao que a máscara representa. Os detalhes identificam a quem ou a que a máscara se refere. Na etapa b, destaque a passagem da linguagem bidimensional do desenho para a tridimensional da máscara.
- Ainda na etapa b, outros materiais podem ser propostos aos estudantes para compor a máscara com riqueza de detalhes e adornos. Uma sugestão é disponibilizar diferentes cores de tinta guache e tipos de pincéis e elementos naturais, como sementes, flores, penas, bucha vegetal, grãos etc.
- Avalie as máscaras produzidas pelos estudantes. Verifique se apresentam a organização de um rosto (olhos, nariz, boca etc.), mesmo que mais abstrato ou estilizado, se os estudantes exploraram diversos tipos de materiais e se são capazes de discorrer sobre a função de suas máscaras, justificando suas escolhas e relacionando-as aos conteúdos trabalhados nas páginas anteriores.

O que você aprendeu ao conhecer as máscaras dos povos Fang, Ekoi e Bamileque? Para que e em quais ocasiões essas máscaras eram possivelmente utilizadas? **Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.**

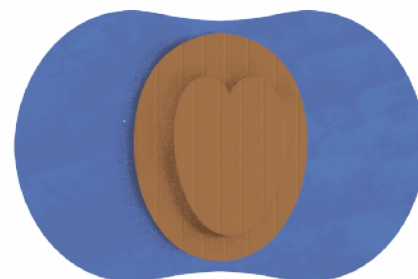
- 1 Partindo do que você entendeu sobre o uso e a função dessas máscaras, crie agora a própria máscara. O que ela representará?
 - a) Faça um esboço de seu desenho em uma folha avulsa. Verifique o tamanho do seu rosto para que a máscara se adapte a ele. Pense nas cores e nas formas que a máscara terá.
 - b) Separe o material a seguir e siga as orientações.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

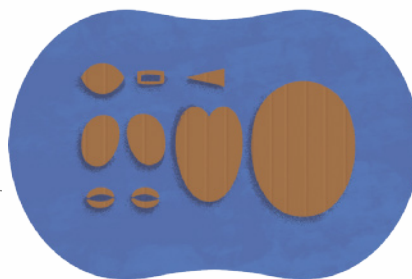
- papelão
- cola
- tesoura com pontas arredondadas



- 1 Desenhe as formas da máscara no papelão.
Se quiser fazer detalhes em relevo, desenhe-os também.



- 3 Vá colando os detalhes que você criou, formando várias camadas.



- 2 Recorte as formas que você desenhou.



- 4 Depois que sua máscara estiver montada, espere secar e pinte-a com as cores que você quiser!

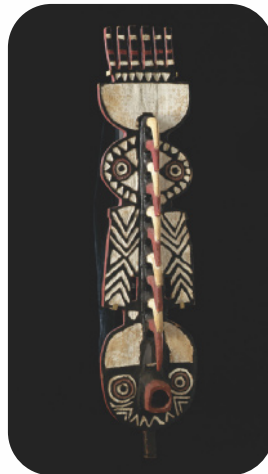
Nesta atividade, os estudantes vão explorar as características formais e conceituais das máscaras africanas e experimentar a criação de uma máscara, observando sua elaboração simbólica e matériaca. Dessa forma, eles trabalharão a habilidade EF15AR04.

PADRÕES GEOMÉTRICOS NA ARTE AFRICANA

Você sabe o que são padrões geométricos? Muito comuns em manifestações culturais africanas, como roupas e casas, esses padrões são compostos de figuras geométricas que se repetem em uma determinada sequência.

Veja como os padrões geométricos estão presentes em algumas manifestações culturais africanas.

Máscara do povo Bwa, de Burkina Faso, feita no início do século 20.



HEINI SCHNEEBEL/BROGEMAN IMAGES/EASYPIX



Mulheres vestindo roupas industrializadas com estampas tradicionais, em Dar Es Salaam, Tanzânia, em 2017.



Casa tradicional do povo Kassena, em Burkina Faso, em 2017.

OLYMPIA DE MAISONNET/AFP/GETTY IMAGES

- 1 Quais semelhanças você consegue identificar nos padrões geométricos mostrados nas fotografias?
- 2 Observe o ambiente ao seu redor e procure por padrões geométricos. Você perceberá que eles estão presentes em muitos lugares e objetos do nosso dia a dia. Em uma folha de papel, tente reproduzir um desses padrões que encontrou. 1, 2: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.

29

Orientações complementares

1. Durante o debate, é desejável que os estudantes identifiquem diferentes tipos de padrões geométricos nas imagens apresentadas e sejam capazes de discorrer sobre como se repetem, que formas têm, que cores apresentam etc.
2. Para responder à questão, solicite aos estudantes que façam uma lista de todos os lugares onde já observaram padrões geométricos. Por exemplo, em roupas, cortinas, tapetes, azulejos, pisos etc. Comente que algumas estampas de roupas, por exemplo, também formam padrões, mas não geométricos.

Pergunte: “Você conhece pessoas que usam roupas estampadas?”; “O seu pijama é estampado?”; “Como são essas estampas?”; “Possuem imagens que se repetem?”; “Você consegue desenhar o padrão dessa estampa?”. Depois verifique se conhecem alguém que trabalha com tecelagem, tricô ou renda e pergunte: “Como são as roupas/os tecidos que essa pessoa produz?”. Caso tenham dificuldade, mostre-lhes alguns exemplos encontrados no cotidiano. É desejável que consigam reproduzir ao menos um padrão geométrico simples.

BNCC

Nesta página, os estudantes vão identificar e analisar padrões geométricos presentes em diferentes manifestações culturais africanas, trabalhando, dessa forma, as habilidades EF15AR01 e EF15AR02 e desenvolvendo as Competências específicas de Arte 1 e 3.

- ▶ Padrões geométricos ou não geométricos estão presentes em diferentes aspectos da vida: nas estampas de tecidos, em utensílios domésticos, nos azulejos e pisos, nos itens de decoração e também na arte. Pesquise e leve para sala de aula reproduções das obras **Concreção 5629** (1956), do artista concreto brasileiro Luiz Sacilotto, e **Circle limit 3** (1959), do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher. Ambas as obras apresentam um padrão que se repete. Na primeira obra citada, o padrão é geométrico, e na segunda é figurativo. Solicite aos estudantes que observem as duas atentamente e respondam: “Qual é o elemento básico de cada obra, aquele que se repete?” (Sacilotto – triângulo; Escher – conjunto de peixinhos); “De que forma esses padrões se repetem?” (Sacilotto – horizontal e verticalmente; Escher – de modo circular). Chame a atenção dos estudantes para o ritmo que essas composições apresentam: no caso da **Concreção 5629**, ritmo regular, ou seja, apresenta padrões que se repetem ordenadamente, com o mesmo intervalo de espaço entre elas; já no caso de **Circle limit 3**, ritmo decrescente, pois os elementos da composição são iguais e se repetem, mas diminuem de tamanho conforme se distanciam do centro.
- ▶ Avalie a forma como os estudantes percebem e aprendem os padrões apresentados e se fazem referência a outros padrões presentes no cotidiano. Outra sugestão de avaliação desses conteúdos é mostrar imagens que apresentam padrões e outras que não apresentam e solicitar que identifiquem esses padrões, apontando-os nas imagens ou discorrendo sobre eles.

- ▶ Cada um dos numerosos padrões dos tecidos Kente possui um nome e um significado, derivados de eventos históricos, realizações individuais, provérbios populares, conceitos filosóficos, literatura oral, valores morais, do comportamento humano e de certos atributos da vida vegetal e animal. Esses temas são transformados em padrões e motivos geométricos, muitas vezes, determinados arbitrariamente, ou seja, seu formato não tem semelhança estrutural com os conceitos ou objetos simbolizados.
- ▶ Existem diferenças na forma como homens e mulheres usam o tecido Kente. Os homens costumam usar uma peça grande enrolada ao corpo, deixando o ombro e o braço direitos à mostra. As mulheres podem usar até três peças. A idade, o estado civil e a posição social determinam o tamanho e os padrões do tecido que será vestido.

Orientações complementares

1. Incentive os estudantes a compartilhar suas respostas e justificar suas escolhas. Solicite-lhes que, em grupos, conversem com os colegas e descrevam suas roupas favoritas, explicando por que gostam de vesti-las, onde costumam usá-las, de quem ganharam e como se sentem ao vesti-las. Pergunte se acreditam que a roupa pode estar relacionada à nossa identidade, como no caso dos tecidos Kente.

O SIMBOLISMO NOS TECIDOS KENTE

Os padrões geométricos estão presentes também na tecelagem de diversos povos africanos. Os tecidos do povo Ashanti, por exemplo, que são produzidos há centenas de anos em Gana, na África, ainda hoje são feitos com padrões geométricos. Conhecidos como tecidos Kente, eles possuem cores e símbolos que narram as histórias dos povos e dos reis daquela região.

Observe um tecido feito com padrões geométricos.



● Tecido Kente feito por tecelões do povo Ashanti, no final do século 20.

Esses padrões fazem muito sucesso em diversos países da África, estampando tecidos que atualmente são reproduzidos em roupas industrializadas e também vestem pessoas de outras partes do mundo.



1

E você? Como escolhe as cores de suas roupas? Costuma reparar mais nas cores ou nas estampas das roupas que veste?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

30

BNCC

Nesta atividade, os estudantes vão identificar e analisar padrões geométricos presentes na tecelagem africana, trabalhando, dessa forma, as habilidades **EF15AR01** e **EF15AR02**.

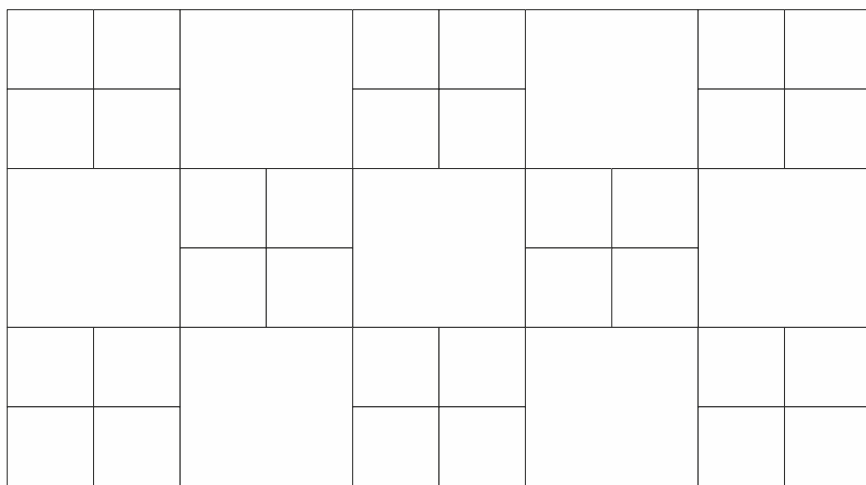
Referências complementares

- ▶ ARTE TÊXTIL: origens e africanidades. **O Menelick 2º ato**, jul. 2012. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/mais/arte-textil-origens-e-africanidades>. Acesso em: 2 jul. 2021. O site apresenta muitas informações sobre a tradição têxtil no continente africano, desde os primórdios até o seu desenvolvimento. Também explica o valor que os tecidos têm nessa cultura – sendo reconhecidos como símbolo de *status* e poder –, além de seus usos e funções no cotidiano desses povos.
- ▶ NEGREIROS, Hanayrá. Indumentárias negras em foco. **Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/indumentarias-negras-em-foco-ims-paulista/#os-livros>. Acesso em: 2 jul. 2021. O vídeo apresenta uma entrevista com a curadora da exposição **Indumentárias negras em foco**, realizada no Instituto Moreira Salles, Hanayrá Negreiros. O enfoque dessa exposição é propor novas formas de pensar imagens e culturas negras por meio da indumentária de diferentes povos africanos.

2 Vamos criar um padrão geométrico que conte uma história? Siga as orientações.

- No espaço a seguir, temos uma malha na qual você criará seu padrão geométrico.
- Pense em um acontecimento importante da sua vida e desenhe um símbolo que represente esse acontecimento. O símbolo pode ser repetido em mais de um lugar na malha a seguir.
- Preencha o restante da malha com formas geométricas e cores.
- Repita o procedimento até o final do espaço, formando um padrão geométrico, que narrará a história do acontecimento escolhido por você.
- Dê um nome ao seu padrão geométrico e escreva um texto contando a história que você representou.

Respostas pessoais. Veja orientações no Manual do professor.



HELOISA PINTARELLI

Nome do meu padrão:

Nome escolhido pelo estudante para o seu padrão.

31

- Na cultura africana, os padrões empregados nos tecidos são simbólicos e apresentam relação com os costumes, as histórias locais e os povos ancestrais. As estampas são feitas para referenciar eventos, e as cores fazem parte dessa composição.
- Antes de iniciar a atividade 2, solicite aos estudantes que pensem sobre um acontecimento especial e elaborem símbolos para ele no caderno, antes de começarem a elaborar a composição no livro. A ideia é eles criarem padrões que narrem simbolicamente uma passagem importante de suas vidas. Esses padrões podem ser compostos de formas abstratas ou estilizadas. Se considerar necessário, crie um ou dois padrões para que os estudantes tenham referências de como proceder. O objetivo é eles soltarem a **imaginação** na **criação** do padrão, mas sempre atentos ao que foi discutido sobre esse tema no decorrer da unidade.
- Recomendamos que os estudantes trabalhem com lápis de cor. Antes de aplicarem esse material, eles podem fazer um esboço no livro com lápis grafite, marcando os locais onde os símbolos serão aplicados e anotando as cores, verificando se realmente o que imaginaram formará um padrão.
- Após terem finalizado a atividade, seguindo as orientações dos itens **a** ao **e**, organize uma roda de conversa e peça a cada estudante que apresente seu padrão geométrico e explique de que forma ele representa algo pessoal.
- Avalie se eles foram capazes de criar símbolos para representar eventos reais e se compreenderam que padrões apresentam símbolos e formas que se repetem de modo ordenado, mas de acordo com uma lógica preestabelecida, uma repetição de formas e/ou cores que segue um planejamento prévio. Avalie também a explanação dos estudantes na roda de conversa, se conseguem ser claros ao explicar as relações entre símbolo e narrativa aos colegas.

BNCC

Nesta atividade, os estudantes vão criar padrões geométricos, estabelecendo relações entre símbolo e narrativa, trabalhando, dessa forma, as habilidades **EF15AR02** e **EF15AR04** e desenvolvendo a **Competência específica de Arte 3**.

- Prepare-se para esta atividade levando para a sala de aula os materiais necessários ou agendando uma data para que os estudantes os levem. Se julgar conveniente, solicite que levem o papelão cortado em formato retangular, do tamanho determinado por você ou pela turma. Para que o trabalho tenha um melhor acabamento, oriente os estudantes a atentar ao distanciamento entre um corte e outro, buscando sempre o mesmo espaçamento, que pode ser de 1 cm.
- Se necessário, construa um tear com eles, para que as possíveis dúvidas possam ser sanadas por meio da **observação**. Os estudantes podem usar lãs de cores variadas e criar diferentes composições, explorando formas diversas de trançar o fio.

Referências complementares

- LOPES, Goya. **Tecelagem**: uma história ilustrada. Bahia: Editora Solisluna, 2020.

Uma sugestão é trabalhar junto aos estudantes com esse livro, no qual os personagens Loom e Axó contam a história da tecelagem manual, uma atividade bastante antiga e comum no continente africano, onde há grande variedade de teares, um modelo diferente para cada comunidade. Os tecidos produzidos por esses tecelões vestem reis e pessoas comuns, simbolizando distinção e elegância.

BNCC

Por meio das atividades propostas nas páginas **32** e **33**, os estudantes vão investigar a arte da tecelagem em seu cotidiano e experimentar essa técnica por meio da construção de um tear de papelão, trabalhando a habilidade **EF15AR04**.

Ao apresentar a tecelagem e os tecelões, pode-se abordar o Tema contemporâneo transversal **Trabalho**. Para isso, você pode mencionar que a tecelagem manual existe até hoje. No Brasil, temos comunidades que sobrevivem por meio deste trabalho seja como fonte de renda complementar ou principal, seja como as fiandeiras do norte e noroeste de Minas Gerais.

A TECELAGEM E OS TECELÕES

Os tecidos de Kente eram feitos por tecelões especializados. Eles tinham de conhecer as histórias de seu povo, as cores e seus significados. Eles tinham de conhecer também a arte da tecelagem. A tecelagem é a arte de trançar os fios formando tecidos, roupas, tapetes, enfeites e produtos artísticos. Atualmente, a maioria dos tecidos é fabricada por máquinas, mas isso nem sempre foi assim.

Antes da invenção das máquinas, os tecidos tinham de ser produzidos manualmente. Os profissionais que trabalhavam na produção de tecidos eram chamados de tecelões. Eles utilizavam teares manuais para auxiliar em seu trabalho de tecelagem. Ainda hoje, há pessoas que fazem tecidos desse forma.

-  **1** Você conhece algum tecelão? **1 e 2: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.**
-  **2** Na sua casa existe algum utensílio feito por meio da tecelagem? Se houver, peça a um adulto que lhe mostre. Se puder, traga-o para a escola e apresente aos seus colegas. Conte a história do objeto, se souber.

Agora, você será o tecelão!

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- um pedaço de papelão do tamanho que gostaria de fazer o seu tecido
- um rolo de barbante ou novelo de lã da cor que você escolher
- um pedaço de fita-crepe
- lápiz grafite
- régua
- tesoura com pontas arredondadas



ILUSTRAÇÕES:
FRAN MATSUMOTO

32

Orientações complementares

- Se houver algum familiar ou membro da comunidade tecelão, esse profissional pode ser convidado a vivenciar a prática com a turma, dando dicas e ensinando “segredos” do ofício. É interessante também que ele compartilhe informações e experiências sobre a profissão.
- Para tirar melhor proveito da atividade, uma possibilidade é promover um processo de **literacia familiar**, solicitando

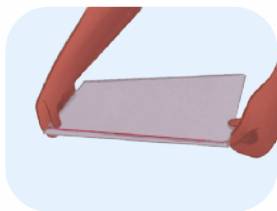
aos estudantes que façam essa pesquisa em casa junto aos familiares e anatem no caderno o que descobriam sobre o objeto. Eles podem seguir o seguinte roteiro: “Quem fez?”; “Onde foi comprado ou quem deu de presente?”; “Qual é sua origem (cidade/estado/país onde foi feito)?”; “Há quanto tempo esse objeto está em casa?”. Agende uma data para que levem os objetos e as anotações e compartilhem a pesquisa com os colegas.

3 Siga o passo a passo.

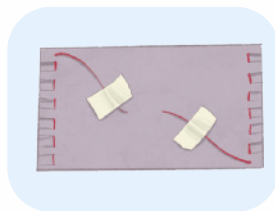
Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.



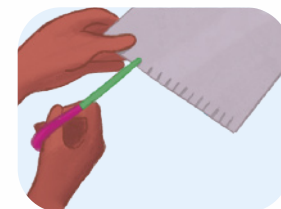
1 Trace linhas no papelão de ponta a ponta. Deixe espaços do mesmo tamanho entre as linhas. Utilize a régua.



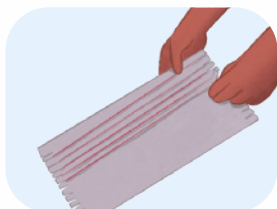
4 Estique o barbante até o outro lado do papelão e enfie-o pelo recorte, passando-o para a parte de trás do papelão.



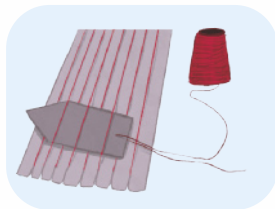
7 Prenda com fita-crepe os dois pedaços de barbante que sobraram na parte de trás do papelão.



2 Faça cortes bem pequenos e do mesmo tamanho em todas as linhas dos dois lados do papelão.



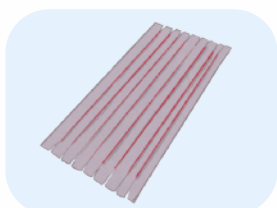
5 Pelo lado de trás, enfie o barbante no próximo recorte ao lado, trazendo-o para a parte da frente.



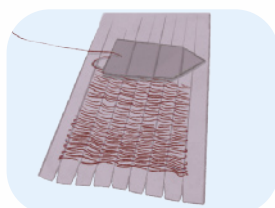
8 Agora comece a tecer. Amarre o barbante em um pedaço de papelão para servir como agulha e facilitar o movimento das mãos ao tecer.



3 Enfie o barbante no primeiro recorte do papelão, fazendo um nó no barbante do lado de trás do papelão.



6 Estique o barbante para o outro lado e repita o procedimento até passar o barbante pelo papelão inteiro.



9 Você passará o fio por baixo da primeira linha, por cima da segunda, alternando o movimento até terminar o trabalho.

ILUSTRAÇÕES: FRANKMATSUNOTO

33

- Alguns povos africanos acreditavam que as roupas tinham poderes para proteger e purificar a alma e por isso os tecelões eram considerados pessoas especiais, escolhidas a dedo pelos reis para tecer suas vestimentas.
- Existe grande diversidade de tecidos e estamparias no continente africano, que variam de acordo com a região e as tradições do povo. Estando intimamente ligados às crenças, costumes e tradições dos povos africanos, esses tecidos apresentam imensa riqueza cultural.

Orientações complementares

3. Leia as orientações da atividade com os estudantes, buscando se certificar que compreenderam o passo a passo proposto. Circule pela sala de aula enquanto trabalham, buscando verificar quais estudantes apresentam dificuldades. Além das informações presentes na página, você pode fazer uma pesquisa por vídeos na internet sobre a confecção de teares de papelão. Desse modo, você poderá coletar várias alternativas de como iniciar sua abordagem desta atividade. Caso perceba que os estudantes têm dificuldades em seguir as orientações do livro, você também pode mostrar a eles os vídeos que você selecionou, de modo que possam visualizar melhor como realizar cada etapa.

AVALIANDO

Objetivo

- Avaliar se os estudantes construíram um tear funcional e se apropriaram das técnicas de tecelagem.

Sugestão de intervenção

Avalie se os estudantes seguiram o passo a passo da atividade, compreenderam a estrutura e a forma de funcionamento do tear e, consequentemente, apropriaram-se de técnicas de tecelagem. Para aprofundar o tema, uma sugestão é a realização de uma atividade de tecelagem em papel. Para tanto, deverão fazer, com a tesoura com pontas arredondadas, cortes uniformes e que se repetem com regularidade em uma folha de papel sulfite, preenchendo-a. Em seguida, deverão cortar tiras de papéis coloridos, da espessura dos cortes feitos na folha (por exemplo, 1 cm), e trançar essas tiras no papel, seguindo o mesmo conceito do trançado no barbante. Dessa forma, poderão melhor fixar esse conceito e explorar outras possibilidades da técnica.

- A fala citada na seção **Fala artista** é proveniente da entrevista indicada a seguir.
 - Meet the Artists El Anatsui. **The Luxury Code**, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zz0zq32cbU8>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- El Anatsui nasceu em Gana, em 1944, e atualmente vive e trabalha entre Gana e Nigéria. Participou de diversas exposições e recebeu vários prêmios, sendo internacionalmente aclamado. O artista transforma materiais simples em complexas montagens com grande impacto visual, usando materiais descartados, como tampas de garrafa, criando, dessa forma, comentários e reflexões sobre consumo, desperdício e meio ambiente.
- O artista é conhecido por suas esculturas em grande escala, compostas de milhares de peças de metal dobradas, provenientes de locais de reciclagem. Suas obras são luminosas e pesadas, produzidas artesanalmente pelo próprio artista e por diversos colaboradores que trabalham em seu ateliê. Suas obras assumem diferentes formatos cada vez que são instaladas.
 - É achar pertinente, aprofunde a relação entre arte e meio ambiente apresentando aos estudantes imagens da série **Imagens de lixo** (2008), de Vik Muniz, em que o artista trabalha com materiais reciclados em parceria com os catadores de lixo do Jardim Gramacho, Rio de Janeiro, e algumas obras do artista Eduardo Srur, que discute fortemente em seu trabalho a preservação do meio ambiente e da memória coletiva.
 - Outra possibilidade é pesquisar e mostrar aos estudantes vídeos de El Anatsui trabalhando em seu ateliê. Desse modo, poderão verificar como o artista lida com as materialidades que integram o seu trabalho. Uma sugestão é o vídeo a seguir, produzido pelo canal **Art21**.
 - Studio Process: El Anatsui. Art21. Disponível em: <https://art21.org/watch/extended-play/el-anatsui-studio-process-short/>. Acesso em: 2 ago. 2021.



EL ANATSUI

Você sabia que um dos mais ilustres artistas contemporâneos é um tecelão africano? Seu nome é El Anatsui (1944-).

Observe uma de suas obras.



- **Filetes de pele da Terra**, de El Anatsui. Metal, fio de alumínio e cobre suspensos em parede, dimensões variadas. 2008.

Nessas grandes esculturas, El Anatsui usa materiais descartáveis, como peças de metal dobradas, latas e tampas de garrafa. Veja o que ele diz sobre seu próprio trabalho:

“...eu tenho a sensação de que o planeta Terra está perdendo a sua pele...”

Veja referência completa no **Manual do professor**.

Entrevista com El Anatsui, realizada em 2020.



1 O que você acha que El Anatsui quer dizer com a “pele” do planeta Terra? Por que o planeta está perdendo a sua pele?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

Você já reparou que aquilo que consumimos acaba sendo descartado no meio ambiente? E que todos esses produtos utilizam matérias-primas extraídas da natureza? O que acha que podemos fazer para ajudar a recuperar a “pele” do planeta Terra?

O trabalho de El Anatsui nos faz parar para pensar se realmente precisamos de tudo o que consumimos.

34

BNCC

A seção **Fala artista** apresenta conteúdos e uma atividade sobre a obra do artista contemporâneo africano El Anatsui, estabelecendo relações entre arte e **meio ambiente**. Ao apreciarem e refletirem sobre a obra desse artista, os estudantes estarão trabalhando a habilidade **EF15AR01** e desenvolvendo as **Competências específicas de Arte 1 e 3**.

Orientações complementares

1. É esperado que os estudantes estabeleçam relações entre a fala do artista e as questões relacionadas à preservação do meio ambiente, à produção de lixo, ao desperdício, à extração de matéria-prima, à poluição do ar e das águas etc. Aproveite a oportunidade para conversar sobre ações e hábitos simples que podem ser adotados pelos estudantes, como separar o lixo e enviá-lo para reciclagem. Pergunte: “De que forma podemos ajudar a preservar a pele do planeta reciclando?”. Solicite-lhes que construam na lousa uma lista de práticas e hábitos que possam ajudar a preservar a pele do planeta. Combine com a turma que colocarão essa lista em prática e ajudarão seus familiares a fazer o mesmo.



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

Em nossa incrível viagem pela África, percebemos que não existe uma única cultura africana, mas muitas. Nessas culturas, as produções apresentam semelhanças e diferenças, com cores e formas que contêm muitos significados. Por isso, podemos dizer que essas produções revelam histórias sobre o modo de vida de vários grupos de pessoas diferentes. Por isso é tão importante conhecermos e valorizarmos todas essas manifestações culturais!



HELOISA PINTARELLI

● Representação de um tecido Kente.

1. Responda às perguntas a seguir, contando o que você aprendeu.

a) Cite alguns tipos de máscara e suas funções.

Resposta pessoal. Aproveite este momento da atividade para avaliar a
compreensão dos estudantes sobre as máscaras e os conteúdos vistos no
decorrer da unidade.

b) Escolha uma máscara tradicional africana. Cite o nome do povo que a criou e descreva suas características e funções.

Resposta pessoal. Incentive os estudantes a mencionarem as máscaras de que
mais gostaram, justificando suas escolhas tanto por meio dos conteúdos
que viram no decorrer da unidade quanto por meio do processo subjetivo
de fruição e apreciação de cada um.

2. Na página anterior, você conheceu o artista El Anatsui e pensou na seguinte pergunta: “O que acha que podemos fazer para ajudar a recuperar a “pele” do planeta Terra?”. Agora volte a pensar nessa recuperação e, em uma folha de papel, faça um desenho que represente a “pele” da Terra recuperada.

Resposta pessoal.
Veja orientações no
Manual do professor.

35



VAMOS AVALIAR O APRENDIZADO

1. Objetivo

Avaliar a compreensão dos estudantes sobre as máscaras e suas funções.

Sugestão de intervenção

Antes de responderem à questão **a**, retome os conteúdos da unidade apresentando novamente as imagens das máscaras que foram estudadas. Se considerar pertinente, projete-as na parede. Durante a projeção ou a apresentação, faça perguntas para ajudar os estudantes a organizar o pensamento e registrar a resposta no livro. Sugestão de perguntas: “Que máscara é essa?”; “Quem a confeccionou?”; “Para que ela serve?”. É esperado que os estudantes citem ao menos duas máscaras. Para a questão **b**, apresente ou projete na parede as máscaras das páginas **26** e **27**. Espera-se que eles escolham uma máscara e registrem o povo que a criou e, ao menos, uma característica. Caso tenham dificuldade, retome os conteúdos dessas páginas.

2. Objetivo

Avaliar os conhecimentos dos estudantes sobre a obra do artista El Anatsui e as relações entre arte e meio ambiente.

Sugestão de intervenção

Por meio da atividade proposta, avalie de que forma os estudantes apreenderam os conhecimentos sobre o artista e sua obra, bem como as relações estabelecidas com a questão da preservação do meio ambiente, e como ressignificaram esses conhecimentos por meio da linguagem gráfica. Além do desenho, avalie a construção do discurso, solicitando aos estudantes que compartilhem com os colegas os significados e as motivações de seus trabalhos.

PNA

Ao identificar a ideia principal e as informações específicas a respeito do texto sobre máscaras apresentado no início da unidade e ao responder às questões **a** e **b** da atividade **1**, são contemplados os componentes **compreensão de textos** e **produção de escrita**.

Nesta unidade os estudantes conheceram diferentes manifestações culturais dos povos africanos, especificamente a produção de máscaras e a tecelagem. Nesse processo, puderam reconhecer a diversidade de funções dessas máscaras, por meio da apreciação de suas características formais e conceituais e da reflexão sobre seus contextos de produção, pautados nos costumes, crenças e tradições dos povos. Baseando-se na diversidade e riqueza dessa produção, foram convidados a experimentar a criação de máscaras, reconhecendo sua elaboração simbólica e explorando o uso de diversas materialidades. Partindo também das manifestações africanas, puderam identificar padrões geométricos em diferentes produções (máscaras, tecidos, fachadas) e explorar seu uso, ressignificando-os em seus trabalhos artísticos e estabelecendo, dessa forma, diálogos entre símbolos e narrativas. Com o intuito de auxiliar o monitoramento da aprendizagem desses conteúdos, sugerimos que seja feito o registro da trajetória de cada estudante em fichas de avaliação. Um modelo desse tipo de ficha pode ser encontrado na página XIII deste manual.

AVALIANDO

Para concluir a unidade, sugerimos que você realize uma avaliação coletiva, construindo, com os estudantes, uma exposição das máscaras, dos padrões geométricos e dos teares e tecelagens criados por eles no percurso da unidade. Nessa ocasião, é importante realizar perguntas direcionadas a eles, objetivando avaliar a compreensão dos conteúdos trabalhados e entender suas experiências com arte, focando em aprimorar as estratégias didáticas e as metodologias de trabalho. Incentive os estudantes a compartilhar suas descobertas, dúvidas e afetos.

Objetivo: Conhecer manifestações da cultura africana por meio das máscaras e da tecelagem.

- Reconhecem as máscaras e a tecelagem como manifestações da cultura africana?
- Compreendem sua riqueza e importância cultural?

Objetivo: Analisar os diferentes contextos e funções das máscaras.

- Analisam as máscaras baseando-se em seus contextos de produção e funções específicas?
- Compreendem seus diferentes usos nessas sociedades?

Objetivo: Identificar padrões geométricos nas manifestações culturais africanas.

- Como ocorreu a identificação de padrões geométricos segundo as manifestações culturais africanas?
- Compreendem o que é padrão geométrico?
- Conseguiram identificá-los nas produções apresentadas?

Objetivo: Criar máscaras com base na sua elaboração simbólica e matéria.

- Exploraram o uso de símbolos e representações na confecção da máscara?
- Exploraram várias materialidades nessa produção?

Objetivo: Experimentar a técnica da tecelagem por meio da construção de um tear.

- Construíram um tear funcional?
- Exploraram técnicas de tecelagem por meio da utilização desse tear?

Objetivo: Criar padrões geométricos estabelecendo relações entre símbolos e narrativas.

- Como ocorreu a criação dos padrões geométricos?
- Criaram símbolos para representar momentos de sua vida?

Durante seu percurso estudantil e suas experiências com arte, os estudantes vão se deparar com diversas manifestações artísticas e culturais, de diferentes povos e períodos históricos. Os conhecimentos e experiências vivenciados nesta unidade poderão formar uma base sólida para que apreciem essas manifestações sem preconceitos de qualquer natureza. A experimentação de diferentes técnicas também vai prepará-los para explorar outras possibilidades materiais e processos de criação em arte.

Objetivos da unidade

- ▶ Pesquisar e conhecer o modo de vida dos povos indígenas brasileiros, bem como sua diversidade cultural, por meio de suas manifestações artísticas;
- ▶ Perceber a importância dos elementos da natureza para a elaboração dos grafismos indígenas;
- ▶ Experimentar, por meio de atividades práticas, as manifestações artísticas e culturais tradicionais indígenas;
- ▶ Identificar e apreciar o diálogo entre a cultura tradicional indígena e seus desdobramentos na contemporaneidade;

▶ Analisar o patrimônio cultural imaterial nacional e da humanidade expresso na diversidade de manifestações dos povos indígenas.

O tema desta unidade são as manifestações artísticas dos povos indígenas brasileiros, que expressam a riqueza e a diversidade cultural das diferentes etnias aqui presentes, bem como suas respectivas tradições, costumes e cosmovisões. Para abordar essa temática tão importante, os estudantes entrarão em contato com algumas práticas tradicionais indígenas. Serão focalizados a elaboração e o uso de grafismos em objetos do cotidiano, na cerâmica, na cestaria e também no corpo humano (nesse último caso, por meio da pintura corporal). Ao entrar em contato com os grafismos, os estudantes perceberão os diálogos existentes entre essa produção e os elementos

da natureza, compreendendo a relação dos indígenas com o meio ambiente. Também terão a oportunidade de criar grafismos e aplicá-los em diferentes produções. Objetivando explorar práticas tradicionais indígenas, eles serão convidados a experimentar técnicas de modelagem em argila e de trançado explorando diferentes materialidades e processos de criação. Também terão a oportunidade de apreciar o trabalho desenvolvido pelo artista contemporâneo Xadalu e de identificar diálogos entre a cultura tradicional indígena e seus desdobramentos na contemporaneidade. Entre as manifestações culturais dos povos indígenas que serão apresentadas, as bonecas do povo Karajá e a pintura corporal dos Wajãpi são consideradas patrimônio cultural imaterial. Dessa forma, os estudantes poderão analisar esse patrimônio, reconhecendo, valorizando e respeitando a diversidade cultural indígena.

PROPOSTA DE ROTEIRO

SEMANA 11	Abertura	▶ Leitura e realização das atividades de abertura da unidade nas páginas 36 e 37.	Aula 1
	Seres mitológicos nos grafismos indígenas	▶ Leitura e realização das atividades da página 38.	Aulas 1 e 2
	Os animais e os grafismos indígenas	▶ Leitura da página 39.	Aula 2
SEMANA 12	Os animais e os grafismos indígenas	▶ Realização das atividades da página 39.	Aula 1
		▶ Realização das atividades da página 40.	Aulas 1 e 2
SEMANA 13	Pintura corporal	▶ Leitura e realização da atividade da página 41.	Aula 1
	O grafismo na cestaria indígena	▶ Leitura e realização da atividade da página 42.	Aula 2
SEMANA 14	O grafismo na cestaria indígena	▶ Realização da atividade da página 43.	Aula 1
	As cerâmicas indígenas	▶ Leitura e realização das atividades da página 44.	Aula 2
SEMANA 15	Modelagem	▶ Realização da atividade da página 45.	Aula 1
	A cultura indígena viaja pelo mundo	▶ Leitura e realização da atividade da página 46.	Aula 2
SEMANA 16	A cultura indígena viaja pelo mundo	▶ Leitura e realização da atividade da página 47.	Aula 1
	Conhecendo melhor as culturas indígenas	▶ Realização das atividades da página 48.	Aulas 1 e 2
SEMANA 17	Vamos avaliar o aprendizado	▶ Realização das atividades da página 49.	Aulas 1 e 2

SUGESTÃO DE ESTRATÉGIA INICIAL

Para iniciar a condução da unidade, sugerimos a realização de uma roda de conversa e o levantamento prévio do que os estudantes sabem sobre as diversas culturas indígenas que existem no país. Verifique esse conhecimento por meio de perguntas como: “Quais povos indígenas você conhece?”; “O que sabe sobre os costumes desses povos?”; “O que você acha que mudou dos povos indígenas antepassados para os povos de hoje?”.

Ao final desta unidade, retome essa discussão e avalie quais novas concepções sobre os povos indígenas os estudantes adquiriram.

➤ Se na conversa inicial você observar a presença de estereótipos, procure aprofundar o olhar dos estudantes para a diversidade artística e cultural apresentada pelos povos indígenas que serão estudados no decorrer da unidade.

Na leitura e discussão das páginas 36 e 37, reforce que, apesar de apresentarem pontos em comum, os povos indígenas são muitos, com diferentes línguas e etnias, vivendo em diferentes estados brasileiros. Estima-se que, na chegada dos portugueses ao Brasil, havia entre seiscentas e mil línguas faladas pelos nativos indígenas. Hoje, há cerca de 154 línguas indígenas faladas no país, devido ao massacre que esses povos sofreram desde o início da colonização.

UNIDADE

3

ARTES INDÍGENAS

36

Referência complementar

➤ Índio somos nós. **TV Brasil**, 3 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w>. Acesso em: 2 ago. 2021.

O vídeo apresenta uma visão mais ampla sobre os povos indígenas. É uma produção da TV Brasil que revela a realidade de alguns povos que vivem no nosso país, por meio da visão dos próprios indígenas sobre suas culturas e tradições.

BNCC

Esta unidade objetiva apresentar e discutir manifestações artísticas e práticas culturais dos povos indígenas no Brasil, salientando a diversidade de formas de expressão, os processos de criação e as materialidades, conforme a localização, as tradições, os costumes e as crenças de cada etnia. Ao fruírem e analisarem criticamente práticas e produções tanto artísticas quanto culturais desses povos, reconhecendo-as como fenômeno cultural sensível a diferentes contextos, os estudantes desenvolverão a **Competência específica de Arte 1**. Ao reconhecerem esses povos e essa produção como constituintes da cultura brasileira e ressignificarem esses conhecimentos nas próprias produções, desenvolverão a **Competência específica de Arte 3**. Ao reconhecerem parte dessa produção como patrimônio cultural imaterial, identificando-a com as próprias histórias e visões de mundo, desenvolverão a **Competência específica de Arte 9**.

Os povos indígenas do Brasil apresentam grande diversidade cultural! Cada um desses povos tem sua língua, suas crenças e seu modo de vida. Esses povos, no entanto, também apresentam várias semelhanças. Em todas as sociedades indígenas, por exemplo, a Arte está presente e faz parte do dia a dia. Uma das principais manifestações da Arte indígena são os grafismos, que são utilizados nas moradias, nos objetos de uso cotidiano e também nos corpos das pessoas!

B e C: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.



A

Quais cores foram usadas nessa roda de teto? *Espera-se que os estudantes respondam: branco, amarelo, vermelho (ou marrom) e preto.*



B

Quais desenhos você consegue identificar nessa imagem da roda de teto? Eles lembram algo que você conhece? O quê?



C

Em sua opinião, o que esses desenhos da roda de teto mostram sobre o modo de vida do povo Aparai?

Roda de teto do povo Aparai. Também conhecida como maruana, essa roda de teto pode ser encontrada em uma casa especial da aldeia, reservada para festas e reuniões. Serra do Tumucumaque, Amapá, 2015.

- Comente que todos os povos indígenas possuem suas manifestações artísticas e culturais, porém, com características formais bastante particulares, de acordo com suas tradições e com os recursos naturais disponíveis no local onde vivem.
- Os objetos cotidianos feitos por meio de diversas práticas, como a cestaria e a cerâmica, apresentam função, preocupação estética e originalidade, abarcando diferentes significados que têm sentido específico dentro da cosmovisão de cada povo. Dessa forma, podemos dizer que a arte indígena está ligada à comunidade e à tradição, sendo uma prática cultural ligada às cosmovisões, aos costumes e à ancestralidade dos povos.
- Toda esta unidade é uma oportunidade para os estudantes reconhecerem e valorizarem **uma das matrizes culturais do Brasil: a cultura indígena**. Promove-se assim, o **respeito** a todas as manifestações culturais existentes no país e, ao mesmo tempo, a todos os brasileiros.

Orientações complementares

- a) Aproveite a questão para verificar o que eles sabem acerca dos elementos visuais apresentados até o momento, como linha, ponto, formas, cores e texturas.
- b) É possível que os estudantes relacionem as imagens da roda de teto a bichos ou a personagens de desenho animado. Após acolher as respostas, você pode solicitar que observem atentamente e identifiquem se no lugar onde moram existe algum objeto ou imagem que faça referência a uma criatura mítica.
- c) Acolha as respostas dos estudantes e complemente-as, se necessário. Comente que, durante esta unidade, eles vão perceber que muitas das manifestações artísticas realizadas pelos povos indígenas estabelecem diferentes relações com elementos da natureza, como animais, plantas, alimentos vindos da terra etc. Explique que, para os indígenas, tudo o que vem da terra, das águas e do ar é muito importante, pois tem relação com seus mitos de criação, sendo que algumas culturas inclusive consideram sagrados esses elementos da natureza. Peça-lhes que prestem atenção a essas referências no decorrer da unidade.

- Os Wayana e os Aparai são povos de língua karib que habitam a região de fronteira entre o Brasil, o Suriname e a Guiana Francesa. É comum encontrar referências a essa população como um único povo, apesar das diferentes trajetórias históricas e traços culturais distintos. No território brasileiro, os Wayana e os Aparai encontram-se distribuídos em quinze aldeias ao longo do rio Paru de Leste, totalizando uma população de cerca de 415 indivíduos.
- Para cada um desses povos, os desenhos têm nomes e significados diferentes, pois cada comunidade indígena tem costumes próprios e expressa a sua cultura de maneiras diversas.

Orientações complementares

- É possível que os estudantes citem que ambos os desenhos trazem animais, bem como apresentem variedade de cores e figuras geométricas. Para aprofundar a leitura e explorar a percepção e a imaginação, chame a atenção dos estudantes para os elementos na superfície dos animais retratados no adorno Wayana. Pergunte o que são e por que estão presentes ali. Para ampliar o repertório de histórias e continuar trabalhando a imaginação, solicite-lhes que, em grupos, criem histórias sobre esses animais.

SERES MITOLÓGICOS NOS GRAFISMOS INDÍGENAS

As histórias preservadas na memória dos povos indígenas geralmente são transmitidas de forma oral. Chamadas de mitos, muitas dessas histórias trazem explicações para a origem do mundo e da vida.

Diversos grafismos indígenas fazem referência a essas histórias míticas, como os que você observou na roda de teto na abertura desta unidade.

Os povos Wayana e Aparai, que vivem no norte do estado do Pará, contam histórias semelhantes sobre a origem dos grafismos que utilizam. Os desenhos teriam sido feitos com base na observação da pele de uma cobra chamada Tuluperê.

Adorno de cabeça dos indígenas Wayana. 2014.



1

- Compare os desenhos Wayana com os da roda de teto dos Aparai, mostrada na abertura desta unidade. Quais semelhanças você identifica? E as diferenças, quais são?

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

38



FABIO COLOMBINI

BNCC

Esta página objetiva estabelecer relações entre as histórias e os mitos de alguns povos indígenas brasileiros e suas manifestações artísticas. Ao apreciar práticas e produções dos povos indígenas, reconhecendo-as como fenômeno cultural e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, os estudantes vão trabalhar a habilidade **EF15AR01** e desenvolver a **Competência específica de Arte 1**.

Referência complementar

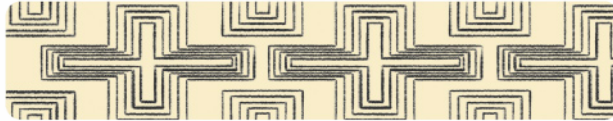
- VELTHEM, Lucia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem (orgs.). **Livro da arte gráfica Wayana e Aparai**. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI/IEPÊ, 2010. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-Wayana-e-Aparai.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- Nesse livro, você encontrará informações sobre os povos Wayana e Aparai, sobre a origem e os significados dos grafismos e sobre as técnicas de realização das pinturas, bem como sobre onde elas são realizadas. Além de mapas, o livro apresenta fotografias, ilustrações e reproduções dos grafismos, acompanhadas de explicação.

OS ANIMAIS E OS GRAFISMOS INDÍGENAS

Você sabia que os grafismos não são apenas decorativos? Eles apresentam informações importantes sobre a vida dos povos indígenas. Cada grupo tem os seus grafismos, que identificam a comunidade a que pertencem. Esses grafismos aparecem na pintura corporal, nos cestos, na cerâmica e em outros objetos de uso cotidiano.

Observe alguns grafismos do povo Asurini.

AJUAWUIAKI:
ramos de árvore



EIREMA'YWA:
favo de mel



AWATUPUTYRA:
espiga de milho



KUMANA:
feijão



JAWARAJURYNA:
pescoço de jaguar



YWRYWAAKA:
pintura da lagarta



Representação dos grafismos indígenas baseados em:
VIDAL, Lux (org.). **Grafismo indígena:** estudos de antropologia
estética. São Paulo: FAPESP, 1992. p. 231.

ILUSTRAÇÕES: DANIEL CARVALHO

- Chame a atenção dos estudantes para o fato de o grafismo indígena estar diretamente relacionado à natureza. Os indígenas apreendem os elementos que observam no ambiente natural e os transformam em formas simplificadas, padrões gráficos que se repetem. Incentive os estudantes a se expressar oralmente, chamando a atenção delas para cada grafismo. Solicite que comentem os desenhos e suas possíveis relações com os objetos do mundo real, extrapolando o que está descrito na legenda.
- Se achar pertinente, desenhe na lousa um elemento de cada padrão, para que percebam a unidade básica e como ela se repete no conjunto do grafismo.
- Entre os povos indígenas, os grafismos também são utilizados como adorno corporal, sendo essa pintura uma atividade do cotidiano realizada com tintas naturais e pincéis feitos com elementos da natureza também, como lascas de bambu ou talos de folhas de palmeira, por exemplo.

39

Orientações complementares

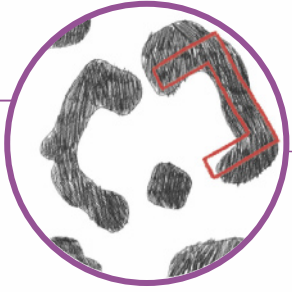
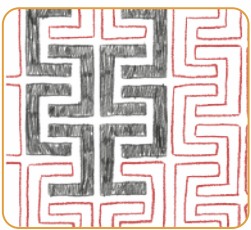
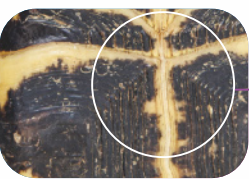
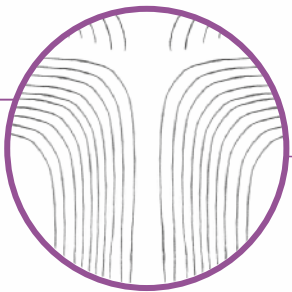
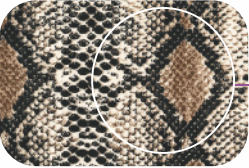
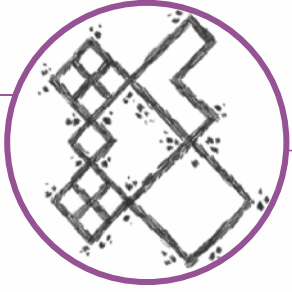
- Avalie se os estudantes conseguem identificar semelhanças e relações entre os grafismos apresentados e os elementos da natureza mencionados nesta página. Se achar pertinente, leve para a sala de aula imagens desses elementos ou os próprios elementos (favo de mel, feijão, espiga de milho etc.). Apresente-os aos estudantes e peça-lhes que identifiquem semelhanças, apontando-as nas imagens e discorrendo sobre elas. No decorrer da unidade, eles terão mais informações a respeito dos grafismos.
- Questione se as características de um animal de estimação (pelo, pele, pena, formato do corpo etc.), de uma flor, de uma árvore, do mar, do céu etc. poderiam servir de inspiração para a criação de um grafismo. Solicite que, **em grupos**, discutam sobre isso e, em seguida, coloquem na lousa suas ideias, desenhando grafismos inspirados em algum elemento da natureza.

BNCC

Por meio da apreciação de grafismos, os estudantes vão explorar a importância das formas da natureza na elaboração da arte indígena, trabalhando a habilidade **EF15AR01**. Ao identificarem padrões nesses grafismos, vão trabalhar a habilidade **EF15AR02**. Por meio dos conteúdos e atividades da página, vão desenvolver a **Competência específica de Arte 1**.

- Na atividade 3, solicite aos estudantes que observem atentamente o modelo proposto (onça). Em seguida, peça-lhes que prestem atenção às superfícies dos animais apresentados logo abaixo. Caso não reconheçam, dê algumas pistas ou prepare uma brincadeira da “forca”, até chegarem às respostas corretas. É esperado que consigam distinguir nessas superfícies o elemento que se repete e reproduzam-no nas colunas central e da direita.
- Sugira-lhes que escolham elementos da natureza e que criem grafismos com base neles. Os estudantes podem pesquisar imagens em revistas, por exemplo, recortando-as e colando-as em uma parte da folha do caderno e, na outra, realizar sua produção gráfica.
- No item a, solicite que todos os estudantes digam ao menos uma superfície em que gostariam de aplicar os grafismos criados.
- Avalie se os estudantes conseguem identificar os animais pelas superfícies apresentadas, se percebem que existe um elemento nessa superfície que se repete e se são capazes de destacá-lo e reproduzi-lo, criando um padrão gráfico simples.

- 3** Agora um desafio: preste muita atenção às imagens a seguir. Elas retratam alguns animais. Você consegue descobrir que animais são esses? Escreva as respostas nas linhas abaixo das fotografias. Depois, na segunda coluna, identifique e destaque as formas que compõem a superfície desses animais. Depois, na terceira coluna, crie o próprio grafismo com base nessas formas identificadas e destacadas.

Qual é o bicho?	Qual é o desenho que vejo?	Qual é o grafismo que faço?
 Onça		
 Jabuti		Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.
 Cobra		

- a)** Em qual superfície você gostaria de aplicar os grafismos que criou?

40

Resposta pessoal.

As legendas das imagens não foram inseridas para não comprometerem a realização da atividade.

BNCC

Por meio da atividade desta página, os estudantes experimentarão a criação de grafismos com base nas formas encontradas na natureza, trabalhando as habilidades EF15AR02 e EF15AR04.

PINTURA CORPORAL

A pintura corporal dos povos indígenas tem uma função decorativa, mas também possui outros significados. Diferentes pinturas são utilizadas em rituais, festas, lutas, caçadas ou funerais.

Essas pinturas geralmente são feitas com tintas extraídas de plantas, como o jenipapo e o urucum.

As diferenças entre as pinturas de cada grupo indicam a **etnia** a que pertencem. A população indígena Wajãpi, do Amapá, por exemplo, possui uma técnica de pintura própria do seu grupo, a chamada Arte Kusiwa.

Veja um exemplo dessa arte!



● Realização de pintura do povo Kalapalo, no Parque indígena do Xingu, Mato Grosso, em 2011.

- 1 Você viu um exemplo de pintura corporal indígena, mas há muitas outras ainda para conhecer! Pesquise imagens de pinturas corporais de diferentes povos indígenas do Brasil. Depois, com os colegas e o professor, organize um painel de toda a turma.

Resposta pessoal. Veja orientações no Manual do professor.

- **etnia:** grupo de pessoas que possuem características culturais semelhantes, como língua, religiosidade e modo de vida, e que compartilham a mesma origem e história

41

- Na atividade 1, se necessário, auxilie os estudantes na pesquisa que deverão realizar. Na internet, é possível encontrar diversas imagens de pinturas corporais indígenas. Você também pode orientá-los a realizar a pesquisa junto aos familiares, em um processo de **literacia familiar**.
- Sugerimos a montagem de um painel com os estudantes, organizando as imagens pesquisadas em um mapa do Brasil, de acordo com a região e a etnia à qual pertence cada pintura.
- Incentive-os a expressar suas percepções acerca das semelhanças e das diferenças entre as imagens. Em seguida, conversem sobre o significado do grafismo na pintura corporal, segundo cada grupo indígena.
- Aproveite a oportunidade para desenvolver um trabalho integrado entre **Arte e Geografia**, situando os estudantes tanto geográfica como culturalmente, levando-os a valorizar as culturas indígenas e a perceber a diversidade do nosso país.
- Retome o significado de etnia e esclareça possíveis dúvidas. Informe que a Arte Kusiwa recebeu o título de patrimônio cultural imaterial da humanidade pela Unesco. Verifique o que os estudantes entendem por patrimônio cultural: material (objetos, edifícios, monumentos, paisagens naturais) ou imaterial (saberes, celebrações, formas de expressão e lugares). Explique-lhes que os objetos, lugares, saberes, celebrações e formas de expressão são selecionados como patrimônio para que possam ser preservados.
- Avalie se os estudantes foram capazes de pesquisar imagens de pinturas corporais indígenas na internet; se organizam essas imagens de acordo com o povo de origem ou os critérios preestabelecidos por você ou pela turma; e se trabalham de forma ordenada e coletiva, demonstrando respeito por essa produção.

BNCC

Nesta página, os estudantes vão pesquisar imagens de pinturas corporais de diferentes povos indígenas, observando as variações de grafismos de uma cultura/etnia para outra, trabalhando as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR02** e **EF15AR03**. Ao apreciarem e fruírem a Arte Kusiwa, patrimônio cultural imaterial da humanidade, reconhecendo e valorizando essa prática, os estudantes vão trabalhar a habilidade **EF15AR25** e desenvolver a **Competência específica de Arte 9**.

- Os cestos são elaborados com materiais naturais, geralmente encontrados na região em que vive cada comunidade indígena. Portanto, cada povo desenvolve as próprias técnicas, de acordo com a tecnologia e as habilidades disponíveis, e utiliza matérias-primas existentes em sua região.
- Os Baniwa, por exemplo, povo de língua aruak que vive na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, produzem cestaria para venda ou troca por outros produtos. Os produtores-comerciantes Baniwa, no entanto, encontram muita dificuldade para vender seus produtos em razão de o transporte das peças, nessa região, precisar ser feito por meio de barcos.

Orientações complementares

- Para ajudar os estudantes a formular algumas respostas, retome as imagens e os conteúdos das páginas 39 e 40. Estabeleça novamente relações entre os elementos da natureza que serviram de inspiração aos indígenas na criação dos grafismos. Essas questões não abarcam certo ou errado, mas é importante que os estudantes lancem mão da **observação**, da **imaginação** e de seus conhecimentos para **formular hipóteses** e justificá-las.

Referência complementar

Museu de Arte Indígena. Disponível em: http://maimuseu.com.br/site/search-results/?fwp_categoria=cestaria. Acesso em: 7 jul. 2021.

Nessa página do *site*, apresentam-se várias peças de cestaria (abana-dor, berço para bebê, bolsa, cesto, caixa para guardar penas, chapéu etc.), bem como informações sobre os povos que as confeccionaram.

BNCC

Por meio dos conteúdos desta página, os estudantes perceberão a aplicação dos grafismos indígenas na arte da cestaria, importante manifestação cultural presente em diferentes povos, trabalhando, dessa forma, as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR02** e **EF15AR03**, além de desenvolver a **Competência específica de Arte 1**.



O GRAFISMO NA CESTARIA INDÍGENA

Os cestos são utilizados por muitos povos indígenas e são feitos com materiais da natureza. Esses cestos geralmente são decorados com grafismos.

Cada grafismo na cestaria tem um significado diferente e permite reconhecer o que é representado: animais, plantas ou seres mitológicos. Os cestos da fotografia a seguir, por exemplo, têm um tipo de grafismo que significa “vida longa”. Entregar a uma pessoa um cesto feito com esse grafismo representa o desejo de que ela tenha uma vida longa!

Observe um cesto com grafismo do povo Aparai.



RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS

- Cestos expostos no Acervo Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo, 2008.



1

Você consegue identificar o que está representado no grafismo deste cesto? Seria algum animal? Como você chegou a essa conclusão?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.

42

ATIVIDADE EXTRA

Materiais necessários

- Riscadores diversos, como lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas.

Passo a passo

- Chame a atenção dos estudantes para a técnica básica da cestaria, que consiste no trançado dos materiais e pode ser realizada de diferentes formas.
- Leve um cesto para a sala de aula, independentemente da técnica usada na criação dele. Solicite-lhes que façam um desenho de observação desse cesto, buscando representar um objeto tridimensional no plano bidimensional. Oriente-os a buscar formas de representar o trançado e o material. É possível cada um desenvolver um jeito próprio de fazê-lo.
- Ao final, organize uma exposição desses desenhos.

- 2 Para confeccionar uma cesta, os indígenas fazem um trançado de fibras extraídas de plantas. Agora vamos experimentar um procedimento semelhante, mas utilizando o papel.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- duas folhas de papel sulfite
- tesoura com pontas arredondadas
- tiras de papel colorido
- giz de cera ou lápis de cor
- fita-crepe



- 1 Faça um grafismo colorido em todo o espaço de uma folha de papel.



- 4 Corte o papel seguindo o desenho das linhas criadas. Deixe um espaço na borda superior sem cortar.



- 7 Crie um grafismo em duas tiras de papel sulfite e cole-as nas laterais para fazer o acabamento.



- 2 Dobre a folha ao meio, deixando a pintura para a parte de dentro.



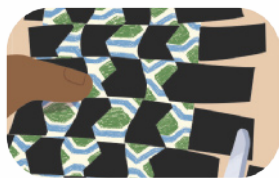
- 5 Passe as tiras de papel colorido por cima e por baixo dos cortes do papel, como se fosse uma costura.



- 8 Para finalizar, cole um graveto em cada ponta. E está pronto seu trançado!



- 3 Na dobra do papel, faça cinco marcas. Para cada marca, invente uma linha.



- 6 Corte as sobras das tiras, acertando as laterais.

Quando estiverem prontos, exponham os trançados em um local da escola para que outras turmas possam conhecê-los.

Resposta pessoal. Veja orientações no **Manual do professor**.

43

- ▶ Inicie a atividade 2 orientando os estudantes a, primeiramente, desenhar um grafismo na folha, de acordo com as imagens vivenciadas na unidade, ou a criar um grafismo próprio. Em seguida, eles devem marcar o meio da folha e, depois, realizar mais duas marcas de cada lado. Dessa maneira, é provável que consigam linhas com larguras semelhantes, mesmo sem o uso da régua.
- ▶ Para o trançado, os estudantes podem utilizar tiras de sulfite colorida, cartolina ou papel *color set*. Para um melhor acabamento, oriente-os a cortar as tiras da mesma largura e a planejar as cores antes de iniciar o trançado.
- ▶ Oriente os estudantes a alternar o início da “costura” em cada linha: uma começa por cima e a outra, por baixo.
- ▶ Espere a secagem de todos os trabalhos antes de iniciar a montagem da exposição. Outra sugestão é colar os trabalhos sobre um fundo mais encorpado, como um pedaço de papel-cartão colorido, por exemplo, formando um *paspatur*. Esse *paspatur* pode ser fixado com fita banana (dupla face mais grossa) nas paredes da sala de aula ou em outro ambiente escolar. Recorte pedaços pequenos de papel e solicite que façam uma legenda, atribuindo um título ao trabalho, escrevendo a técnica (trançado de papel), os materiais utilizados e o ano em que foi realizado.

AVALIANDO

Objetivo

- ▶ Avaliar se os estudantes se apropriaram da técnica do trançado em papel.

Sugestão de intervenção

Ao promover um momento de compartilhamento dos trabalhos por meio da exposição, solicite-lhes que comentem como realizaram seus trabalhos, quais as etapas, as dificuldades e o que acharam mais interessante nessa técnica. Se achar pertinente, explore mais a técnica do trançado, usando fitas de tecido. Eles poderão encapar um caderno brochura pequeno de capa dura com essa técnica. Serão necessárias fitas de tecido de largura média em duas cores e cola. Oriente-os a cortar vários pedaços das duas fitas em tamanho um pouco maior que a altura do caderno. Em seguida, devem colocar as fitas cortadas, uma ao lado da outra, alternando as cores, colando as pontas na parte interna da capa do caderno. Por fim, no sentido horizontal, devem trançar outros pedaços de fita, novamente alternando as cores e colando as pontas no lado interno da capa. Eles poderão usar esse caderno para fazer as anotações e esboços nas aulas de Arte.

BNCC

Na atividade 2, os estudantes vão experimentar a técnica do trançado em papel, bem como a elaboração de grafismos por meio do desenho, além de organizar uma pequena exposição, trabalhando, dessa forma, a habilidade **EF15AR04** e desenvolvendo a **Competência específica de Arte 3**.

► Prepare os estudantes para a atividade: enfatize novamente a diversidade de manifestações artísticas e culturais dos povos indígenas, também revelada pela produção cerâmica. Chame a atenção deles para cada imagem, perguntando: “O que vocês estão vendo aqui?”. Deixe que discorram sobre as imagens antes de responderem à atividade 1.

► Inicie a preparação da atividade prática que será apresentada na página 45, comentando que essa mesma liberdade expressiva será permitida na atividade de experimentação e modelagem da argila. Cada estudante pode imprimir sua marca por meio do grafismo que utilizará em sua produção e também por meio da forma como manuseia e estrutura seu objeto.

Orientações complementares

1. Incentive os estudantes a compartilhar suas respostas e a explicar como chegaram até elas. É possível que citem como diferenças as formas, os grafismos, as cores da argila etc.

AS CERÂMICAS INDÍGENAS

A argila é um material usado por vários povos indígenas para a fabricação de objetos necessários no dia a dia e em outros momentos, como nos rituais. Cada povo produz as suas peças com diferentes desenhos e pinturas, expressando, assim, as características culturais próprias.

Observe algumas cerâmicas feitas por diferentes povos indígenas.



● Cerâmica do povo Waurá, em Cuiabá, Mato Grosso do Sul, 2009.



● Cerâmica do povo Kadiwéu, em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, 2015.



● Boneca do povo Karajá, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2011.



● Cerâmica do povo Asurini, em Altamira, Pará, 2009.

- 1 Quais semelhanças você consegue identificar entre estas peças cerâmicas? E as diferenças, quais são?

Resposta pessoal. Veja orientações complementares no Manual do professor.

44

BNCC

Nesta página, os estudantes serão convidados a conhecer objetos feitos em cerâmica por diferentes povos indígenas, levando em consideração as diferentes etnias e suas tradições. Dessa forma, serão trabalhadas as habilidades EF15AR01 e EF15AR03, desenvolvendo a **Competência específica de Arte 1**. Ao apreciarem as bonecas Karajá, patrimônio cultural imaterial nacional, os estudantes vão trabalhar a habilidade EF15AR25 e desenvolver a **Competência específica de Arte 9**.

Referência complementar

► Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphhan.gov.br/pagina/detalhes/793>. Acesso em: 8 jul. 2021.

Nesta página, você encontrará informações sobre as bonecas da etnia Karajá, confeccionadas em cerâmica e pintadas com grande diversidade de grafismos, uma das inúmeras expressões culturais imateriais desse povo.

MODELAGEM

A argila é um material macio e flexível. Por isso, podemos construir peças com ela de diversas formas. Acompanhe o passo a passo de duas técnicas de modelagem com argila.

A TÉCNICA DA BOLA

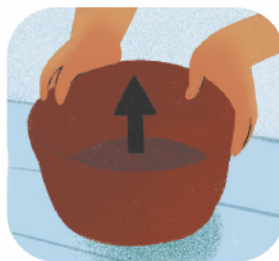
Todos os ambientes precisam de cuidados para serem conservados.



- 1 Amasse um pedaço de argila e modele uma bola.



- 2 Abra um buraco até o centro da bola e empurre a argila de dentro para as laterais.

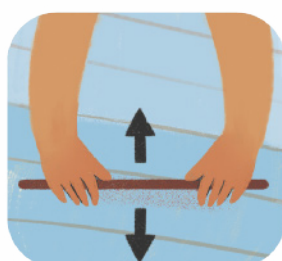


- 3 Aperte e puxe a argila para cima para modelar as laterais da tigela.

A TÉCNICA DO ROLINHO



- 1 Faça bolinhas com pedaços de argila e empurre cada uma até formar rolinhos longos.



- 2 Acerte a espessura dos rolinhos para formar laterais grossas ou finas.



- 3 Faça uma pilha de rolinhos apertando um sobre o outro. Depois, feche o fundo da peça e alise com os dedos todos os lados do objeto.

ILUSTRAÇÕES ERIKA LOURENÇO

- 1 Agora é a sua vez de colocar as mãos na massa e construir uma peça! Depois que a peça estiver modelada, com a argila ainda macia, use um palito para fazer grafismos que representem algo para você.

Veja orientações no **Manual do professor**.

45

- Prepare os estudantes para a atividade 1 por meio da leitura coletiva e atenta das técnicas da bola e do rolinho. Explique que os indígenas possuem diferentes técnicas de modelagem em argila. Assim, saliente aos estudantes que, na experimentação do material, eles poderão utilizar uma dessas técnicas ou criar uma nova forma de modelar a argila.
- Sugerimos que você deixe disponível em sala um bloco de argila único, para que os estudantes vivenciem a partilha do barro: cada estudante pega uma quantidade do material, pensando que precisa deixar para o colega pegar também ou doar parte da sua argila para um colega que ficou sem ou recebeu pouco.
- Comente sobre a importância da partilha da terra para os povos indígenas e sobre os rituais que abarcam o manuseio da cerâmica e que também permeiam a partilha e o diálogo.
- Sugerimos que a atividade seja desenvolvida em roda, para que possam observar, assimilar e até aprimorar os modos de modelar utilizados/desenvolvidos pelos colegas, pois crianças também aprendem observando outras crianças trabalhando com seus materiais de arte.
- Na técnica da bola, se a peça furar durante a etapa de modelagem das laterais, oriente os estudantes a refazer a bola e a recomençar o passo a passo. Oriente-os a não deixar as laterais da peça muito finas, evitando, assim, que fiquem frágeis e sem sustentação.

► Os estudantes poderão utilizar os grafismos que criaram na página 40, relacionados às características dos animais apresentados. Se preferirem, poderão elaborar outros grafismos, pensando e dialogando sobre o que esses desenhos representam para si. Quanto mais diferente um trabalho ficar do outro, mais potente será o entendimento das diferentes e possíveis técnicas, bem como das formas de construção em argila.

► Verifique a possibilidade de expor as peças criadas pelos estudantes em um espaço do ambiente escolar, para que toda a comunidade possa apreciar essa produção.

► Avalie se os estudantes compreenderam as técnicas apresentadas e se foram capazes de reproduzi-las ou de criar outras técnicas para confeccionar um objeto que se estruture. Também avalie se os grafismos estão em diálogo com as manifestações indígenas, averiguando se os estudantes aproveitaram um grafismo já existente ou se criaram um novo para adornar a peça.

BNCC

A atividade 1 tem como objetivo a **experimentação** de técnicas de modelagem em argila, dialogando com as tradições dos povos indígenas. Por meio desta atividade, os estudantes vão trabalhar a habilidade **EF15AR04** e desenvolver a **Competência específica de Arte 3**.

- O artista Dione Martins, conhecido como Xadalu, nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, e tem a sua origem ligada ao povo indígena guarani Mbya.
- Auxilie os estudantes a compreender que é o artista quem define o objetivo da obra que cria, mas que as diversas leituras dos espectadores podem dar novos rumos a esses objetivos. A obra pode ter caráter político, de protesto ou impacto visual, alterando a paisagem urbana e comunicando as ideias e percepções do artista sobre a vida, sobre o mundo, com base em formas de criação e expressão muito particulares.
- A técnica da serigrafia, comumente conhecida como *silkscreen*, é realizada por meio de um molde em tela vazado, que pode ser de seda ou náilon, no qual a tinta é aplicada com base na pressão de um rodinho. Essa técnica é muito utilizada para impressão em tecido e papel.

Orientações complementares

1. É esperado que os estudantes percebam que o artista, por meio de sua obra, leva para o espaço público imagens, modos de expressão e cosmovisões tradicionais dos povos indígenas, ressignificados em produções urbanas contemporâneas. Caso não percebam essas relações, faça perguntas disparadoras para que cheguem a uma resposta semelhante: "O que o artista pintou nesse muro?"; "Onde encontramos animais como esses?"; "Na cidade ou na floresta?"
2. Caso não se recordem, retome as imagens apresentadas na unidade, principalmente aquelas que estabelecem relações com animais. Em seguida, discuta que semelhanças percebem entre essas imagens e o trabalho realizado pelo artista.
3. É importante que os estudantes compreendam que levar arte para as ruas é uma forma de democratizar o acesso das pessoas a ela, já que, muitas vezes, os museus e instituições de arte se encontram em locais centrais das cidades e nem todos têm a oportunidade de ir até eles.

A CULTURA INDÍGENA VIAJA PELO MUNDO

Os seres humanos sempre inventam novas maneiras de expressar, por meio da arte, as suas ideias, tradições e crenças.

O artista Xadalu é descendente de indígenas Guarani Mbya e usa a sua arte como uma forma de chamar a atenção das pessoas para os problemas enfrentados por diversos povos indígenas.

Ao espalhar os seus adesivos, cartazes e fotografias pelas ruas de cidades do Brasil e de outros países, Xadalu divulga a cultura Guarani Mbya e contribui para sua preservação.

Observe um dos trabalhos de Xadalu.



● Fauna Guarani, do artista Xadalu. Grafite. 2017.

1. Você considera o trabalho de Xadalu importante para a preservação e valorização das culturas indígenas? Por quê?
2. Você encontra semelhanças entre o trabalho de Xadalu e as produções culturais indígenas apresentadas nesta unidade? Quais?
3. Você considera importante ocupar as ruas com arte? Por quê?

Respostas pessoais. Veja orientações complementares no **Manual do professor**.

46

BNCC

Por meio dos conteúdos desta página, os estudantes serão convidados a identificar e apreciar o diálogo entre a cultura tradicional indígena e seus desdobramentos na contemporaneidade, por meio do trabalho do artista Xadalu. Desse modo, trabalham as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR07** e também desenvolvem a **Competência específica de Arte 3**.

Observe a imagem ao lado.

Essa imagem mostra um exemplo de bichinho de madeira feito pelos Guarani Mbya. Ela simboliza o modo de viver dos Guarani e a relação desse povo com a natureza, bem como o seu grande respeito pelos animais.

Escultura de madeira do povo Guarani Mbya, da Aldeia Kalipety, no distrito de Parelheiros, São Paulo, em 2017.



FABIO COLOMBINI

- 4 Você percebeu semelhanças entre esse bichinho Guarani Mbya e o trabalho de Xadalu? Comente com os colegas.
- 5 Agora é a sua vez de representar esses bichinhos! Observe bem os detalhes de cada um deles e depois crie os seus desenhos nos quadros a seguir. 4 e 5: Respostas pessoais. Veja orientações complementares no Manual do professor.



Escultura de madeira do povo Guarani Mbya, Rio Grande do Sul, em 2014.



Escultura de madeira do povo Guarani Mbya, Rio Grande do Sul, em 2014.

FOTOS: ALE RUARO/PULSAR IMAGENS

47

Orientações complementares

4. Organize uma roda de conversa e discuta com os estudantes a pergunta. Oriente-os a estabelecer relações entre as esculturas do povo Guarani e as imagens criadas pelo artista Xadalu, em termos de temática e forma. Chame a atenção deles para as diferenças, principalmente em termos de cores e técnicas, perguntando o que mudou na imagem bidimensional em relação à tridimensional.
5. Diga-lhes que, na atividade 5, eles farão um processo semelhante ao do artista: criarão desenhos com base em esculturas. Os estudantes podem utilizar lápis grafite, giz de cera, lápis de cor e canetas hidrográficas. Antes de realizarem os desenhos sobre o livro, eles podem fazer alguns esboços em uma folha de papel à parte. É muito importante que observem atentamente antes de começarem a prática. Comente que podem desenhar os bichinhos vistos de frente ou de lado, assim como Xadalu fez com a onça e o tatu.

- Cada bichinho tem seu significado, dentro da cosmovisão dos Guarani Mbya, por exemplo, a coruja significa fortalecimento, direção e respeito; o tatu e a tartaruga deixam as crianças resistentes às doenças.
- Avalie os desenhos dos estudantes, repa-

rando se eles atentaram aos detalhes dos modelos e se foram capazes de representá-los graficamente. Caso tenham dificuldades, retome os desenhos realizados por Xadalu, para que tenham pistas de como desenvolver esse processo.

BNCC

Nesta página, os estudantes vão conhecer e analisar as manifestações artísticas do povo Guarani Mbya por meio das miniaturas de bichos em madeira e **experimentar** a representação de animais em uma prática de desenho, trabalhando a habilidade EF15AR04 e desenvolvendo a Competência específica de Arte 3.

- De acordo com a realidade da sua turma e da localidade onde a escola está inserida, decida se a pesquisa requerida na atividade 1 abordará a região onde os estudantes residem ou, com um enfoque maior, a região compreendida como agrupamento de estados brasileiros (região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste).
- Se considerar conveniente, elabore coletivamente uma lista de temas para nortear a pesquisa dos estudantes. Você poderá distribuir temas de pesquisa entre eles, para que realizem a atividade **em grupos**.
- No *site* a seguir, é possível encontrar informações sobre as diversas etnias indígenas e seus modos de vida. Sugira aos estudantes para usá-lo como fonte de pesquisa.
- **Povos Indígenas do Brasil.** Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%Algina_principal. Acesso em: 16 jul. 2021.
- Avalie qual é a melhor maneira de desenvolver essa etapa da atividade: como lição de casa ou em sala de aula. Explique aos estudantes que os resultados da pesquisa, bem como suas experiências em criar um trabalho artístico, serão apresentados na atividade 3.
- Na atividade 2, oriente os grupos a selecionar uma forma de expressão e realizar um trabalho artístico em conjunto. Pode ser um trançado em papel ou linha, desenho, modelagem em argila etc. Os materiais utilizados não dependem das técnicas e linguagens escolhidas.
- Na atividade 3, é esperado que todos os componentes dos grupos compartilhem seus conhecimentos e experiências de forma ordenada, respeitando o tempo de fala do outro. Apesar de o item c ter resposta pessoal, é desejável que os estudantes comentem como a pesquisa enriqueceu seus processos de criação.



CONHECENDO MELHOR AS CULTURAS INDÍGENAS

1, 2 e 3: Respostas pessoais. Veja orientações no **Manual do professor**.



1 Que tal pesquisar sobre um povo indígena da região onde você vive?



Antes de começar a pesquisa, pense em quais informações você gostaria de saber. Faça uma lista de temas, para ajudar na organização do seu trabalho. Nesta atividade, você pode se inspirar nos itens a seguir, mas também pode pensar em outros temas de seu interesse.

- Etnia.
- Brincadeiras e brinquedos.
- Alimentos.
- Palavras usadas no dia a dia.
- Histórias contadas para as crianças.

Anote no caderno todas as informações que você conseguir em sua pesquisa.

Cesto e esteira do povo Baniwa que vive no estado do Amazonas, 2015.



2 Agora, você é o artista! Por meio de desenhos, pinturas, colagens ou outras formas de arte visual, represente as informações que você pesquisou. Utilize uma folha avulsa para fazer o seu trabalho.



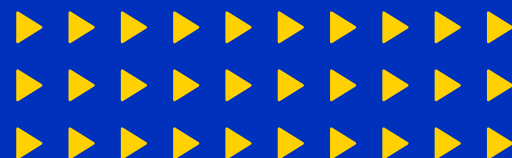
3 Esse é o momento de compartilhar experiências!

- a) Apresente o trabalho que você realizou depois da pesquisa e troque ideias com os colegas.
 - b) Quais informações vocês descobriram com suas pesquisas?
 - c) Em sua opinião, pensar em uma produção com base na pesquisa feita facilitou ou não o trabalho? Como foi o passo a passo da sua criação?
Resposta pessoal.
- Organizem um painel com os trabalhos realizados pela turma em um espaço da escola, para que outras pessoas conheçam o trabalho de vocês!

48

Por meio das atividades desta página, os estudantes vão pesquisar e conhecer os povos indígenas locais e expressar os conhecimentos adquiridos por meio de uma produção artística, trabalhando, dessa forma, as habilidades **EF15AR01**, **EF15AR03**, **EF15AR04** e as **Competências específicas de Arte 1 e 3**.

Realizar leituras para desenvolver a pesquisa proposta e anotar as informações encontradas propiciam o desenvolvimento da **compreensão de textos** e da **produção de escrita**. Na atividade 3, o componente **desenvolvimento de vocabulário** é contemplado no momento em que os estudantes usam o vocabulário específico, relacionado a informações sobre povos indígenas para apresentar o trabalho aos colegas.



Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

Para solicitar o acesso completo, entre em contato com a nossa Central de Relacionamento:

 **0800 772 2300**

 **www.ftd.com.br/contato/**

